HOMENAGEM

AOS

HEROES QUE PRECEDERAM

BRITO CAPELLO E ROBERTO IVENS

NA

EXPLORAÇÃO DA AFRICA AUSTRAL

1484 A 1877

OU OS

TERRITORIOS E LIMITES DAS PROVINCIAS DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE

DEMONSTRADOS E PATENTEADOS AO MUNDO

pelas mais antigas viagens, explorações e travessias de uma a outra costa, ao norte e ao sul, em todo o sertão da Africa meridional

POR

MANUEL FERREIRA RIBEIRO

Chefe da secção de aclimação e estatistica medica no ministerio da marinha e ultramar e redactor principal da *revista illustrada*

AS COLONIAS PORTUGUEZAS

1885

LALLEMANT FRÈRES, IMPRENSA, LISBOA

FORNECEDORES DA CASA DE BRAGANÇA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

AO

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conselheiro

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

COM A MAIS PROFUNDA ADMIRAÇÃO
PELO SEU BRILHANTE TALENTO

Offerece

M. F. RIBEIRO.

Ill.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Pinheiro Chagas

Na modesta Memoria, que tenho a honra de offerecer a V. Ex.a, procuro prestar homenagem aos heroes, que precederam Brito Capello e Roberto Ivens na exploração da Africa Austral, e levantar assim solemne protesto contra a propaganda d'aquelles que tanto applaudem e protegem o **Estado Livre do Congo.**

Não se contentam sómente em estenderem os limites meridionaes d'este phantastico **Estado** *atravez dos territorios do Muata-Ianvo e Muata-Cazembe. Levam muito mais longe a sua ousadia. Marcam nos* **seus mappas** *os centros commerciaes, que mais lhes agradam e não apresentam, como terra portugueza,* **a bacia do médio e alto Cuanza, todo o sertão de Benguella e a maior parte do de Mossamedes!**

A nossa exploração pratica, porém, alastrou-se desde logo por toda a região da Africa Austral, e muito ganhará a causa colonial, relembrando **as brilhantes expedições de colonisação,** *que, nos primeiros tempos, se enviaram aos valles do* **Zaire, Cuanza e Zambeze;** *as* **feiras** *que se estabeleceram nos vastos sertões do* **Congo, Angola, Benguella, Mossamedes, Lourenço Marques, Sofala** *e* **Rios de Cuama;** *as* **estações** *que, sob o nome de* **patrulhas,** *se estendiam a grande distancia da costa occidental; as* **feitorias e presidios** *que se levantavam como estações de protecção ao commercio; os* **contractos** *que se celebravam com os indigenas; e, finalmente,* **as expedições de obras publicas** *que partiram para as provincias de Moçambique e Angola em 1876 e 1877 — epocha em que se abre nova era para o nosso engrandecimento colonial.*

Fui dos primeiros que me alistei n'esta campamha, demonstrando o meu trabalho em successivas publicações, umas como documentos de estudo e outras como elementos de propaganda. Tambem tive o vivissimo prazer de, sob a conveniente applicação dos bons principios de hygiene exotica, não perder, no **sertão de Angola,** *nenhum dos expedicionarios que foram confiados aos meus cuidados medicos.*

E á frente da **revista illustrada—As Colonias Portuguezas,** *em collaboração com eminentes escriptores, tenho estado constantemente na arena, pondo em acção a propaganda que a sciencia aconselha e o nosso movimento colonial exige.*

E, se n'esta memoria invoco o nome de V. Ex.ª, como um dos nossos maiores talentos e como um dos ministros da marinha e ultramar que mais tem procurado desenvolver o progresso colonial, é porque estou convencido de que não lhe são indifferentes as divulgações que tenham em vista patentear **a nossa valiosissima exploração** *em toda a Africa Austral.*

E é pelo seu estudo comparado que melhor se póde fomentar a industria, estimular o commercio e encontrar a mais facil maneira de **criar receita,** *o que, na verdade, constitue a parte mais grave e mais importante de toda a questão colonial.*

E' ainda pelo seu estudo comparado que se nos pódem deparar dados preciosos para se avaliarem, com justo criterio, os **novos** *processos* **de** *colonisar e se podem obter inequivocas provas de que, nas terras da*

Africa Austral, alguma cousa ha a que senão tem attendido e que tem servido de embaraço, durante quatro seculos, aos mais audazes e promettedores emprehendimentos.

É tambem pelo seu estudo comparado que se póde chegar ao conhecimento do trabalho collossal que temos desenvolvido por toda a Africa Austral desde 1484. E que mais poderemos fazer agora?

As estações civilisadoras, a emigração, as obras publicas, a navegação, a marinha mercante, *não se conservam sem enormes despezas;* **o funccionalismo** *absorve tambem quantias importantissimas; as* **explorações** *reclamam mais e mais prolongados sacrificios.*

E produzirão as colonias as receitas indispensaveis para se applicarem aos seus melhoramentos moraes e materiaes?

Por que meios devem regular-se as relações economicas das colonias e da metropole?

São problemas de alta administração colonial a que me refiro apenas por incidente, mas os nossos largos e continuados trabalhos nas terras da Africa Austral, hoje illuminados por um traço rutilante lançado de uma a outra costa, mostram á evidencia o que mais convem fazer para transformar com sciencia, colonisar com arte e aproveitar com vantagem os territorios que se estendem dos lagos Ngami e Karri-Karri, costeados por Serpa Pinto até ao Muchiri, ao poente de Cazembe, aonde ultimamente chegaram Brito Capello e Roberto Ivens.

Esperam-se bons resultados das estações civilisadoras ou de pro-

tecção ao commercio atravez dos sertões de Angola e Moçambique, mas a primeira e principal estação civilisadora, a meu ver, é um bom **Instituto Colonial,** *onde se ensinem os* **dialectos africanos** *para mais facilmente se viver entre os indigenas;* **os principios de hygiene exotica** *para se evitarem as doenças mais frequentes;* **as culturas e processos agricolas; os usos e costumes** *dos indigenas;* **as industrias e aptidões productivas** *das differentes localidades para se não perder mais tempo em repetir experiencias tantas vezes feitas...*

E para complemento d'esse **Instituto,** *onde se deve fornecer tambem instrucção appropriada aos que se destinam, como elementos dirigentes, ás terras de Africa, cumpre diffundir por todo o paiz, em publicações populares, o amor á vida colonial, sem o que a emigração será sempre uma utopia.*

Vão demasiado estensas estas considerações, mas suggere-as a grandeza e gravidade do assumpto, que interessa ao paiz e ás colonias e em que não podem deixar de tomar parte todos os que amam a patria e desejam de coração a sua verdadeira prosperidade.

Novembro, 1885.

Manuel Ferreira Ribeiro.

AO PAIZ

Os trabalhos de Brito Capello e Roberto Ivens enlaçam todas as explorações, que se têem realisado nas terras da Africa Austral e evocam do silencio dos archivos a memoria dos heroes que os precederam. E esses nobres obreiros da exploração africana levantam-se orgulhosos, e, apontando para os territorios que elles tambem percorreram, que elles tambem exploraram, em que elles tambem soffreram e onde muitos d'elles deixaram a vida, exclamam :

— *São portuguezes todos os territorios desde Cabinda e Molembo a Lourenço Marques ;*

— *São portuguezes todos os territorios que nós descobrimos, que nós conquistámos, que nós recebemos pelos serviços que prestámos e que nós regámos com o nosso sangue, trabalhando, combatendo e soffrendo crueis martyrios.*

E assim fallam os heroes da nossa brilhante exploração africana, levantando-se á voz de quem soube imital-os, de quem soube honrar a patria, de quem soube fazer n'um só quadro a synthese de todas as explorações nas vastissimas terras da Africa Austral.

Mas os patrioticos trabalhos d'esse punhado de heroes não fructificaram como deviam, porque, além, em frente da Africa occidental, estão as terras do Brazil, largo producto da expansão portugueza, e lá ao longe, ao nascente, em frente da costa oriental da Africa, jazem os restos de um imperio mais assombroso que o do proprio Alexandre, e ali se gastaram forças sem conto e vidas sem numero !

— *E onde tinha Portugal mais gente para encher mais mundos?...*

A energia scientifica, o poder colonisador, a vida politica, emfim, esgotou-se, e Portugal enfranqueceu, caiu prostrado, mas não perdeu nunca a esperança, e surge nobre como no seculo xv, grande como no seculo xvi, e toma novamente o seu logar no convivio das nações que mais illustram o seculo xix.

E não esquecerá jámais a sua nobilissima missão. Exigem-no os heroes que precederam Capello e Ivens, e á geração moderna, e ás sociedades commerciaes e de geographia, e aos homens que estão dirigindo os altos destinos do paiz, e aos jornalistas que sabem imprimir caracter a cada epocha que vae passando, cumpre defender com todo o denodo o nosso poder colonial, sustentar com sincero patriotismo a integridade da nação, como potencia colonial de primeira ordem e levantar a opinão publica, chamando todos os portuguezes a collaborarem conscientemente no engrandecimento da patria.

Divulguem-se, em edições populares, as explorações antigas e modernas; distingam-se os logares de exploração e de colonisação; apontem-se os centros agricolas e commerciaes; ensine-se ao povo a vida colonial; mostre-se a natureza das culturas; transforme-se a administração economica de cada provincia do ultramar; descrevam-se as localidades; destribuam-se guias de colonos; criem-se institutos de colonisação; indiquem-se as terras mais ferteis, fazendo ver que as producções africanas obedecem a leis que lhes são proprias e não pó-

dem comparar-se, sob muitos pontos de vista, com as producções agricolas e commerciaes das Americas nem mesmo com as da Australia.

Ninguem conhece melhor a Africa do que os portuguezes: devem dar e não pedir lições; devem offerecer e não receber exemplos.

E a nação que, ao lado dos vastissimos territorios de Angola, dispõe de uma área commercial, que se estende do Cazembe a Manica por mais de 350 leguas e de Quilimane ás terras do Zumbo por mais de 250, que mais quer, de que mais precisa?...

Como deve fazer-se a exploração economica, pratica, effectiva, de *territorrios 30 vezes maiores que todo o Portugal e ilhas adjacentes?*

Que diversidade de climas, que diversidade de povos, que diversidade de aptidões agricolas e commerciaes!

E, comtudo, todos estes territorios são portuguezes e portuguezes de lei, como o attesta a exploração commercial, pratica, popular; como o demonstram as continuadas viagens e explorações antigas e modernas; como o significam os actos de posse e soberania, realisados por variados modos e em todos os tempos.

A celebre bacia commercial, inventada na conferencia de Berlim, não tem a menor significação, porque o curso de seus rios, e os territorios que os delimitam ou são portuguezes ou não foram ainda explorados!

A nossa grandiosa bacia commercial, formada pelo Cuanza e pelo

Zambeze não é talhada ao acaso, mas sempre percorrida em todos os sentidos pelos nossos aviados e pombeiros, moçambazes e funantes. São exploradores praticos, mas temos outros que recordam Livingstone, Cameron, Brazza e Stanley. Não são tres ou quatro, como podia imaginar-se; são centenas, e de muitos d'elles procuramos patentear os nomes, indicando os logares onde estiveram ou as terras que percorreram.

Tal é o nosso principal intento, dando á estampa este trabalho, e, se o publico animar tão modesta tentativa, apresentaremos outras memorias destinadas a pôrem em relevo os brilhantes feitos dos portuguezes em todos os territorios da Africa Austral.

MANUEL FERREIRA RIBEIRO.

LIVRO PRIMEIRO

DO ZAIRE A MOSSAMEDES

(Territorios occidentaes)

> **A' descoberta inicial, seguia-se o estudo minucioso, a verdadeira exploração, para nos servir da expressão moderna, das regiões descobertas.**
> **(Luciano Cordeiro, *Memorandum*).**

Secção I

Viagens e explorações no Congo

A primeira expedição que foi ao Congo verificou-se em 1484. Foi desempenhada por *Diogo Cam*, o qual tomou relações com os indigenas, e depois de algum tempo de demora, regressou a Lisboa, cheio de enthusiasmo. Trouxe alguns indigenas, deixando na côrte do rei do Congo alguns portuguezes. Voltou em 1486, levando os pretos muito satisfeitos. Recebeu os portuguezes, e seguiu para o sul, descobrindo toda a costa do reino de Angola e Benguella. *Diogo Cam* deve realmente ser considerado como um expedicionario e explorador de primeira ordem, podendo comparar-se com os mais distinctos d'este seculo.

Ao facto inicial da descoberta seguia-se a exploração,

como muito bem observa o erudito auctor do *Memorandum* sobre o Zaire. E as provas d'esta asserção deparam-se por todas as regiões aonde chegamos. Attente-se, por exemplo, nos seguintes factos em relação ao Congo.

—Em 29 de março de 1491 desembarcava no Zaire, na enseada de *Santo Antonio* ou do *Sonho* uma numerosa expedição sob a direcção de *Ruy de Sousa*, que substituira na viagem o commandante geral e principal embaixador *Gonçalo de Sousa.*

Compunha-se esta expedição de *missionarios, operarios e colonos* e fôra expressamente mandada pelo governo, partindo de Lisboa a 19 de dezembro de 1490, para satisfazer os desejos directamente manifestados pelos regulos indigenas e para iniciar difinitivamente a evangelisação christã e a exploração e a soberania portugueza [1].

É necessario, todavia, não esquecer que as expedições não eram enviadas ao acaso. Havia, pelo contrario, um plano sufficientemente estudado, embora se lhe tenha prestado pouca attenção, quando se discutem estes assumptos.

«Os escriptores do Reino que fallam d'este feito não declaram de que Religião eram, mas as memorias de nossa ordem dizem que El-rei escolheo n'ella sujeitos que, além das sagradas lettras, eram entendidos nas mathematicas, para que, nas horas que lhe vagassem da prégação, fossem inquirindo pelo sertão d'aquellas provincias, e do grande Rei do Abexim, que o vulgo chama Preste João, e havendo-a, procurassem chegar a elle [2].

1 Luciano Cordeiro, *Memorandum* sobre o Zaire, pag. 10, n.º 18.

2 *Historia de S. Domingos*, de Luiz Cacegas, ref. Fr. Luiz de Sousa, 2.ª parte. Refere-se o auctor aos prégadores, que deviam acompanhar o embaixador do rei de Benim e não do Congo, como já vi citado erradamente em memoria que especialmente se mandou para o estrangeiro.

Os exploradores e expedicionarios não eram aventureiros, nem escolhidos sem criterio. Entre muitos documentos comprovativos d'esta asserção citarei o seguinte:

«Deu este capitão *(Gregorio de Quadra)* tão boa conta a el-rei D. Manoel de tudo o que tinha visto e observado, e de tudo o que sabia da Arabia, da Ethiopia, e do grande lago, que reputava ser a origem do Nilo, do Zaire, e de outros grandes rios de Africa, que el-rei o julgou capaz de executar *o que desde muito tempo fazia objecto de seus pensamentos e meditações*, que era descobrir o caminho do Congo para Ethiopia por terra, esperando tirar grandes proveitos da communicação, que se abrisse entre os dous principes christãos seus alliados, cujos estados tinham portos maritimos em ambas as costas occidental e oriental de Africa [1].

Gregorio de Quadra partia para o Congo afim de abrir o caminho d'ali para as terras do Preste; e já então havia idéa de se explorar o curso superior do rio Zaire.

Bem sei que entre os geographos são conhecidos todos estes assumptos, mas não me parece destituida de interesse a reproducção e vulgarisação das provas com que se mostre bem á evidencia que temos uma exploração pratica, effectiva, nas terras da Africa, entre as nossas provincias de Angola e Moçambique, ao norte e ao sul, ao occidente e oriente.

Apresentarei, antes de proseguir, os limites que os escriptores estrangeiros assignalavam, no seculo XVII, ao nosso territorio do Congo.

«Estende-se o Congo desde o cabo de Sancta Catha rina, que está a dois graus e meio distante do Equinocial, na direcção do sul, até ao cabo de Ledo. Tem por

[1] *Indice chronologico*, etc. pag. 257.

limites do lado do Occidente o mar Ethiopico: do Meio-dia as montanhas da Lua, e os Cafres do Levante *da montanha, d'onde saem os rios que correm as fontes do Nilo*, e do Norte o Reino de Benim. E este Reino que comprehende desde a metade do terceiro grau do lado do meio dia até ao 13° grau de altura, contém por este meio seiscentas e sessenta milhas de Italia ou proximamente.

O rei do Congo commanda ainda na ilha de Loanda que está entre um ramo do rio Dande chamado Bengo e o rio Cuanza. Ha ainda algumas milhas sobre o rio Zaire cujos habitantes são feudatarios do rei do Congo. Este Reino está dividido em seis famosas provincias que são Bamba, Songo, Sunde, Pango, Batta e Bemba.

A provincia de Bamba está ao longo da costa, desde o rio de Ambrisi até ao rio Cuanza, e este paiz contém muitos senhorios. A mais afamada cidade d'esta provincia chama-se Bamba, visto que as capitaes dão o seu nome a todo o resto do paiz. Está entre os rios de Lose e d'Ambrisi e acha-se affastado do mar proximamente cem milhas de Italia.

A segunda provincia no reino do Congo chama-se Songo, está assente ao redor dos rios Zaire e de Loango, e estende-se até ao rio de Ambrisi do lado do norte no setimo grau e meio e termina junto dos rochedos vermelhos da fronteira do reino de Loango. A cidade capital d'esta provincia chama-se Sonho, de que todo o paiz toma o nome.

A provincia do Sunde acha-se assente ao redor da cidade do Congo, a que os portuguezes deram o nome de S. Salvador, e d'ali se estende pelo espaço de quarenta milhas de Italia, ou de oito leguas da Allemanha, tomando

cinco milhas por cada legoa, até ao rio Zaire. A sua principal cidade chama-se tambem Sunde.

A provincia de Pango foi outr'ora um reino á parte, e não estava sujeita ao rei do Congo. Confina ao norte com a provincia de Sunde, ao Meio dia com a de Batta, ao poente com a do Congo, e do Levante com as montanhas do sol. A cidade, capital do paiz, chama-se tambem Pango, e está assente á parte occidental do rio Barbele, que vem do lago em que o Nilo toma sua fonte.

A provincia de Batta confina ao norte com a de Pango e do Levante com o rio de Barbele e estende-se até ás montanhas do Sol, e ao pé das montanhas de Aphronite (do lado do Meio dia d'estas montanhas junta-se á Barbele, até á montanha *beuslee).* A principal cidade chama-se Batta e dá o seu nome a toda a provincia assim como ás outras.

Na provincia de Pemba vê-se a cidade do Congo, outr'ora chamado Banza, isto é, Côrte, e agora S. Salvador. Está assente á vista da montanha e afastada do mar proximamente 150 milhas de Italia. Tem á vista uma montanha bastante alta, que comprehende proximamente duas legoas da Allemanha. Está toda coberta de *bourgs*, de aldeias e de casas, e tem mais de cem mil pessoas[1].»

A nós, primeiro do que a qualquer outra nação, incumbe esclarecer as questões de geographia africana que hoje mais interessam á Europa, e urge pôr

[1] *Les états, empires* por D. T. V. Y. pag. 1:352, ed. de 1628.
D. T. V. Y. parece ser Davity, que no seculo XVII vulgarisou as viagens dos portuguezes na Africa. M. Delavaud escreveu sobre este livro uma excellente memoria. Entre nós são raras as edições de Davity, e apenas conheço os volumes que existem na bibliotheca nacional de Lisboa.

em relevo os factos para que não se vá divulgando a idéa, embora completamente infundada, de que não temos direitos adquiridos e que devam ser respeitados sobre os territorios que se estendem desde o lago Ngami ao Moero e desde Lourenço Marques a Cabinda e Molembo [1].

O seculo XIX é o seculo da propaganda, e nós precisamos accommodar-nos ao meio em que vivemos. Mais inclinados, todavia, ao trabalho do que ás letras, tão pouco animadas entre nós que alguns escriptores preferem antes escrever em lingua estrangeira do que na propria, deixamos correr á revelia, por largos annos, os nossos mais sagrados direitos, os nossos mais valiosos interesses.

As viagens á região dos lagos foram começadas pelos nossos viajantes e exploradores portuguezes logo nos primeiros annos depois da sua chegada ás terras da Africa Central.

Abundam as provas que fundamentam esta asserção.

M. Dapper, em 1686, fazendo um estudo critico das obras de maior nomeada, entre as quaes se contam as de João de Barros, Pierre Davity, Damião de Goes, Jarric, Leão Africano, Duarte Lopes ou Pigafetta, Ptolomeu e Balthasar Telles, representa o Zaire, saindo de um grande lago, denominado — lago Zaire — da parte septentrional — e Zembra — da parte opposta.

Não desejo fazer o estudo comparativo da região lacustre da Africa Central, mas alegrou-me vêr tão importante trabalho, cuja exactidão pude confrontar

[1] V. mappa da travessia de Capello e Ivens ou a ligação das provincias de Angola e Moçambique. (Brinde aos assignantes da revista illustrada — *As Colonias Portuguezas*, numero 9, setembro de 1885).

a respeito dos logares que percorri na provincia de Angola[1].

São curiosissimos os mappas geographicos, que elle apresenta, e surprehendeu-me o panorama da cidade de S. Paulo de Loanda de que aliás dá idéa muito approximada.

São portuguezas as principaes fontes a que M. Dapper recorreu para a organisação do seu notavel trabalho, e elle mesmo nos falla das viagens dos pombeiros ao interior d'Africa Central.

Todos os reis de Portugal prestaram muita attenção ao reino do Congo. D. Manuel logo no principio do seu reinado determinou (1504) mandar para ali homens letrados na sacra theologia, entre os quaes enviou mestres de lêr e escrever[2].

Com a morte do rei do Congo, em 1509, sobrevieram grandes desintelligencias entre os herdeiros, ateando-se a guerra e vendo-se o legitimo successor em grande perigo.

Os portuguezes residentes no Congo prestaram-lhe tão valioso auxilio que este mandou offerecer vassalagem a el-rei D. Manuel, cujo monarcha em signal de lhe acceitar o preito lhe mandou carta de armas e vinte mil escudos de brazão para os grandes do reino.

A carta do rei do Congo para D. Manuel tem a data de 1512.

Augmentaram e floresceram as missões nos reinados de D. Affonso e de D. Pedro, e era grande o commercio que tinhamos n'aquella região (1512 a 1540).

[1] *De Loanda a Ambaca,* pelo Cuanza, Massangano, Dondo, Cazengo, 1877 a 1878.

[2] Descobrimento e posse do reino do Congo por José Joaquim Lopes de Lima. *Ann. mar. e col.* pag. 96.

Foi tambem por este tempo que se tentou fazer explorações ao interior, no que muito se empenhavam os portuguezes ali residentes, principalmente *Balthasar de Castro* em 1526, e *Manuel Pacheco* em 1536.

Por outro lado, em 1546, D. João III recommendava aos portuguezes residentes na Abyssinia que tentassem abrir caminho d'ali para o Manicongo.

Não se tinha tentado ainda a exploração do valle do rio Cuanza, quando um inesperado acontecimento apressou os preparativos para tão importante empreza.

Começaram os armadores de S. Thomé a frequentar o porto de Loanda, e isto deu origem a uma embaixada do rei de Angola ao rei de Portugal, de cujo resultado me occuparei no logar competente.

Cumpre-me ainda commemorar a expedição de *Francisco de Gouveia* em 1570, indo em soccorro do rei do Congo que se via ameaçado pelos jagas do sertão.

Se são dignos de louvor os trabalhos do afamado explorador Stanley, não devem de certo ser esquecidos os do aguerrido *Francisco de Gouveia*, o qual, depois de porfiada lucta, destruiu os jagas ou zimbas e restituiu o reino a D. Alvaro.

«Gentilezas de valor portuguez presencearam aquellas inhospitas brenhas que mereciam mais larga escriptura, mas infelizmente os heroes portuguezes d'aquella época — Cezares em conquistar — raras vezes o eram em escrever, e se alguem escreveu d'essa conquista taes manuscriptos se sumiram com outros muitos de grandissimo interesse, na voragem da usurpação castelhana [1].»

[1] *Descobrimento e posse do Congo,* por J. J. Lopes de Lima. *Ann. mar. e col.*, pag. 103.

Oito annos depois de *Francisco de Gouveia* chegou ao Congo *Duarte Lopes*, permanecendo n'aquella região por espaço de doze annos.

Conhecia os usos e costumes dos habitantes do Congo, e entendia nos negocios do reino tão bem que o rei do Congo o estimava muito, e o julgou digno de ser mandado a Portugal e a Roma tratar de assumptos que o rei do Congo tinha em grande consideração.

As narrações de *Duarte Lopes* foram coordenadas por Filippe Pigafetta.

E, se não houvesse uma exploração pratica, effectiva, nas terras do Congo, fazendo-se travessias geraes e parciaes em differentes sentidos, não podia ser tão exacto *Duarte Lopes*, chegando ao Zaire n'uma época em que os trabalhos geographicos não tinham a importancia nem a protecção que se lhes dá no seculo XIX e principalmente nos ultimos annos.

Foram realmente grandiosos os trabalhos de *Diogo Cam*, *Ruy de Sousa* e *Duarte Lopes*. Não poderam os seus venerandos nomes, invocados por patriotas eximios, salvar toda a região que elles descobriram, exploraram e descreveram, mas foi por certo a sua memoria illustre que se oppoz ao completo desapparecimento de todas as terras do Congo.

Perdemos, é certo, a margem direita do grande rio, que de facto e de direito nos pertencia, mas em compensação foi-nos reconhecida por toda a Europa a vasta região que se estende sob o paralello de Noqui, pelo sertão do Congo até ao Coango, explorado por *Capello e Ivens*, e d'ahi até ao Muata-Ianvo.

Aos trabalhos de Brazza podiamos oppor os de *Ruy*

de Sousa e aos de Stanley correspondiam com vantagem os de *Duarte Lopes*.

E que esperamos fazer agora?...

Ha realmente uma vasta região a explorar, e não devem esquecer-se os tempos de *Ruy de Sousa*. Os processos que então se empregavam são valioso coefficiente de correcção ou antes poderosa lição para os trabalhos de hoje.

Ruy de Sousa, ao retirar-se do Congo, pediu aos portuguezes que lá ficavam que fossem além do grande lago...

Nós escusamos de querer *ir mais além*. Cumpre-nos apenas saber aproveitar, com bom criterio, o que por ali nos ficou[1], e evitar, sobre tudo, os systemas de colonisar, que, produzindo sempre grande *deficit*, atrophiam os melhores esforços e inutilisam as mais dedicadas vontades.

Secção II

Viagens e explorações em Angola

Tendo ido os mercadores da ilha de S. Thomé, como já disse, á ilha de Loanda negociar, representou o rei do Congo, e a 7 de maio de 1548 tirou-se uma devassa d'este negocio e os commerciantes de S. Thomè não poderam voltar ao porto de Loanda para fazer transacções.

[1] A parte do vastissimo territorio do Congo, que nos foi reconhecida por toda a Europa, e equatorial propriamante dita, e está em condições muito especiaes para d'ella se tirar o proveito correspondente aos novos sacrificios que ali vamos fazer.

Occupar-me-hei d'este assumpto na Memoria dedicada ás explorações modernas, isto é, aos trabalhos realisados em Africa depois de 18[illegible], e ahi indicarei alguns factos caracteristicos, inteiramente peculiares dos climas equatoriaes africanos.

Acudiu logo a reclamar o rei de Angola, mandando uma embaixada a Portugal que, segundo observa *Lopes de Lima*, devia chegar a Lisboa em 1557, e no principio do anno de 1560 partiu para Loanda *Paulo Dias de Novaes*, aportando ali em meio d'este mesmo anno.

Paulo Dias de Novaes, n'esta primeira viagem á costa de Loanda, juntou ao nome de navegador o honroso titulo de explorador.

Foi elle o primeiro que effectuou uma viagem pelo valle do rio Cuanza, dirigindo-se ás celebres pedras denominadas Mapungo, Pungo-an-dongo ou Pedras Negras, para onde foi desterrado um ministro e secretario de estado no reinado de D. José I.

O explorador, servindo-me do termo hoje adoptado nos trabalhos d'esta natureza, começou por um reconhecimento geral ou antes pela observação e estudo do paiz. Foi grande a sua surpreza e admiração, vendo a poderosa vegetação dos valles dos rios Cuanza e Lucalla. Recolheu finalmente á sua embarcação, e levantou ferro, navegando para Lisboa a fim de dar conta da commissão de que fôra encarregado.

Diogo Cam e Paulo Dias de Novaes foram muito felizes nas duplas viagens que fizeram á costa do Congo e Angola, e, se um no descobrimento de todo o littoral deu provas de muita coragem, o outro, internando-se, levou a sua dedicação ao extremo, morrendo oito annos depois de porfiada lucta na villa de Massangano, no sertão de Loanda e deixando assim brilhante exemplo para futuros governadores.

Foi *Paulo Dias* que, depois de voltar de Lisboa para Angola, desembarcando na ilha de Loanda, lançou os alicerces para uma egreja.

Passou em seguida á costa fronteira, onde deu principio á fundação da cidade de Loanda, dirigiu-se depois para Calumbo na margem direita do rio Cuanza, ergueu a fortaleza de Anzelle, açampou em Massangano[1] junto á confluencia dos rios Lucalla e Cuanza, onde em 1877 esteve a expedição do caminho de ferro de Ambaca.

No tempo de *Paulo Dias de Novaes* era frequente o transito do Congo para Angola, o que este benemerito explorador e governador reconheceu, quando fez a sua viagem da costa até ás pedras de Pungo-an-dongo, no anno de 1560.

Entre as explorações que se realisaram no sertão da provincia de Angola, devo recordar as de *Balthasar Rebello de Aragão*[2] (1598 e 1607, em que se propoz fazer uma travessia), *Garcia Mendes Castello Branco*, *Manuel Cerveira Pereira* (1604 e 1615), *Luiz Mendes de Vasconcellos* (1618 e 1629, instituindo-se em 1625 as feiras do Dondo, Beja e Lucamba), *Antonio Teixeira de Mendonça* (1645), *Antonio Teixeira de Moraes* e *Diogo Mendes Morales* (1648, no governo de Salvador Corrêa de Sá Benevides, instituindo-se a missão de Cahenda, 1651).

Foi por este tempo que chegou a Loanda *Antonio de Oliveira Cardonega*, auctor da historia das guerras de Angola, podendo considerar-se um dos mais competentes chronistas por ter residido na provincia cerca

[1] Tive occasião de examinar a villa de Massangano quando ali passou a expedição dos estudos do caminho de ferro de Ambaca.

[2] Na bella collecção — *Memorias do Ultramar* — reproduz o sr. Luciano Cordeiro importantes informações dadas por Baltnasar de Aragão a respeito das *terras e minas* na Africa Central. Calcula em 28 annos a residencia d'este explorador na provincia de Angola.

de 40 annos. A sua historia escripta, ao gosto do tempo, estende-se atè ao anno de 1680.

Augmentava de dia para dia a nossa influencia nos habitantes do sertão de Angola, estabelecendo-se os capuchinhos italianos na Matamba, criando-se a missão de Bangoaquitamba, e, passando além das pedras de Pungo-an-dongo no rio Guanza [1], empenhou-se *José da Rosa* (1678) em prolongar as suas viagens até aos rios de Senna.

As viagens ao Muata-Ianvo teem sido feitas por Cassange e pelo Bié, e póde dizer-se que d'aquelle territorio para Lunda e d'aqui para Tete o caminho tem sido bastante frequentado. Todos sabem que são muito trilhadas as veredas entre Lunda e Cassange, onde o commercio se tem feito com mais facilidade.

Os habitantes de Lunda levam os seus productos a uma e outra costa, e este territorio tem sido percorrido pelos nossos negociantes e descripto por muitos viajantes, que teem nome distincto entre os exploradores.

São conhecidas estas descripções, e serviram para a construcção da carta allemã, em que está distincto por meio de côr especial o territorio reconhecidamente frequentado e explorado pelos portuguezes. É realmente a indicação natural da nossa provincia Angolo-Moçambicana, e por isso está demonstrado á saciedade que nos pertencem de facto e de direito os territorios que se estendem, como já disse, do lago Ngami ao Moero e d'aqui até Cabinda e Molembo.

N'uma especulação commercial, do Bié para o Muata-

[1] O roteiro do rio Cuanza para ós rios de Senna é discutido na secção II, livro terceiro.

Ianvo, segundo *Joaquim Rodrigues Graça*[1], é preciso attender ao seguinte:

1.° Assentar arraial ou fazer Quilombo em *Muzaza*. É um logar importante para negociar com os povos de Catende, Quiôco, Luena e habitantes do alto Cassaby.

2.° Estabelecer feitoria em Sacambuge, ficando em relação com os potentados de Quibuica, Canáu, Musso-Cadanda, etc.

3.° Fixar-se nas terras mais occidentaes do Cazembe, podendo fazer negocio com os povos do Lubege, Lua, Luvar, etc.

4.° Escolher a margem do rio Lurua, onde habitam tribus importantes, e a Challa ultima estação antes do Muata-Ianvo[2].

O mesmo Rodrigues Graça diz que os habitantes do Muata-Ianvo vão fazer negocio aos rios de Senna.

Os europeus estabelecidos em Malange estão muito relacionados com as tribus do interior, e muitas d'ellas

[1] Viagem de Joaquim Rodrigues Graça, encarregado por s. ex.ª, o fallecido José Rodrigues Bressane Leite, de explorar os territorios dos regulos por onde transitasse, de examinar seus usos e costumes, religião, superstições, fórma de seus governos, conhecimentos de agricultura, rios, suas nascentes, navegaveis, ou innavegaveis, mineraes e todos os mais objectos em geral, por instrucções que lhe foram dadas em 18 de março de 1843. *Annaes do Conselho Ultramarino*, vol. de 1854 a 1858, pag. 142.

[2] Seria tornar este trabalho muito estenso se quizesse reproduzir as informações do explorador Joaquim Rodrigues Graça e que estão publicadas a pag. 107—(descripção do Biè);—a pag. 111,—(indicação dos terrenos proprios para canna, tabaco, algodão, etc.); a pag. 122 — descripção do Quiôco etc. Transcreverei comtudo as seguintes linhas para se apreciar o modo por que se explicava o explorador ao atravessar o rio Cuanza quasi á mesma altura em que o passou o sr. Serpa Pinto.

«Que extensas e lindas varzeas não possue este potentado nas margens do Cuanza !!! Que estalecimentos se não poderiam fazer n'este ameno solo!! Que reditos não percebe este Regulo! Só o artigo fretes de seus portos, dos viajantes que transitam para o interior como: Quiôco, Bunda, Quiengo, Bomba, Luena, Luvar, Ambuellas, Cangilla Cambuca, Cassaby, etc., com suas cargas, regulando cada uma a um panno equivalente a quatro centos réis, a quanto não orça?!! (*Annaes do Conselho Ultramarino*, pag. 117.)

veem fazer negocio á villa do Dondo, como tive occasião de presenciar, quando ali passei em 1878.

Os povos, com que mais se commerceia, são os seguintes: Quissamba, Libollo, Bailundo, Ambaca, Dembos *Ginga*, Songo, Cassange (Banglas), *Quiôco e Lunda*.

Enumerei apenas os povos mais affastados, que teem relações commerciaes com os habitantes da villa do Dondo, e fica d'este modo bem patente que são frequentes as viagens entre os povos que habitam os territorios comprehendidos entre as provincias de Angola e Moçambique e os habitantes d'uma das principaes villas, e que foi em outro tempo uma das feiras mais affamadas.

Ainda que não tivesse verificado este facto quando estive no Dondo, Cazengo e Ambaca, encontraria no livro de Livingstone exhuberantissimas provas de que a nossa exploração pratica se estende a todo o sertão Angolo-Moçambicano [1].

Muitas teem sido as travessias feitas desde Loanda para diversos logares do interior da provincia de Angola. Não posso referir-me comtudo a todos esses itinerarios, poisque se tornaria demasiado extenso este trabalho, e ainda assim não poderia dar informações completas a respeito de cada um d'elles.

Ha todavia uma exploração que pela sua natureza, importancia e resultado merece ser relembrada, e, dizendo algumas palavras a tal respeito, só tenho em vista prestar homenagem á memoria de um insigne explorador, devendo ser collocado entre aquelles que se dedicam e consagram de coração ao desempenho de tão arduas commissões.

O *dr. Frederico Welwitsch* foi commissionado pelo

[1] Veja-se a secção I, livro terceiro.

governo portuguez para estudar a flóra na provincia de Angola. Demorou-se por muito tempo n'aquella região, visitando as cataractas do rio Cuanza, as formosas ilhas de Cabemba, e, em Sange, encontrou-se com o dr. Livingstone, que viera da cidade do Cabo até á cidade de Loanda, e d'ali voltára de novo para os territorios comprehendidos nos limites das provincias de Angola e Moçambique.

A importancia da exploração de Welwitsch pode avaliar-se bem, attentando-se no seguinte documento.

«Resolvida a partida, verificou-se logo, e lutando com as doenças, com quantas difficuldades são proprias de similhantes expedições, emprehendidas em paragens como as que deviam ser o objecto d'esta, conseguiu aquelle naturalista percorrer e examinar 120 milhas geographicas de littoral, desde a embocadura do Cuanza até Quizembo ao norte do Ambriz e para o interior 250 milhas, contadas sobre o prolongamento do rio Cuanza até Bança de Quizonde, abrangendo n'esta observação 2:500 milhas quadradas, em cuja área foi comprehendido, além de outros, o districto do Ambriz, o do Golungo Alto, Ambaca, Pungo-an-dongo e Cambambe, as margens dos rios Loge, Lifune, Dande, Bengo e Cuanza, as serranias das Pedras de Guinga, as mattas de Quizonde e Condo, situadas no vasto territorio de Angola.

Depois d'esta penosa e forçadamente demorada digressão, na qual foram colhidos os representantes de mais de tres mil especies da flora de toda esta região, com muitos outros objectos de historia natural e as notas que devem acompanhar similhantes collecções, não resistiu o *dr. Welwitsch* a visitar Benguella, e ainda mais demoradamente os districtos de Mossamedes e Huilla.

O numero dos objectos e os apontamentos com isso não só duplicaram, mas augmentaram de valor pelo grande interesse que nos deve merecer esta ultima parte da Africa Portugueza destinada sem duvida a ser para nós um novo Brazil, como tanto promette a amenidade do seu clima, a variedade de producções inter-tropicaes e a muita riqueza de que é susceptivel.

Sete annos durou a digressão toda do sr. *Welwitsch* pela Africa. Havendo escapado ao risco das doenças, e até das guerras dos pretos, no meio das quaes se achou envolvido na Huilla, voltou á Europa rico de noticias e objectos, cujo conhecimento e regular entrada no dominio da sciencia tem sido esperados com verdadeira anciedade; é forçoso, porém, confessal-o, muito mais ainda fóra do nosso paiz do que n'elle mesmo[1].»

Á importante e fecunda exploração realisada por *Welwitsch* deveria seguir-se o estudo do clima d'aquella região, o da lingua, aproveitamento dos terrenos pela agricultura, etc.

A nada d'isto se tem attendido, nem sobre as viagens e explorações já realisadas se organisaram trabalhos, onde possa vulgarisar-se tudo quanto temos feito em as nossas terras Angolo-Moçambicanas, para se evitar que o explorador de hoje desconheça os trabalhos do explorador de hontem, julgando novo e

[1] Dr. Bernardino Antonio Gomes. — Uma viagem scientifica em Angola pelo dr. Welwitsch commissionado do governo portuguez. *Annaes do conselho ultramarino*, 1859 1867. pag 49 e 50,

Registo factos, não faço descripçõs nem organiso traços biographos e limito-me por isso, a prestar homenagem a estes benemeritos peoneiros da civilisação africana, relembrando os nomes, indicando os trabalhos e os logares, que elles exploraram ou descreveram.

suppondo-se descobridor do que estava já conhecido e explorado[1].

O estudo da salubridade relativa de cada localidade, o da sua cepacidade productiva e o dos dialectos dos indigenas, são os mais importantes emprehendimentos depois da construcção das estradas e vias acceleradas de que, felizmente, se está tratando.

Para reconhecer as vantagens do estudo da linguistica, por exemplo, julgo conveniente transcrever o seguinte trecho d'um livro publicado no principio d'este seculo:

«Não é de pequena extensão o terreno, em que esta lingua (bunda) se falla, como farei brevemente ver, servindo a curiosidade do leitor, e, recommendando ao mesmo tempo ainda mais a importancia da obra. Falla-se a lingua bunda em todo o paiz, que se chama reino de Angola, ou reino dos Abundos, que comprehende um territorio de maior extensão que Portugal.

«Ainda que o reino de Angola pela costa não se estenda a mais de quarenta a cincoenta legoas, comtudo dilata-se muito para dentro do sertão; e tanto que, em Cassanc'i, que é a feira mais entranhada n'elle, fallam aquelles povos a lingua bunda, como foi certificado por varios pombeiros, que haviam estado n'aquellas partes fazendo negocio de escravatura, cêra e marfim.

[1] As missões que se levaram até grandes distancias da Costa; *os presidios*, em muitos dos quaes se fizeram observações meteorologicas; as celebres *expedições* do seculo XVII ao valle do rio Luinha, e onde se realisaram em 1877 os estudos para o caminho de ferro de Ambaca, mostram, nas suas differentes phases, que os esforços dos portuguezes para se fixarem nos sertões de Angola datam de muito longe. Volta-se de novo a estas tentativas em mais larga escala, e seria gravissimo erro não aproveitar as lições do passado.

«Eu mesmo tendo feito christão, um filho natural do potentado Cassanc'i, este não fallava em outra lingua, senão na bunda: de sorte que em todos os districtos, feiras, presidios e freguezias dos tres rios Cuanza, Senza e Dande, e, ainda os povos do rio Luffuni (exceptuando os moradores da Bança do Libumgo, que fallam em lingua do Congo) todos se explicam em bundo até ao presidio das Pedras de Eucogi, onde uns fallam a lingua bunda, e outros a do Congo.

«No rio Dande se falla a lingua bunda em todo o districto da capitania mór do Dande, em todas as terras dos Sovas e Potentados Nabua-Ngongo, Quinghengo, Ambuillá, etc., até á nação dos Mah'ungos. No rio Senza se falla a lingua bunda em todo o districto da Missão do Bengo, que ordinariamente é governada no temporal pelo capitão da barra do mesmo rio.

«Falla-se em todo o grande districto do Gullungo, que é uma vasta provincia bem povoada: em todas as terras de Quilambas, Quimbaes, Sovas, e Dembos, que estão comprehendidas n'este districto: na capitania mór do presidio de Ambaca, e em todo o recinto da sua jurisdicção, e até mesmo no districto da Missão de Cahenda, que é governada no temporal pelo dito capitão do presidio de Ambaca, a qual missão confina da parte do Norte com os Mah'ungos, de leste com os povos de Giaca, e da parte do sul, que chamam H'ari, faz fronteira com os povos da rainha Ginga.

«A lingua dos Mah'ungos é mui semelhante á bunda; e, havendo eu entrado nas suas terras em uma das minhas missões volantes, me demorei nas

terras do Sova Muani-Quissegui, que tive a felicidade de fazer christão com toda a sua familia, e um grande numero dos seus subditos, ficando desde então aggregado á Missão de Cabenda; e vi que este povo era entendido dos meus interpretes, e, fallando estes em bundo, eram do mesmo povo percebidos. Os povos da Giaca fallam a lingua bunda a qual se vai entranhando a longa distancia pelo sertão dentro; de sorte que, desde Loanda até á Missão de Cahenda, se podem contar cento e oitenta legoas, segundo um calculo provavel.

«No rio Cuanza tambem se falla a lingua bunda, dentro do districto do capitão mór da barra, no districto da Missão de Calumbo, pertencente aos padres da terceira ordem da penitencia, em toda a jurisdicção do capitão mór do presidio de Muchima, no recinto do capitão mór de Massangano, e Sovados, Quilambas, e Quimbaes, em todo o circuito da jurisdicção do capitão mór do presidio de Cambambe, e nas terras dos seus visinhos, os potentados do Libolu, em todo o districto da jurisdicção do capitão mór do presidio das Pedras de Pongo-an-dongo, e Sovas, e potentados a elle sujeitos.

«Finalmente falla-se a lingua bunda nas terras da Ginga pelo sertão dentro até á ultima Feira de Cassanc'i, que distará de Loanda mais de quinhentas legoas. A mesma lingua do Congo, posto que differente, tem varios termos do idioma bundo, comprehendendo este uma extensão vastissima de paizes, e, chamando-se não sem fundamento, lingua geral[1].»

[1] *Diccionario da lingua bunda ou angolense* explicada na portugueza e latina por fr. Francisco de Cannecattim. Lisboa, 1804, pag. VI, VII, VIII e IX.

Ninguem dirá, á vista do exposto, que o estudo da lingua bunda não tem importancia nem grandissima utilidade [1].

Não é sómente pela estensão geographica que devem medir-se as vantagens de uma lingua.

A administração, o commercio, a religião, a influencia politica será tanto mais profunda quanto mais facilmente os funccionarios, que desempenham estas funcções, poderem comprehender os indigenas, evitando os chamados *interpretes*.

A estas razões poderia ainda ajuntar outras, mas ninguem póde desconhecer o alcance de taes affirmativas, e torna-se por isso inutil insistir no assumpto.

A criação de *sanitarios* ou estações de saude é, por certo, um dos mais poderosos meios, e talvez o unico, para se desenvolver e augmentar a immigração e a colonisação.

Em relação ás estradas e vias acceleradas, de que necessariamente ha de resultar augmento da receita publica, não posso entrar em largas considerações. Direi, comtudo, que os logares percorridos pelo dr. *Welwitsch* desde 1853 até 1861, principalmente, Golungo Alto, Ambaca, Cazengo, Cambambe e Mas-

[1] Não ha curso colonial, onde se ensinem as linguas africanas, mas seria injustiça esquecer os trabalhos do distincto philologo A. F. Nogueira. Foi este notavel explorador regional que, tendo residido doze annos no sertão de Mossamedes, estudou os dialectos dos indigenas, fez o seu exame technico, pratico, e organisou os primeiros vocabularios scientificos que entre nós se publicaram.

Deu tambem á estampa uma notavel obra intitulada: *A raça negra sob o ponto de vista da civilisação d'Africa*.

Foi incontestavelmente o sr. A. F. Nogueira quem divulgou os elementos mais indispensaveis para se poderem escrever correctamente os dialectos da Africa Austral.

Tem alto merecimento o seu ultimo trabalho sobre — *O Lu'n Kunbi* — dialecto do grupo O'n Bundo que se falla no interior de Mossamedes, e na revista illustrada — *As colonias Portuguezas*, publicou importantes informações sobre a agricultura da ilha de S. Thomé.

sangano, foram explorados pelos engenheiros *Manuel Raphael Gorjão* e *Arnaldo Ernesto de Novaes Rebello.*

A topographia dos valles dos rios Dande, Bengo e Cuanza e muitos dos seus affluentes, a navegabilidade, represamento e systema de irrigação, a disposição e fertilidade dos terrenos, as construcções de estradas, etc., tudo foi estudado com bastante minuciosidade por aquelles distinctos engenheiros, e urge que se escreva um livro apropriado, com todas estas indicações, para que os colonos, que ali se queiram estabelecer, saibam os recursos de que pódem lançar mão.

Acompanhei, na qualidade de medico, e assisti ao desenvolvimento de todos os trabalhos de campo, percorrendo os valles dos rios Luinha e Sumbi, subindo ao cume das montanhas mais proximas e fazendo attento estudo das condições climicas dos sitios em que acampámos.

Os estudos definitivos do caminho de ferro de Ambaca por uma parte, e por outra, o reconhecimento geographico da bacia hydrographica do rio Cuango pelos exploradores *Brito Capello e R. Ivens,* ficando de intermedio apenas Malange e Cassange, são fontes seguras para se consultarem, e evitarem assim muitos erros, remediarem muitos males e salvarem muitas vidas quando se principiar a construcção e se tratar da remoção de terras.

O caminho de ferro póde concorrer, innegavelmente, para o progresso da provincia de Angola, mas tambem póde ser um desastre immenso ou um desengano gravissimo, se não se tomarem todas as providencias que a sciencia e a hygiene aconselham e as numerosissimas lições do passado patenteiam a quem as quer ver.

Não deve cuidar-se apenas da parte material, urge tambem mostrar o que ali temos feito, enlançando e completando as informações que se teem obtido em diversas epocas. E, sobretudo, no que deve haver grande cuidado é em estudar as condições de vida de cada tribu, a natureza das producções das terras, poder assimilador, usos, costumes, e relações mais ou menos intimas, que os indigenas teem tido com as povoações portuguezas ali estabelecidas ha muitos annos.

E nós que possuimos informações completas de toda a vasta região Angolana, aonde mandamos as melhores expedições e onde temos os melhores centros commerciaes, passaremos, e com razão, por ignorantes, se não soubermos applicar as lições que ali se estão dando para seguirmos ávante, aos mercados de leste, e ahi fundarmos novos focos d'acção e ganharmos novos elementos de vida colonial...

O que é o *Dondo,* o que é *Massangano,* porque não progride *Cazengo*, porque não se colonisa o *Bengo,* porque não se desenvolvem *Pungo-an-dongo, Ambaca, Malange, Duque de Bragança,* e porque não se explora o médio e alto Cuanza?

Qual é o meio pratico de activar o commercio, animar a navegação interna e externa e criar receita para se fazer face a todas as despezas?

Desde *Paulo Dias de Novaes* e de seus heroicos contemporaneos até *Frederico Welwitsch, Raphael Gorjão e Novaes Rebello*, reconhece-se, sente-se, uma evolução colonial Angolana, embora intermittente muitas vezes, mas altamente significativa para os colonisadores ou antes para os negociantes que para ali queiram ir estabelecer-se.

E saber aproveitar essa evolução, evitar-lhe as intermittencias e transformal-a segundo os modernos processos de colonisar — deve ser a patriotica missão da geração moderna, o supremo cuidado dos governos, a gloria de todo o paiz...

Secção III

Viagens e explorações em Benguella

Realisou-se em 1617 a primeira expedição ao territorio de Benguella propriamente dito. Foi desempenhada por *Manuel Cerveira Pereira,* e houve-se com tanta felicidade, como *Diogo Cam* no reino do Congo, e *Paulo Dias de Novaes* no de Angola.

Chegou *Manuel da Cerveira* á foz do rio Longo, mas não gostou do local para estabelecer uma povoação. Passou em seguida á bahia de Santo Antonio ou do Sombreiro. Desembarcou, tomou posse e lançou os primeiros fundamentos da povoação de S. Phillipe de Benguella, por onde, em 1877, entrou a expedição geographica destinada a estudar os territorios comprehendidos entre Angola e Moçambique.

Lançados os fundamentos da cidade, foi ao Dombe, e, depois de se mostrar militar destemido e explorador distincto, viu-se obrigado a voltar para Loanda por se terem rebellado contra elle cinco capitães, um frade e um clerigo que o mandaram preso em 1618[1]. Em 1620 re-

[1] José Joaquim Lopes de Lima, *Ensaio sobre a estatistica de Angola e Benguella, 1846.*

gressou de novo a Benguella, estendendo o nosso dominio até ao presidio de Caconda.

E' realmente singular a circumstancia de se terem feito, logo no principio da nossa conquista, estudos ou reconhecimentos preliminares antes de se levantar qualquer povoação e de se começarem as explorações em larga escala, sendo desempenhadas as primeiras expedições ao Congo, Angola e Benguella com grande distincção e gloria dos portuguezes n'aquellas vastas regiões.

Entre as viagens mais notaveis, que se fizeram no sertão de Benguella, occupam logar importante as de *Antonio Gomes de Gouvêa*, o qual realisou a travessia da foz do rio Suto, ao sul do rio Cuanza, até á villa de Massangano.

Gouvêa fez tres vezes este trajecto (1645), e sempre com feliz resultado.

A nossa influencia estendeu-se por todo o sertão de Benguella, tornando-se insignes muitos generaes em successivas batalhas e descobertas.

Em 1685 prestam vassalagem os jagas de Caconda e são severamente castigados os Quissamas, e *José da Nobrega e Vasconcellos e Manuel Simões*, em 1718, alcançam grande victoria sobre todos os sobas visinhos de Caconda que se colligaram contra nós.

Este heroico feito foi commemorado em provisão de 24 de novembro de 1719, sendo louvado *Manuel Simões*.

Será sempre honroso para nós ouvir fallar do heroe que nos annos de 1718 e 1722 engrandeceu a sua patria n'aquellas paragens.

Ao glorioso nome de *Manuel Simões* podiam juntar-se mais alguns portuguezes benemeritos que tanto concor-

reram para o augmento do nosso poderio. Ha, porém, um acontecimento dos ultimos annos do seculo XVIII a que já tive occasião de referir-me, não deixando comtudo de o memorar mais uma vez.

O exercito que partiu de Benguella para castigar o soba do Bailundo e seus alliados, atravessou Dombe de Quissamas e Quillengues, esteve em Caconda e foi reunir-se ao exercito que, partindo de Loanda, se dirigiu a Pungo-an-dongo, passou o rio Cuanza, penetrou no sertão de Benguella, e encontrando-se com o que partiu de Benguella, seguiram para o norte até Mlacla[1].

Estas informações do seculo passado (1774 a 1776) teem sido ampliadas em differentes epocas, mas as que se referem á travessia do exercito, estão admiravelmente bem dispostas, e por ellas se construiu o seu roteiro em 1876.

De Benguella e respectivo sertão ha informações obtidas em diversas datas, e são dignas de referir-se n'este logar as de 1799, relativas á hydrographia d'esta immensa região.

Em Benguella, propriamente dita, já se indicavam n'essa epocha 10 rios; no concelho de Quillengues, 38; no de Caconda, 25; no de Hambo, 13; no de Galangue, 29; no de Bailundo, 17; e, finalmente, no de Biè. 9.

Na sua viagem de Quillengues a Caconda, em 1856, diz *João José Liborio:*

«Não houve occorrencia desagradavel, apenas alguns pequenos embaraços na passagem dos caudalosos rios que banham aquelle vasto e fertil paiz e que todos vão desaguar no rio Cunene.»

A'cerca do districto de Biè existem as informações de

[1] Vidè carta geographica de Pinheiro Furtado (1776).

Joaquim Rodrigues Graça[1] e *Ladislau Magyar* com as respectivas cartas geographicas. Só d'este explorador ha tres roteiros em differentes direcções, partindo sempre do Biè.

A respeito das Tribus do Nano, margens do Cunene e Cubango são tambem importantes as informações de *José d'Assumpção e Mello, Bernardino Josè Brochado*, *José Marià Lacerda*, *João Francisco Garcia, Antonio Francisco Nogueira*, *Paulo Martins Pinheiro, Gregorio José Mendes, L. C. C. Pinheiro Furtado, José Joaquim Lopes de Lima, Francisco Xavier Lopes*, etc., etc.

Do alto Cuanza, da região superior do Cuando e do Cubango existem as informações do viajante *Antonio Francisco da Silva Porto* e *Ladislau Magyar* com os respectivos mappas geographicos.

As relações hydrographicas do rio Cuanza, por exemplo, com os affluentes do Cubango, foram reveladas por *Ladislau Magyar* como se comprova de um modo irrecusavel pelas seguintes informações:

«As terras descriptas[2] são atravessadas por differentes rios; acreditar-se-hia por isso que seria facil avançar por cima d'estes rios até ás terras do interior. Porém, para a navegação do mar até ao interior da terra só é proprio o Cuanza; as embocaduras dos

[1] Seria dar demasiada estensão a este trabalho transcrever todos os documentos dos nossos viajantes e exploradores nos territorios comprehendidos entre as provincias de Angola e Moçambique. Alegra-me todavia a leitura dos seus roteiros, a simplicidade das suas palavras e o cunho da verdade que n'elles transparece. Lei-os com verdadeira satisfação, e, ao escrever o nome de *Joaquim Rodrigues Graça*, não posso deixar de recordar-me das palavras de mr. d'Abbadie, dirigidas ao sr. Serpa Pinto.

Joaquim Rodrigues Graça atravessou numerosas tribus sem ter que derramar uma só gota de sangue dos indigenas e sem perder um unico dos carregadores. Aqui tem mr. d'Abbadie mais um explorador modelo, sincero e amigo de toda a humanidade.

[2] Biè, Bailundo, Caconda, Galangue, etc.

outros rios são fechadas por bancos de aréa; além d'isso os seus leitos são cheios de impetuosas correntes e cataractas, a mais pequena das quaes é sufficiente, para impedir a navegação, especialmente na parte do mundo, onde a industria e o espirito de empreza ainda não estão accordados. O proprio Cuanza offerece muita difficuldade á navegação. Da embocadura para cima até á estenção talvez de 40 milhas, isto é, até á primeira cataracta, é, ha muito, navegado por embarcações mais pequenas. Mas d'esta cataracta para cima, talvez a 12 milhas de distancia, é o Cuanza, por causa das muitas impetuosas correntes que se seguem umas ás outras, totalmente innavegavel. O leito do rio está cheio de grandes bancos de rocha, que, segundo a minha opinião, não pódem ser tirados pelo trabalho humano. Assim, sómente se poderia remediar este obstaculo, se para o transporte das mercadorias se construisse um caminho de ferro na margem norte, atravez das possessões portuguezas, que se estendem pela margem direita da corrente até ao logar de Kissendi, que igualmente se acha em poder dos portuguezes. No indicado sitio poderiam as mercadorias ser outra vez embarcadas, porque d'ali para cima é o Cuanza, até cerca de 200 milhas, navegavel em todas as estações do anno, sem difficuldade; e podia-se mesmo do Cuanza navegar a grande distancia para cima tambem por muitos confluentes d'elle.

«O Cutàto, no Bailundo, é navegavel por barcos chatos desde a embocadura até cerca de 50 milhas. Mais longe o Kuniyinga, e especialmente o Kokéma, podia ser, atravez do Biė, da mesma sorte navegavel cerca de 50 milhas. Pelo lado do norte, poder-se-ia percorrer o Lombe,

mais longe o Luando, e d'esta maneira avançar para nordeste atravez das terras dos Mungoya ou Massongo e por conseguinte chegar ás terras mui ricas em cera. No consideravel Kuiva com os seus bellos meandros, poder-se-ia navegar para leste, atravez das terras dos povos Kimbandi, até á proximidade de Rariongo na terra Lutshasi, pelo menos igualmente 50 milhas para cima. O Kuyo navegavel desde a sua embocadura até cerca de 30 milhas levaria finalmente até á proximidade do rio Kuitu-an-Zamboella, que corre do norte para o sul.

«As terras banhadas pelos mencionados rios teem importante riqueza de productos, a saber: marfim, cêra, gomma copal, pelles, e a industria, despertada pela navegação, daria certamente muitos outros productos ao presente totalmente desconhecidos.

«Com respeito á civilisação dos indigenas, não a considero impossivel. O clima das terras — Kimbumba, é em geral moderado e sadío, de sorte que os europeos facilmente se acostumam a elle[1]».

Fica exuberantemente provada a importancia das vias fluviaes do sertão de Benguella e a sua communicação com o rio Cubango, que se dirige para o sul.

«Em todo o *Nano*, que vem a ser todo o paiz comprehendido entre Caconda-Nova para o Norte até ao rio Aço, os Sovas principaes são: os de *Balundo,* de *Ambo*, de *Quiaca*, de *Quitata* e o de *Galangue*, alem de uma infinidade de Sovêtas seus subordinados. No sertão inferior e para o Sul, estão os poderosos Sovas de *Quilengues*, de *Quipungo*, de *Gambos,* e de *Avila,* ou o formidavel *Canina* que estende os seus dominios pelo vasto continente dos *Cobaes, Mocoanhocas,* e *Mocorocas*; habitantes do

[1] Ladislau Magyar.

Cabo Negro, atè aos Hottentotes, que já foram seus vassallos, e que por negligencia dos seus *Ambas* (ou Sovas) saccudiram o jugo do Canina; muitos outros Sovêtas e potentados ha tambem n'este sertão, sujeitos aos quatro mencionados. De Benguella para o Norte pelo caminho de *Quissangue*, atravessando o Balundo até ao rio Aço, contamos oitenta legoas, pouco mais ou menos, de sertão conhecido e vassallo da corôa portugueza. De Benguella para o Sul, pelo caminho de *Quilomata, Lombimbe, Quilengues*, *Bemby, Quipungo* e *Gambos* até ao Humbe, dividido pelo grande Cunene, temos *cem legoas* seguras e tambem *Vassallas*. De Benguella, atravessando pelo meio d'estes dois sertões, e andando para Leste pelo caminho de *Sápa Ianjála*, *Caconda Nova, Monhembas, Galangue* e *Obié*, paiz regado todo pelo util e bem conhecido rio Coanza, temos cem legoas, e d'este rio até ao Sova de *Levar* hade haver *oitenta legoas;* de paiz pacifico e bem trilhado por alguns dos sertanejos, a quem os habitantes tratam bem e com os quaes fazem commercio interessante. É moderna esta descoberta, e devida inteiramente á diligencia e ambição dos moradores do sertão, que tiveram talvez adiantado o seu commercio e o seu descobrimento se tivessem sido auxiliados. Temos pois de Benguella para dentro caminhando para Leste, boas cento e oitenta legoas de sertão trilhado e conhecido [1].

«*José d'Assumpção e Mello,* natural da Bahia, incitado por um Preto descendente do Loval se animou a ir áquella terra a fazer negocio, levando em sua companhia o dito Preto, e indo primeira e segunda vez fez um bom negocio, ainda que com bastante trabalho e risco, e á 3.ª vez

[1] Observações sobre a viagem da costa d'Angola á costa de Moçambique, por José Maria Lacerda, 1787 a 1798. (Extracto) *Annaes maritimos e coloniaes 1844*, pag. 198 e seguintes.

foi com elle *Alexandre da Silva Teixeira* natural de Santarem o qual me relatou a viagem na fórma seguinte:

A 22 de setembro de 1795 partiram os referidos *Mello* e *Teixeira* da cidade de Benguella com suas fazendas e chegaram algum tempo depois á provincia de Loval.

Tem esta provincia 60 legoas de comprimento e 10 de largo, pouco mais ou menos, com muitos Povos, demarca pela frente com o Sova de Luy, e Amboellas pelo lado direito com os Poderosos Sovas Amboellas, Bunda, e Canunga, pelo esquerdo com os Sovas Vassallos do Grande Sova dos Molluas, e pela rectaguarda com os Sovas Quiboque, e Bunda, o Sova e todos os seus Povos são mansos e trataveis, e fizeram boa Hospedagem aos dois Certanejos, e com lisura o negocio, não consentindo Ladroeiras, n'esta parte com melhor fé do que os d'esta Capitania, porque quanto mais ao longe, mais sinceros são, e menos velhacos, e disseram que desejavam muito que fossem muitos negociantes negociar ás suas terras, e segundo disseram, e deram alguns signaes não serão d'ali muito distante os Rios de Sena da Capitania de Moçambique[1].»

As explorações teem-se repetido com moiores ou menores intervallos e entre outras tem, por certo, grande importancia a de *Ladislau Magyar*, principalmente feita na zona equatorial propriamente dita.

D'uma carta d'este distincto explorador extracto uma parte, que está intimamente ligada com o trajecto do sr. Serpa Pinto em 1878, e que é a seguinte:

«No anno de 1849, no principio do mesmo, sahi de

[1] Breve noticia da grande provincia de Loval e do caminho da cidade de Benguella para ella, por *Alexandre José Botelho de Vasconcellos*. Benguella, agosto de 1799. *Annaes maritimos e coloniaes*, 1844, pag. 160.

Benguella com a direcção E, passando o montanhoso Amba e Bailundo, cheguei atè Biè, descrevendo quanto me era possivel a geographia physica dos ditos paizes, determinei o curso manancial d'uma parte dos rios que se deitam ao mar entre os graus nove e doze, latitude Sul, como os rios: Longa, Cuvo, Novo Redondo, Quicombo, Egypto, Rio Tapado e Anha.

Observei estes paizes em sentido geognostico, botanico e metallurgico, que é abundante e interessante. Depois d'uma demora de alguns mezes no Biè, me levantei para seguir na mesma direcção; e passando o caudaloso Cuanza, com duas observações astronomicas determinei o manancial d'este rio, pois muito me interessava em saber este ponto importante até hoje tão erradamente descripto nos mappas da Africa.

D'aqui na direcção ENE. n'uma direcção diagonal atravessei os dilatados reinos de Lu-chazi e Bunda, notei o curso de muitos rios navegaveis como são: Vindica, Carime, Cuima, Cambale, todos elles tributarios do grande Cuanza. No reino do Cariongo, mudando a direcção para E. nos dilatados e desertos matos de Quiboque, alcancei o ponto culminante do Continente Africano no hemispherio do Sul; este ponto debaixo 10° 6' lat. S. e 21° 19' long. E de Greenwich, com calculo barometrico, achei-o 5:200 pés acima do nivel do mar.

Duvido que se ache um ponto mais interessante para um geographo do que este; pois que n'um pequeno perimetro de 30 a 40 lagoas quadradas, aqui tomam origem muitos rios caudalosos, deitando uns as suas aguas para O., no mar Atlantico e outros com dirrecção opposta no Oceano Indico; portanto com

justa razão se póde chamar o reino de Quiboque a mãe das aguas Africanas no hemispherio do S. Aqui tomam a sua origem os rios acima mencionados: Vindica, Cuima, Cazima Cambale, o enorme e volumoso rio Cassabi, o qual no seu curso para E. divide os reinos de Lobar e Catema-Cabita do estenso imperio de Lunda, onde, depois de reunir com o rio Luloa, muda a direcção para NE; e com uma largura de uma legoa, entrega as suas aguas ao Oceano Indico em um logar por ora desconhecido; os rios Lu-gebungo, Lu-tembo, Lumegi, Lume, Luena, Quifumage, todos caudalosos e aptos para a navegação, e são affluentes do grande Diambeze, que supponho ser o mesmo Zambeze ou Sena, que ao pé de Quilimane entra no mar.

Na minha demora de um anno e tres mezes n'estes sertões da Africa, onde penetrei até 4° 41′ lat. S. e 25° 45′ lon. E., nas cabeceiras do rio Diambege, procurei obter os mais amplos conhecimentos possiveis sobre a geographia de muitos dilatados reinos até hoje desconhecidos, sobre a estatistica e politica dos tres reinos da historia natural, e ter em ordem diaria as minhas observações meteorologicas; pois julguei não dever omittir nada que possa illustrar a geographia, até hoje desconhecida, d'estes vastos Paizes[1].

«A provincia de Galangue é a mais aprasivel de todo aquelle sertão; quasi no meio d'ella ha um outeirote chamado do Cabata, onde tem uma libata fortificada; n'este alto nasce de uma pedra um olho d'agua, a melhor que vi em todo o sertão.

1 Carta ao governador de Benguella sobre o interior da Africa austral por Ladislau Amerigo Magyar, escripta em Gambos em março de 1853. *Annaes maritimos e coloniaes*, vol. de 1854-1858, pag. 238.

D'este alto descobre-se por todos os lados tudo quanto póde alcançar a vista até ao horisonte, sem embaraço algum. Esta planice é regada de muitas e boas aguas, quasi tudo é povoado de libatas e lavouras, que offerecem um delicioso objecto á vista. Ha por aqui muitas libatas de brancos; finalisa esta provincia pela parte de Leste no rio Cubango. Este e o Cutato que se lhe segue para o mesmo rumo, e todos os mais, que atraz deixâmos, como são o rio Qué, o rio Cúe, o rio Catape (junto ao presidio de Caconda nova), o rio Cuando (junto a Guingolo), o rio Caláe, o rio Cunhunganha, e outros anonymos tributam todos no rio Cunene (que tem seu nascimento em Candumbo). Eu o vi nascer no meio de um pequeno monte, e sendo ali o seu cabedal duas telhas d'agua, pouco mais ou menos, correndo elle para o Oeste e Oes-Sudueste, a menos de 20 legoas de distancia, é já tão rico, que dá logar a ter ilhas no meio em que tem libatas, como a do Sova Quimbungo das Quipuças, de um numeroso povo, e se não passa, senão em canôas. E' abundantissimo de aguas todo este sertão, e seguindo para Leste do rio Cutato, séguem-se os povos Muganguellas. Já estes não usam armas de fogo, e só innumeraveis flexas, todas com farpas de ferro, feitas por elles, e cada um traz na sua aljava cento, e mais. Eu vi algumas na Libata de Baedeamuxinda fortificada, aonde havia mais de oito mil combatentes de flexas quando a fui atacar[1].»

E quem poderá duvidar ainda de que toda a bacia hydrographica do rio Cuanza nos pertence?

Com que direito ou sobre que factos se fundam os *se-*

[1] Noticia da cidade de S. Filippe de Benguella e dos costumes dos gentios habitantes d'aquelle sertão por Paulo Martins Pinheiro de La-cerda, coronel reformado, escripta em Loanda em novembro de ... *Annaes maritimos e coloniaes*, n.º 12, 1845, pag. 489 e 49...

ctarios do phantastico *Estado Livre do Congo para eliminar das suas costas*, como terra portugueza, o valle do médio e alto Cuanza?...

Em 1872 foi creado o logar de capitão-mór do Biè para decidir as contendas dos negociantes ali estabelecidos[1].

Entre os acontecimentos mais fecundos que se teem verificado no sertão de Benguella deve considerar-se o da chegada da expedição geographica ao Biè em março de 1878.

Acampada sobre o plan'alto do Biè, a expedição geographica tinha presentes os mais bellos e interessantes problemas da hydrographia africana, problemas que tanto importavam a Portugal e que tanta consideração merecem de todos os sabios da Europa.

O alto Cuanza e seus affluentes, de que nos fallaram com tanto enthusiasmo *Rodrigues Graça* e *Ladislau Magyar*; a celebre cordilheira Mossamba e um dos primeiros affluentes da margem esquerda do Zaire, o Cuango, tantas vezes atravessado pelos portuguezes; o alto Zambeze e as suas relações com o Zaire; os affluentes da margem direita do Zambeze e o celebre rio Cubango, de curso tão incerto e que, segundo o estudo critico das observações até hoje feitas, parece dirigir-se para o lago 'Ngami; finalmente o rio Cunene e os seus affluentes completavam uma serie de problemas qual d'elles o mais digno de attenção.

[1] Nas terras do primeiro d'estes potentados (Biè, Bailundo, Quibala e Longo) tivemos nós grande influencia; ali tivemos um capitão-mór, João Nepomoceno que governou o Bihé 18 annos por nomeação de D. João VI. Teve tal influencia este capitão mór que nada se fazia sem o seu concelho. (Memoria sobre o presidio de Pungo-Andongo por Francisco de Salles Ferreira, *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 1845, pag. 118).

As informações que reuni a respeito das explorações e viagens em Benguella são sufficientes para chamar a attenção de todos, e não se esquecerem as terras da bacia hydrographica do rio Cuanza, na sua zona alta. Os rios que ahi se deparam, em grande parte navegaveis, a fertilidade dos terrenos e as numerosas tribus que os habitam, e tambem a necessidade de as tornar conhecidas, fornecendo-lhes os objectos da nossa industria, são razões bastantes para se ligar esta região com a rede das *estações civilisadoras ou de commercio*, que se pretendem lançar de uma a outra costa para commemorar a brilhante travessia, realisada por Capello e Roberto Ivens.

Secção IV

Viagens e explorações em Mossamedes

A exploração da costa, que fica ao sul de Benguella e do respectivo sertão, foi iniciada em 1784 por *Gregorio José Mendes* e o tenente coronel de engenheiros *L. C. C. Pinheiro Furtado*[1] sendo governador da provincia o barão de Mossamedes. Foi tambem por esta occasião que á Angra do Negro se deu o nome de bahia de Mossamedes, para recordação do governador que se empenhára para tornar conhecida uma região tão proxima do territorio de Benguella e por nós descoberta nos ultimos annos do seculo xv.

1 O itinerario autographo do explorador *Gregorio José Mendes* está na secretaria da marinha e ultramar, assim como a correspondencia do tenente coronel L. C. C. Pinheiro Furtado. Serviram estes trabalhos de base ao excellente escripto estatistico que Lopes de Lima organisou a respeito da provincia de Angola.

As primeiras investigações, infelizmente, não despertaram a attenção dos governadores da provincia, e os successores do barão de Mossamedes não a deram aos trabalhos que se haviam começado, e tudo foi esquecido!

O que é certo é que só 55 annos mais tarde chegou á provincia quem de novo promovesse o estudo do territorio de Mossamedes. Foi encarregado de uma nova exploração capitão-tenente *Pedro Alexandrino da Cunha*, devendo examinar o littoral, e *João Francisco Garcia* os territorios do interior. O trabalho d'estes exploradores está publicado nos *Annaes maritimos e coloniaes*, e por elle se guiou José Joaquim Lopes de Lima para a organisação do seu *Ensaio Estatistico* sobre Angola na parte que diz respeito ao sertão de Benguella e Mossamedes.

Repetiram-se desde então as excursões pelos alto-planos mais affastados, tornando-se algumas d'ellas muito interessantes.

Bernardino José Brochado percorreu larga zona de terrenos virgens, e descreveu os povos do Humbe, Camba, Mulondo, Quanhama, Aymbire, Terra de Bale, Uanda, Cuffima, Dongo, Mucuancallas ou Mucassequeres, Quamba, Ganjella, Quamattui, etc.

Todas estas terras pertencem ás bacias hydrographicas dos rios Cunene e Cubango central[1].

São factos que preciso referir com minuciosidade, porque é necessario que a verdade transpareça á vista de informações bem determinadas.

O sr *Bernardino José Brochado*, em 1847, esteve na Quanhama, tribu que habita no valle do Cunene, lado esquerdo, entre este rio e o rio Qualude, affluente, por leste, do Cunene.

[1] *Ann. do Cons. Ult.*, 1854 a 1838, pag. 187 e seguintes.

A bacia hydrographica do Cunene central, além de ter sido explorada pelo sr. *Brochado*, foi examinada pelos srs. *Antonio Francisco Nogueira*, *Ladislau Magyar*, *Sebastião Nunes da Matta*, etc.

A comparação e critica dos trabalhos d'estes exploradores está infelizmente por fazer. Julgo, porém, conveniente recordar alguns, para se poder formar idéa segura do valor e importancia de todas estas informações.

O sr. *Antonio Francisco Nogueira*, que residiu por mais de doze annos no valle do rio Cunene, propoz ha muitos annos (1861!!) que se estabelecessem colonias ou que se occupassem regularmente não só os valles dos rios Cunene e Cubango[1], mas tambem os territorios comprehendidos entre estes dois rios.

Eis o itinerario entre seus valles segundo o sr. *Nogueira*, tomando por base Humbi sobre o Cunene, e Mucosso ou Bucosso, na margem direita do rio Cubango.

Do Humbi ao Quamatui, um dia; do Quamatui ao Quanhama, um dia; do Humbi ao Quangari dezeseis dias; do Quangari a Bunja, dois dias; do Bunja ao Sambio, dois dias; do Sambio ao Dirico, dois e meio dias; do Dirico ao Bucusso, tres dias[2].

O Quangari é a primeira terra que se encontra, partindo da Quanhama ou de Caffima, na margem direita do Cubango, e todas as outras, d'ahi por diante, são situadas nas proximidades d'aquelle rio, ao longo do seu curso.

A direcção do Cubango, do Quangari por diante, é approximadamente ESE.

[1] Vide *Jornal do Commercio*, n.º 6869, de 30 de setembro de 1876, 2.ª pag. col. 1.ª

[2] Vide Mappa de Angola, pelo marquez de Sá da Bandeira, 3.ª edição, 1870 e o de Bernardino José Brochado.

O Cubango é um rio caudaloso e muito largo, contendo ilhas, onde estão estabelecidas varias povoações dos gentios.

Para E., a tres dias de viagem do Cubango e do Bucusso está o paiz do Makololo, tambem chamado Genge, e cujo soba Xi-Kerete tem por vezes assolado o Bucusso e outros povos visinhos.

Alem d'este ha outro itinerario pela Camba, pequeno paiz situado a um dia de viagem ao NE. do Humbe e a quatro dias do SE. dos Gambos e é o seguinte:

Da Camba ao Var ou Balle um e meio dias; do Var a Caffima, tres dias; de Caffima ao Quanguari, treze dias. Da Camba ao Quahama são tres dias.

O espaço que medeia entre os valles do Cunene e Cubango foi sempre muito frequentado pelos aviados dos negociantes de Mossamedes.

São prova do que affirmo os roteiros indicados pelo sr. *Nogueira*. Mas não me soccorro sómente ás informações d'este distincto observador.

Na Memoria de *Bernardino José Brochado*, no seu respectivo mappa e no do marquez de Sá da Bandeira, estão positivamente indicados os itinerarios dos negociantes e aviados, que se affastam do rio Cunene para o interior da provincia, chegando ao Cubango, passando ao Genge ou seguindo para a bacia hydrographica do lago 'Ngami, tendo sido encontrados n'essas paragens tanto por Livingstone como por aviados das casas commerciaes do Zumbo e de Tete.

Em 1845 foi creada uma colonia na Huilla, e pelos annos de 1847 a 1850 houve grande animação em todo o districto de Mossamedes, fazendo-se muito negocio com os povos do valle do rio Cubango, indo os aviados

até Dirico, na margem direita e jusante da confluencia dos rios Cuito e Cubango, como está patente na carta geographica de *Bernardino José Brochado* (1851). São conhecidos, como já disse, os povos que vivem entre os rios Cubango e Cunene: os principaes são os do Bucusso ou Xitoto, Dirico ou Indirico, Sambio, Bunja e Quangari, juntos á margem direita do rio Cubango, estando do lado esquerdo apenas o ultimo.

Entre os rios Cunene e Cubango estavam pelos annos de 1851 os Bacancalla ou os Mu-Cassequeres do sr. Serpa Pinto, e, alem d'estes, encontram-se os seguintes:

Donga, Quambe, Qualude, Quanhama, Ayimbire, Hinga, Quamatui de Nay Binga, Hamba e Nhembas, etc.

As viagens do sertão de Mossamedes e de Benguella para o valle do rio Cubango e lago 'Ngami, quando não tivessem sido cabalmente demonstradas por David Livingstone, o que mostra a nossa influencia n'aquellas terras, tinham provas exuberantes no que deixo exposto e é relatado com a maxima exactidão pelos nossos exploradores.

Um dos roteiros mais conhecidos dos aviados e negociantes do interior de Mossamedes é o seguinte:

Da margem direita do Cunene (Camba) passam para Mulondo, atravessam o rio Cunene, deparando-se depois o Quitanda, outro affluente da margem esquerda do Cunene, de cuja existencia não é licito duvidar. Chegam á margem direita do rio Cubango, a montante do rio Quatir, affluente da margem esquerda do rio Cubango. Depois de passarem para a margem esquerda, e vadiarem o rio Quatir, dirigem-se ao rio Tamba-Quatir, distinguindo-se assim um rio do outro, o que é necessario não esquecer.

Entram finalmente no Quangari, onde se demoram por algum tempo, e repassam o Cubango para a margem direita, seguindo-o sempre por este lado até ao Bucosso.

É seguido ainda outro roteiro antigo, sabendo-se perfeitamente onde estão os terrenos arenosos, e onde ha falta d'agua potavel, o que acontece mais nas proximidades da bacia hydrographica do Cubango central do que junto á do rio Cunene.

Entre as viagens de Mossamedes ao sertão tem certamente logar distincto a do capitão *Sebastião José da Matta*, da qual apresento, um extracto:

«A distancia de Mossamedes a Capangombe é de 100 kilometros, 61 dos quaes dão passagem a carros. Os pontos principaes que se encontram no trajecto são o rio ali chamado *Giraul* a 15 kilometros de Mossamedes, a *Pedra pequena* e a *Pedra grande*. É arido o terreno, em parte pedregoso, e a vegetação quasi nulla; não ha ali um só arbusto, que chegue a um palmo de altura.

Entre *Pedra grande* e Capangombe medeia um espaço em que começa a apparecer vegetação de espinheiros e untiatos, que progressivamente augmentam até formar matas virgens pelos innumeros valles existentes entre uma infinidade de serras e montes.

Em todo este caminho ha falta de agua, encontrando-se unicamente na *Pedra grande*, e no rio *Gimba,* e ainda assim em tão pouca quantidade que não chega para o gado.

Em Capangombe os terrenos mais ferteis são os situados nas margens dos riachos, a que ali chamam rios, Bumbo, Bruco, Molombe, Tampa, Maconjo, Gimda e Muninho; produzem bem todos os generos inertropicaes e alguns europeus.

Seguindo de Capangombe para o norte, póde explo-

rar-se a cordilheira da Chella, em cujas abas corre o rio *Muninho* e logo depois outro a que o gentio chama *Vintiaba*, que no littoral tem o nome de S. Nicolau, e de que é confluente o *Carampunda*, cujas margens são cobertas de excellentes varzeas e frondosos bosques. Aqui a terra é escura e coberta de imbondeiros, figueiras bravas, munhandes e espinheiros. A agua só é corrente na estação das chuvas, mas facilmente se encontra a cinco palmos de profundidade.

Caminhando do alto da Chella para a Huilla percorre-se uma estensão de 32 kilometros de bom piso. Na Huilla não se dão alguns generos intertropicaes.

O Humbe internado no sertão, para leste de Mossamedes, e a distancia de 90 a 100 legoas d'aquella villa, cercado de outros povos como Melondo, Camba, Valle, Coanhama, Quambe, Conamatuy, Donguena e Inga, e precedido pelos Gambos, é um ponto muito central para o commercio.

O Cunene nasce no sertão do Nano, recebe as aguas de diversos confluentes; pelo lado de leste banha Molombe e Camba e pelo sul o Humbe; no tempo das chuvas é navegavel por grandes lanchas e, no tempo secco, pelas de fundo chato. Nos mezes de maior secca, agosto, setembro e outubro, a maior largura do Cunene é de 87 metros e a menor 40; a profundidade vacilla entre 2 e 10 palmos.

No tempo das chuvas cresce extraordinariamente, trasborda, fórma uma infinidade de lagôas, innunda as margens em partes, á distancia de uma a duas milhas, tanto o rio como as lagôas são povoadas de abundante peixe de escama e pelle, de jacarés e hippopotamos, e é visitado pelos elephantes no tempo secco.

Em toda a estensa margem d'este rio, conhecida, encontram-se largas varzeas de magnifico terreno inculto, e tudo parece indicar que este rio deve ser um dia o manancial de uma grande provincia.

Estes sertões prestam-se a toda a qualidade de agricultura, como: canna de assucar, algodão, arroz, trigo, ginguba, etc., etc., e, se por meio de levadas, noras, bombas, ou outras machinas se tirar a agua do rio, para no tempo secco se regarem as plantações, estou persuadido que se podiam formar milhares de propriedades. Prestam-se tambem estas terras á creação de gado de toda a especie, por ter, para o vaccum e cavallar, abundantes e magnificas pastagens, e para o suino muitas raizes e fructas silvestres.

Do Humbe para baixo banha o Cunene *terras conhecidas* Donguena e Binga, seguindo por povos nomadas mais selvagens, e que geralmente se chamam *Moximbas* que não cultivam cousa alguma.

Do Humbe, a dez dias de marcha por terra, approximadamente, tem o leito do rio alguns penedos uns maiores e outros menores na estensão de 200 a 300 metros; no tempo da cheia ficam os penedos mais pequenos debaixo d'agua e os maiores a descoberto não tendo quédas, cascatas ou catadupas; por este sitio o rio corre entre dois muros de rocha.

Segundo dizia o dr. Palgrave, então por aquelles sitios, n'umas serras proximas do rio Cunene, para o lado do norte, ha minas de ouro.

Os carros que se usam n'estes sitios são de 4 rodas com eixos similhantes aos omnibus, teem 21 palmos de comprimento e cinco de largo; estes carros construidos com muita solidez são geralmente puxados por seis jun-

tas de bois. O dr. Palgrave trazia no seu carro um sextante, horisonte artificial, bussolas, cartas geographicas e um machismo que colloca na roda do carro para saber o numero de milhas que percorre.

Coanhama está situada sob os 17° 5′ e 16″ de lat. S. e 16° 2′ e 9″ long. O. de Greenwich e a 30 leguas proximamente para leste do Humbe. O Coanhama tem fama de muito poderoso, mas pouco maior é do que o Humbe e terá proximamente 60:000 habitantes. Este estado differe apenas dos Gambos, Humbe e Camba pelo absolutismo despotico do soba e dos outros fidalgos. O terreno de Coanhama tem pouca agua, mas é coberto de frondoso arvoredo; encontrei-me n'esta região a 12 de janeiro, proximo á libata do soba, Chipandecca com os subditos britanicos o dr. W. Coates Palgrave, George Warttey e com o brazileiro *João Baptista da Conceição Pereira* que era acompanhado por dois creados, um irlandez outro sueco. Eu era acompanhado pelo suisso João Antonio Fatio, que servia de interprete, e por *Joaquim de Mendonça* e *Manuel Lourenço.*

Os brancos da Donga empregam-se geralmente na caça do elephante e em algum negocio; o dr. Palgrave, pessoa de muitos e superiores conhecimentos, emprega-se na medicina, em levantar a planta topographica das terras por onde transita e na pesquiza ou descobrimento de minas preciosas. O dr. Palgrave prestou-se da melhor vontade a dar-me todos os esclarecimentos que lhe pedi e dirigiu-me uma carta n'este sentido [1].

Além dos brancos, que tem a Donga por ponto de reunião, ha outros não excedendo a 10, que residem em

[1] Esta carta, que não publíco por estensa, póde lêr-se a pag. 283 e seguintes do *Supplemento ao n.° 24 do Boletim official de Angola*, agosto de 1866.

Otjimbengue, logar occupado por missionarios, negociantes e caçadores, ha muito tempo.

Este logar está para o interior distante da bahia Walhfish 90 milhas e da Donga 410, e é por onde os inglezes se communicam com a bahia e com a cidade do Cabo quando não teem o caminho interceptado pelos hottentotes.

É curiosa a historia dos caçadores. Em 1842 ou 1843 vieram da cidade do Cabo á bahia da baleia, Walhfish-bay alguns missionarios inglezes que se internaram á distancia de 90 milhas nas terras dos moximbas e logar a que chamam Otjimbengue.

Em 1844 ou 1845 retiraram-se os inglezes e vieram missionarios allemães, tambem protestantes, dos quaes ainda ali estão alguns.

Em 1853 formou-se na cidade do Cabo uma companhia particular para a exploração das minas de cobre, que estão proximas á referida bahia, e do numero dos engenheiros era W. Coates Palgrave.

Por não terem as minas produzido o que d'ellas se esperava, entregaram-se os empregados á caça do elephante e por se dar o caso de esses se retirarem e terem vindo outros, é que se encontram por aqui os caçadores.

Durante o tempo de paz exportaram pela referida bahia para o Cabo cerca de 20:000 libras de marfim por anno.

Como estes, andam por aquelles sertões outros brancos, que tambem são caçadores e que são naturaes das colonias do Cabo: estes não se dão com os inglezes e retiram-se do matto quando elles se approximam.»

Além d'estas curiosas informações do sr. Matta, temos do sr. *A. J. Nogueira*, ácerca d'estas regiões, um excel-

lente trabalho sob o titulo. — *As origens da civilisação por Sir John Lubbock, Os banhaneca e os bankumbi no interior de Africa*[1], em que se encontra um estudo muito interessante. Tem o sr. *Nogueira* dado minuciosas informações a respeito dos dialectos das tribus do sertão de Mossamedes, comprehendendo parte dos alto-planos do Nano, bacias hydrographicas do Cunene e Cubango, o que será sempre um poderoso auxiliar para os que desejarem conhecer esta rica e magnifica região sobre que os inglezes tem fixa a sua attenção e *para a qual vão avançando a passos largos*[2].

Bom seria que aos trabalhos, como os do sr. Nogueira, se désse a maxima publicidade, excitando para elles a attenção publica e mostrando as vantagens das culturas de tão ferteis regiões.

A bacia hydrographica do rio Cunene, ou antes o parallello 18° 20′ de lat. S., fórma o limite meridional de Angola. A foz do Cunene todavia demora por 17° 12″, e por ser um rio a que se tem prestado sempre muita attenção, não julgo fóra de proposito reproduzir alguns excerptos, que se referem a um reconhecimento feito, em 1854, pelo governador de Mossamedes desde a foz até 21 milhas para o interior e que são as seguintes.

«Desde muito tempo que se fallava no rio Cunene, na fertilidade de suas margens e na sua riqueza mineral; porém estas noticias, apenas colhidas por individuos que feiravam pelo sertão, nada diziam respeito á sua foz, ha-

[1] *Jornal do Commercio* n.os 7114 a 7120, 1877.

[2] A este grave acontecimento se tem referido o sr. Fernando Pedroso por mais de uma vez na Sociedade de Geographia.

Do lado do norte estão determinadas as linhas geraes, mas do lado do sul, a leste de Coanhama e bacia hydrographica do Cunene, não ha o devido reconhecimento e podemos ser prejudicados, se não dermos pressa em aproveitar, por meio das *competentes estações*, aquelles territorios.

vendo por isso incerteza se era ou não navegavel em toda a sua estensão.

Na firme tenção de dar uma noticia exacta da sua foz, e vêr até que ponto era navegavel, em 3 de novembro embarquei na escuna *Conselho*, bem como os srs. *Bernardino J. J. Abreu e Castro,* director dos colonos, *Antonio Acacio de Oliveira Carvalho,* capitão do brigue *Aurora*, *José Duarte Franco* piloto do mesmo navio, e o colono *Antonio Romano Franco*, os quaes mostraram vivos desejos de me acompanharem n'esta digressão, e a que gostosamente não pude deixar de annuir. No dia 8 chegámos finalmente á latitude da ponta do norte da grande bahia dos Peixes, onde entrámos n'esse mesmo dia.

Junto ao littoral, e na margem direita do rio, ha bastante vegetação, e ali encontrámos grande quantidade de corças, penelopes e cabras, que, apesar de levarmos as nossas espingardas, não foi possivel tel-as ao alcance de tiro. A costa, n'este ponto, corre a SSO., e não offerece abrigo de qualidade alguma. O rio junto ao banco é bastante espraiado, e apenas permittirá que ali navegue um barco de fundo de prato; as suas margens são pouco elevadas, formadas de areia e calhau rolado, com alguma vegetação: voltámos d'esta digressão para o nosso acampamento, e logo depois, e pela primeira vez, deparou-se-nos um elephante, passeando na margem esquerda.

No dia 14, pelas quatro horas da manhã, seguimos ao longo da margem direita, encontrando a cada passo, de um a outro lado do rio, grandes medas de lenha, e troncos grossos similhantes áquelles que vimos na costa. As margens vão-se elevando pouco e pouco, e o rio estreitando-se sem que seu curso seja interrompido; mas a

duas horas de viagem encontrámos grandes cachoeiras.

A margem esquerda é formada de elevadas dunas de areia, e a margem direita de grandes rochas graniticas cortadas a prumo, o que nos obrigou a affastar um pouco da margem, e seguir pelo espaço de quatro horas e meia primeiro que voltassemos ao rio; chegámos a um sitio agradavel e pittoresco, mais rico de vegetação, sendo a maior parte d'ella composta de cedros de dimensões muito menores que os da Europa. As margens são aqui um pouco espraiadas e offerecem, sobretudo á direita, facil transito, sem que deixe de ser orlado de grandes rochedos, continuando pela margem esquerda sem interrupção as dunas de areia. O aspecto do paiz que iamos percorrendo, era sempre o mesmo, com a differença, porém, da vegetação ser mais desenvolvida.

Desde a boca do rio até ao logar a que podémos chegar, que se calculou ser de 21 milhas, encontrámos oito elephantes, dirigindo-se para o interior do paiz. Até este ponto o rio não tem importancia alguma, é bastante estreito, tortuoso e cheio de cachoeiras, e por isso innavegavel. Inda mesmo que se destruissem as cachoeiras, o que não era impossivel, o rio nunca poderia ter a sua foz completamente desembaraçada; por quanto sendo a margem esquerda formada por grandes morros de areia, com facilidade é levada pela força da corrente, e em occasião de cheias, até junto da sua foz, onde, sendo o rio mais espraiado, é depositada, em consequencia da velocidade da corrente ser menor. Se o rio é navegavel em alguns dos seus pontos, não o sabemos, nem tão pouco a que distancia nos ficam os povos que habitam suas margens; o que divisámos foi uma cordilheira de montanhas

na direcção NS., bastante elevadas, e suppozemos que ficariam 6 a 7 legoas[1].

N'esta viagem tratou-se mais do facto do que da sua apreciação, e continuaram por isso as mesmas duvidas ácerca de alguns pontos geographicos, agricolas e commerciaes. Teem sido estes os defeitos de muitos dos nossos exploradores e viajantes, tendo-se perdido bellissimas occasiões de se fazerem reconhecimentos, senão completos, ao menos com indicações geraes que permittissem apreciar as respectivas localidades. Um dos homens que mais serviços nos podia ter prestado é, por certo, o distincto explorador zoologo *José d'Anchieta*[2].

José d'Anchieta foi encarregado de estudar a fauna no sertão angolense em 1866, e ali se tem conservado até ao presente. Começou os seus trabalhos por Benguella, Catumbella, e Dombe, sendo este um dos logares onde esteve a expedição geographica em 1877. Percorreu Biballa, Huilla, Quillengues e Caconda.

Foi ao sul do rio Caroca, situado no plano littoral a 5 horas de viagem do Porto Alexandre. Seguiu as margens do rio Cunene, e atravessou por muitas vezes o sertão de Mossamedes.

Este diligente explorador tem imitado aquelles que n'outro tempo seguiam á procura do Negus ou Preste João.

Não tratavam de geographia senão por incidente. La-

[1] *Relatorio da viagem feita ao rio dos elephantes em novembro de* 1854. *(Ann. do Cons. Ult.* 1854-1859, parte official.)

[2] Tive occasião de me encontrar com o sr. Anchieta na cidade de Loanda, em 1878. Fallamos por diversas vezes e tenho bem patente o que elle disse a respeito de Caconda, estando presente o secretario do governador geral, o director das obras publicas, Manuel Raphael Gorjão e outros cavalheiros de cujo nome me não recordo. Este explorador é muito conhecido na provincia e todos lhe reconhecem incontestavel merecimento. Adquiriu celebridade e tem uma lenda propria, fallando-se sempre d'elle com verdadeira curiosidade.

menta-se este facto e eu, prestando aliás homenagem ao distincto explorador zoologo, sinto a falta das suas indicações geographicas [1].

São realmente muito importantes as informações sobre a fauna, e, com verdadeira magoa o repito, os trabalhos do sabio explorador, embora auxiliado e protegido por um dos nossos mais distinctos naturalistas, são pouco conhecidos entre nós.

Além d'isto a ornithologia da nossa provincia de Angola, foi publicada em francez, parecendo que nós trabalhamos mais para mostrar a illustração dos nossos sabios aos estrangeiros, do que para divulgar entre os nossos concidadãos o que a sciencia tem de mais util para o engrandecimento e riqueza da patria.

É este um caracteristico especial dos nossos academicos, o que me parece francamente lamentavel. O mal vae-se, porém, generalisando e difficilmente se lhe modificará o seu fatal desenvolvimento.

Julga-se o nosso bom povo indifferente ás grandes aspirações do saber humano, e não se pensa em lhe mostrar por uma instrucção bem dirigida, tendo por base o trabalho, o lucro que póde auferir-se da colonisação das nossas terras da Africa, completando-se com o alargamento da industria em Portugal, que serviria de ponto de apoio ás emprezas que se criassem por além-mar.

A illustração, sem o habito de trabalhar, torna-se quasi sempre mais funesta do que o trabalho sem illustração. É por isso que creio nos fecundos e proficuos resultados

[1] Acaba de me ser remettida por este *novo Livingstone* a descripção geologica das terras Benguellanas. Pertence já ao periodo das explorações modernas, e reservo-me para d'elle me occupar n'essa occasião.

das escolas profissionaes[1], quando forem acompanhadas da instrucção correspondente.

Considera-se um grande mal a nossa emigração para a America do Sul, e lamenta-se que ella não se dirija para as nossas terras da Africa. Mas quem sabe em Portugal o que é Africa? Quem tem visto e estudado os trabalhos de tantos exploradores?

Fallarei, pois, de *José d'Anchieta*, dedicadissimo explorador zoologo, mais conhecido entre os estrangeiros do que entre nós. As seguintes informações são dadas pelo distincto naturalista Barbosa du Bucage:

«19 de março de 1867 começou *José d'Anchieta* a exploração zoologica de S. João do Sul no rio Coroca, situado no plano littoral a 5 horas de viagem do Porto Alexandre. Este logar é o mais ao sul dos colonisados n'este districto e por isso recommendavel para o conhecimento do geographia zoologica da provincia de Angola. Aqui a fauna, posto que interessantissima é muito desegual. É pobre em mammiferos; encontram-se apenas a hyena, o adibe, antilope, poucos ratos e morcegos. D'aves só é abundante em ribeirinhas e palmipedes; das outras ordens poucos representantes se encontram. E' mediocre em reptis; de peixes, insectos, ha pouco.

Os mocorocas são desconfiados e a lingua que falla esta pequena tribu é absolutamente differente de todas as que se fallam no sertão d'este districto; tem sons difficilimos de pronunciar e impossiveis de escrever com as nossas lettras[2].

«Capangombe situado na planicie contigua á serra da

[1] Ha individuos que por saberem ler e escrever se julgam dispensados do trabalho. Não são uteis a si, nem aos seus, nem á patria.

[2] *Jornal de Sciencias mathematicas, physicas e naturaes*, t. v, 1866-1867, pag. 325.

Chella, é extremamente innundado no tempo das chuvas, é ainda regado na presente estação pelo ribeiro Meloube, condição que lhe proporciona, a par d'uma flora pouco conhecida, uma fauna que prima pela abundancia e variedade dos typos, sendo aqui relativamente raras as especies vulgares. A ornithologia d'este ponto, pelo menos n'esta estação, é principalmente representada por passaros. Nos mammiferos predominam as antilopes de varias especies: o leão na estação do cacimbo, frequenta menos este concelho, abundam, porém, o lobo e as raposas. Encontram-se bastantes saurios, mas de ophideos ha pouca variedade; peixes e batrachios ha poucos; os insectos abundam no tempo das chuvas.

N'um raio de duas a tres horas de distancia da fortaleza é facilima a caça das aves, e a dos mammiferos muito difficil: o mato é muito fechado. As aguas são correntes não limitadas a um ou outro logar[1].»

«A Biballa está situada n'um plano bastante ondulado contiguo á serra de Chella. Sulcado de ribeiros que nascem dos plan'altos d'esta serra, este solo de alluvião é revestido de arvoredo, que nos logares mais humidos se torna frondoso e mui difficil de penetrar. A varias distancias encontram-se rochedos que se elevam a algumas dezenas de metros, somadas, porém, as suas bases, vê-se que apenas representam uma pequena parte d'este fertillissimo terreno, o qual, participando da periodicidade das chuvas do interior, reune todas as condições indispensaveis para a producção das mais valiosas plantas intertropicaes.

Esta localidade não cede em importancia zoologica ás outras que tenho percorrido n'este concelho; parecendo

[1] Loc. cit. pag. 331.

differir nos mammiferos, distingue-se sobretudo por diversas especies de aves que, por emquanto, não havia encontrado n'outra parte. A sua erpetologia offerece tambem especies que não encontrei nos pontos já explorados. Em peixes é tão pobre como todas as outras partes d'este concelho. Parece ser muito abundante em insectos, porém n'este mez (novembro) ainda estão pela maior parte atrasados em seu desenvolvimento.»

Esta região foi explorada nos mezes de novembro e dezembro de 1867[1].

«A contar dos principios de 1868, *José d'Anchieta* visitou os sertões de Mossamedes e Benguella, demorando-se na Huilla, em Quillengues e Caconda, de 15° ao 14° de latitude meridional, e affastando-se do littoral até á distancia de 3°; depois, em março do corrente anno, regressou a Loanda, d'onde se dirigiu pelo Cuanza ao Dondo, localidade que tem assumido n'estes tempos uma notavel importancia commercial; d'ahi passou a Pungo-an-dongo e Ambaca, mais no interior, e por fim á barra do Dande, d'onde voltou a Loanda em principios d'outubro[2].»

«Em janeiro de 1872 o sr. *Anchieta* mandou nova remessa de aves colhidas nas margens do rio Coroca, ao sul de Mossamedes[3].»

«Nos primeiros mezes de 1872 fez o sr. *Anchieta* uma pequena excursão aos *Gambos*, territorio situado proximamente no 16° de lat. S. e a mais de 2° de distancia do littoral[4].»

«Regressou a Mossamedes e em 16 de agosto dirigiu-

[1] Loc. cit. t. II, 1868-1869, pag. 38.
[2] Loc. cit. pag. 333.
[3] Loc. cit. t. IV, pag. 66.
[4] Loc. cit. pag. 194.

se novamente ao sertão, internando-se até ao Humbe margem do rio Cunene[1].»

«O *Humbe* tem grande riqueza zoologica. Os naturaes receberam bem o sr. *Anchieta* que julga ser o Humbe o ponto mais abundante em aves que tem encontrado. Nos mezes de janeiro, fevereiro, março e abril as enchentes dos rios não dão passagem[2].»

«*Anchieta* esteve nas margens do *Cunene*, Humbe, nos mezes de maio, junho e julho de 1874[3].»

«Retirou do Humbe para a Huilla e d'aqui a Mossamedes onde chegou em julho de 1876, e depois de algumas semanas de descanço poz-se a caminho de Quillenges e do sertão de Benguella[4].»

Ahi ficam indicadas as localidades, em que tem estado por mais ou menos tempo o explorador *José d'Anchieta* e é, na verdade, muito estensa a área dos territorios por elle percorridos, mas são por tal fórma deficientes as suas informações geographicas, orographicas e meteorologicas, que deixam uma grande e grave lacuna nas suas viagens no sertão de Benguella e Mossamedes.

Estou convencido de que o sr. *Anchieta* tem todos os elementos necessarios para redigir uma Memoria relativa ás localidades, em que tem estado, e a toda a região por elle visitada no espaço de tantos annos.

Parecia-me, por tanto, de grande vantagem que o sabio explorador fosse convidado a dar as suas informações, devendo ter-se bem em vista que foi por um modo analogo, que, no seculo XV, se obteve o apreciavel trabalho do nosso explorador Duarte Lopes.

[1] Loc. cit. pag. 200.
[2] Loc. cit, t. V, 1874-1876, pag. 32.
[3] Loc. cit., pag. 47.
[4] Loc. cit., pag. 248.

Uma viagem, que merece ser memorada, é a de um dos engenheiros das obras publicas da provincia de Angola á serra da Chella, tão afamada entre os nossos colonos. Não a posso reproduzir na *integra*, mas faço d'ella os extractos, que me parecem indispensaveis para illustrar os factos de cuja discussão me occupo, procurando demonstrar por todos os meios ao meu alcance que os inglezes, em caso nenhum, poderão allegar uma exploração mais valiosa do que a nossa na Africa tropico-equatorial.

«Partindo-se de Mossamedes pelo caminho que ha feito, andam-se perto de 5 kilometros para chegar ao Quipolla, atravessando terrenos agricultados; subindo-se depois á serra dos Cavalleiros, para descer ao valle do rio Giraul, atravessa-se este rio, sendo a distancia entre o Quipolla e o Giraul de 20 kilometros proximamente. N'este trajecto atravessam-se dois rios, o Bero, que desagua dentro da bahia de Mossamedes, e o Giraul, que desagua no oceano, ao norte da mesma bahia.

Atravessando o Giraul para subir a outra encosta, encontra-se uma grande rampa com differentes lacetes de difficil accesso, e extremamente perigosa para os carros que por ali transitam.

A modificação do traçado do caminho n'aquelle local já está projectada e orçada, esperando-se sómente pela approvação para dar começo á obra.

Depois de vencida a rampa, entra o caminho n'um terreno ondulado, casando-se o mais possivel com elle, até entrar n'uma planicie chamada Planicie dos Odres, em virtude da fórma especial que affecta um vegetal carnoso, que com abundancia ali nasce e se vê, seguindo depois para um ponto conhecido por Pedra do Major, sendo a

distancia entre o Giraul e aquella Pedra proximamente de 20 kilometros.

Passada a Pedra do Major, entra o caminho n'uma zona semeada de morros de differentes alturas, todos elles de origem vulcanica, passando pelo sitio conhecido sob o nome de Pedra Pequena, sendo a distancia da Pedra do Major á Pedra Pequena perto de 10 kilometros.

Do sitio da Pedra Pequena continúa o caminho, atravessando terrenos nas mesmas circumstancias até chegar ao sitio da Pedra Grande, sendo a distancia entre os dois logares perto de 10 kilometros.

Toda a zona atravessada desde o Giraul até á Pedra da Providencia, é quasi sempre arida, pois a formação do terreno é tal que em parte alguma ha agua nascente.

Esta falta de agua é um dos maiores incommodos com que a viação tem de luctar n'aquella zona, achando-se sómente alguma em poças formadas nas differentes pedras, cujas denominações tenho apontado.

Chegado ao Munhino, é este rio atravessado pelo caminho no sopé de um morro appellidado Serra Leôa, em virtude da grande quantidade de leões que ali ha, leões que em geral abundam em todo o valle.

É este rio que mais longe vae formar o Giraul, de que já fallei, e é nas suas margens que estão estabelecidas abundantes fazendas, tendo a denominação de fazendas do Munhino.

O caminho segue depois pelo valle do Munhino, torneia ao oeste o muro de Chamalundo, contraforte da serra de Chella, atravez de grandes matos, e atravessando depois os rios Gimba e Mulombe, confluentes do Munhino, entra na planicie de Capangombe, onde ha bastantes fazendas, indo terminar na fortaleza, séde do con-

celho. A distancia entre o Munhino e a fortaleza de Capangombe é perto de 35 kilometros.

Existe a planicie de Capangombe nas fraldas da serra da Chella, não havendo caminho algum de carro para subir á serra e assim communicar com o concelho da Huilla.

Do Capangombe para subir á Chella ha tres soluções, ou pela portella do Bruco, por onde geralmente se sobe, ou pela Banja muito ao sul, ou pela da Calleba, um pouco ao norte.

Partindo da fortaleza é a ascensão á serra da Chella dividida em duas partes: a subida do Bruco, e em seguida a esta a subida propriamente denominada subida da Chella.

Depois da difficil subida do Bruco, subida que segue o curso de uma torrente de agua, encontra-se uma pequena planicie chamada—Chão de Chella, onde existe uma fazenda. A distancia entre a fortaleza de Capangombe e o fim d'esta planicie é, proximamente, 20 kilometros.

Terminando a planicie, começa o restante da subida da serra até chegar n'aquelle ponto á sua parte superior, subida extremamente difficil e perigosa. A distancia entre o fim do Chão da Chella e a parte superior da serra é proximamente de 10 kilometros, subindo-se quasi sempre pelas linhas de maior declive.

A altitude da serra, sobre a planicie de Capangombe, é proximamente de 786 metros.

Chegados ao cimo da serra, o caminho a seguir é ainda accidentado, mudando completamente de aspecto a vegetação e começando a apparecer especies dos climas temperados.

D'ali se deve ir em direcção ao Chenniqueiro ou á

Mupula; sendo a distancia do cimo da serra a esta localidade de 22 kilometros muito proximamente.

Da Mupula atravessam-se os campos da Humpata, campos lindissimos, extremamente uberos e onde exemplares constantes de gramineas mostram bem qual a qualidade de producção que dariam se fossem cultivados. Estes campos onde egualmente o tabaco se dá magnificamente, pertencem ao sobado de Humpata.

Da Mupula ao terminus dos campos de Humpata medeia uma distancia de perto de 13 kilometros.

São estes campos atravessados por varias linhas de agua, sendo mais importante o rio Nene, que se junta para E. ao Cacolobar, confluente do Cunene.

Atravessados os campos de Humpata, a vegetação varía mui pouco; reapparecem as arvores de grandes dimensões e a uma distancia de 20 kilometros encontramos a povoação de Huilla, tendo atravessado os rios da Mucha e Lupollo, ambos desaguando no Cacolobar, confluente do Cunene.

Os terrenos são ali fertilissimos, produzem com enorme abundancia trigo, milho, feijão, fructos dos climas temperados, todas as leguminosas e mesmo tem todos os indicios que ali se possa cultivar com feliz exito o café, a vinha e a oliveira. Para provar a fertilidade d'aquelle torrão basta dizer que o trigo dá ali por cada semente que se deita á terra, oitenta, noventa, chegando ás vezes a cento e vinte sementes de producção.

Existem proximo á Huilla os campos da Humpata e é ahi que os indicios da fertilidade ainda crescem e fazem crer n'uma abundancia maravilhosa. Aquelles terrenos não só poderão produzir com extrema abundancia todas as gramineas, como tambem já produzem, cultiva-

dos pelo gentio, tabaco de muito boa qualidade. Em visto d'isto não existirá ali uma grande fonte de riqueza?

Além d'estas circumstancias o magnifico clima d'aquellas paragens, a temperatura moderada, não são elementos dos mais preciosos para uma boa colonisação?

Tem o concelho de Huilla trinta cultivadores, proximamente, de pequenos arimos, e quarenta negociantes, MUITOS DOS QUAES ANDAM INTERNADOS[1]».

Chegou um dos engenheiros ao plan'alto da serra de Chella, na Huilla, e affirma que a maior parte dos negociantes ali estabelecidos andam internados, e é esta por certo, mais uma prova de que é frequente o transito e ha uma exploração effectiva entre a villa de Mossamedes e o valle do rio Cunene, entre este e o do Cubango, irradiando d'ali por muitas vezes até Lialui, Linyanti e 'Ngami. Mais ao norte, no alto Cunene, Cubango e Cuando, a nossa exploração tem a mesma importancia, seguindo assim em todas as direcções, por todos os modos e em todos os logares, como o attestou Livingstone, encontrando os nossos a cada passo e fazendo d'isso mesmo confissão franca e terminante.

A' exploração pratica, que tem percorrido todos estes logares, seguiu-se a exploração scientifica, realisada entre outros, pelos exploradores Capello e Ivens, e de muitos d'esses valles, rios e povoações, situadas ao longo do Zambeze, nos deu Serpa Pinto largas noticias.

A foz do rio Cunene tem sido sempre o objectivo de muitas explorações e ainda em dezembro de 1878 se fez mais um reconhecimento da sua barra, sendo curiosas as

[1] *Relatorios dos directores das Obras Publicas e outros documentos* —Imprensa Nacional, 1.ª serie, 1879, pag. 81 e seguintes.

observações que se colheram, embora não podessem ter o desenvolvimento que tanto era para desejar.

A expedição exploradora tinha por objecto principal o levantamento da planta e n'este sentido executou um trabalho assaz notavel[1].

O chefe da expedição, no pouco tempo de que dispoz, procurou internar-se até á maior distancia que lhe foi possivel e fez o reconhecimento de algumas milhas para o sul.

Julga que o rio, na occasião das cheias, desagua por outro braço, e dá curiosas informações a respeito do delta do rio Cunene.

Acampou a expedição n'uma ilha proximo á foz do rio. Foram encarregados do levantamento da planta da barra os guardas marinhas *Queriol* e *Silva*.

O talweg não faz suppor que se faça a infiltração em tal abundancia que explique o desaguamento das aguas e o explorador é levado a crer que o rio tem outro braço mais para o sul.

A corrente, proximo á foz, toma a direcção sul, descreve uma grande curva e depois é que volta para NE.

No fim de 6 milhas o *sr. Lima* poude alcançar uma elevação de terreno, que lhe permittiu descobrir ao longe a serra da Chella, e a inspecção d'essa cordilheira não se oppunha, pela disposição que apresentava, á formação de um segundo braço do rio.

[1] A expedição ao Cunene compunha-se dos srs. *Nuno de Freitas Queriol* e *Joaquim Nunes da Silva*, guardas marinhas; do furriel do corpo de marinheiros *Lucio Joaquim da Cruz*, de quinze praças de marinheiros e de trinta de caçadores n.º 5, do furriel d'este corpo *Pedro Peixoto Padilha* e quinze carregadores do negociante de Mossamedes Paiva Ferreira e dois boieiros para a conducção dos carros; a este pessoal reuniram-se depois os srs. segundo tenente *Gonçalves Brito*, facultativo de bordo *Rollão Preto* e o negociante *José Guerreiro Nuno*.

Descendo a margem, pareceu-lhe que elle era navegavel por pequenas embarcações. Voltou em seguida ao acampamento.

N'estas proximidades ha magnificas e abundantes salinas, e por ali fica uma lagôa salgada que tem communicação com o Cunene.

A agua do rio é doce, até mesmo junto da barra. Fica por ali uma lagôa, communicando com o rio, mas tem agua salgada e é bastante profunda.

«No dia 15 pelas 6 e meia horas da manhã, diz o *sr. Lima*, parti com o 2.º tenente *Gonçalves Pinto* para o sul, acompanhados pelo mesmo numero de praças e de mais alguns carregadores por causa do transporte da agua. Acampei pelas 11 horas, tendo marchado com bastante rapidez, junto de uma bahia da qual a parte sul é formada por estensa ponta sufficientemente alta para abrigar muitos navios e dar bom desembarque.

A configuração da bahia, vista de fóra, poderá ter parecido a embocadura d'um rio, o que, segundo a minha opinião, e pelas razões que passo a expôr, não se affasta muito da verdade.

A agglomeração de lenha, trazida por uma corrente impetuosa é aqui mais consideravel do que para o N. do rio, e encontra-se a distancia e em nivel tão elevado do mar que se não póde acreditar ter sido arremessada pela calema. Alem d'isto as correntes n'esta parte da costa são sempre ao N W.

Da parte do mar ha uma cordilheira de serros d'areia que se estendem até ao rio, seguindo a direcção do N W. A leste d'estes serros corre uma montanha alta toda coberta de areia.

Examinando o valle com o nivel de *Borel* vi que ía

n'um declive constante de 2 °/₀ até á margem esquerda do rio. N'um ponto do sopé da montanha do lado do E., que a areia não cobria completamente, reconheci signaes evidentes da passagem de uma forte corrente d'agua.

Por estas razões concluí que nas occasiões das grandes cheias do rio, em que a agua chega a subir a mais de quarenta metros acima do nivel do mar, que actualmente tem, este trasborda por um ponto menos elevado da margem esquerda, formando uma segunda sahida da agua pelo leito que observei e termina no fundo da bahia. Ha tambem uma lagôa que enche com as marés elevadas e desagua nas marés baixas, passando a pequena corrente d'agua por uns monticulos d'areia coberta de uma vegetação especial[1].»

O reconhecimento do rio Cunene, em dezembro de 1878, tem vistas mais largas do que outros que se teem feito e mostra a urgente necessidade de um estudo mais completo.

Suspeita-se com bons fundamentos que o rio Cunene, no tempo das chuvas, desagua por dois braços formando um delta de que ainda, ao que me parece, ninguem fallou. Insiste-se sobre a riqueza mineral d'aquella região e define-se de um modo significativo a importancia d'esta questão geographica.

Na Memoria dedicada aos heroes das explorações modernas, cuja epocha se póde fixar em 1877, referir-me-hei a estes assumptos[2]. E, n'este trabalho, para fechar com chave d'ouro, reproduzirei as informações que o sabio na-

[1] Informações dadas pelo 2.º tenente da armada *Antonio d'Almeida Lima*, chefe da expedição.

[2] Trata-se de fundar uma colonia n'esta região, a que se deu o nome de — *Luciano Cordeiro.* Deve ter, por certo, brilhante futuro se a sua direcção fôr bem economica e essencialmente pratica.

turalista Welwitsch deu a respeito de Mossamedes e que honram a sua memoria.

São do theor seguinte:

Em todas as minhas digressões na Europa e na Africa, observa o sabio explorador, nunca fiquei tão surprehendido, tão encantado, como n'estes passeios pelas sempre verdes mattas e vizinhas varzeas da Huilla. Logar mais bello, mais saudavel e a todos os respeitos mais convenientes para colonisação europêa de certo não ha na Africa tropical; e esta deliciosa planura será, me persuado, um dia a chave para dar entrada nos vastos territorios da Africa austro-tropical, maiormente apoiando-se na costa de Mossamedes, que fica contigua a este sertão, destinado pelo seu clima salubre e fertilidade do terreno a ser o imporio maritimo, o mais adequado d'esta costa, entre Loanda e o Cabo da Boa Esperança.

Relembro com verdadeira satisfação estas informações, como justa homenagem á memoria de tão insigne explorador.

Teem hoje a sancção dos factos, e é dever de todos attentarem nas palavras de quem, em nome da sciencia, só tem em vista, guiar com segurança e ensinar com verdade.

Poderia registrar outros nomes venerandos, pois muitos são os que merecem ser commemorados, mas seria augmentar demasiado esta singela galeria de exploradores illustres, entre os quaes sobresae o erudito auctor dos estudos phyto-geographicos da provincia de Angola — a mais fecunda e promettedora terra d'alemmar. E não seria menos util nem menos grandioso, reproduzir, *em edições populares*, os trechos de lição mais pratica e mais aproveitavel, que se deparassem nos relatorios, nas memorias,

em todas as publicações de tantos e tão experimentados observadores.

Não devem limitar-se estes estudos populares sómente á discussão dos factos, aos commentarios das observações; é indispensavel comparar, variar, deduzir e contraprovar, obtendo regras de facil applicação, tanto no que diz respeito ás culturas como á industria e ao commercio, e ensinando aos colonos e aos agricultores os meios mais adequados para elles saberem poupar a vida durante os primeiros tempos da sua aclimação, ou em quanto durarem os seus trabalhos de exploração.

Ao concluir *as explorações e viagens* nas terras portuguezas da larga *vertente occidental* do continente d'Africa, adoptei a base historica, ou a divisão em *Congo*, *Angola, Benguella* e *Mossamedes,* porque me pareceu a mais simples e mais clara para o assumpto de que me occupava. Mas a base geographica ou geologica, e mesmo a disposição hydro ou orographica fornecem caracteristicos importantes para a distincção das differentes regiões em que naturalmente se dividem os vastissimos territorios da *chamada provincia de Angola.*

No livro que publiquei sob o titulo — *A colonisação luso-africana (zona torrida),* tive occasião de pôr em relevo estas caracteristicas geraes, e adoptal-as-hia agora se este trabalho não tivesse uma feição exclusivamente historico-social.

Não me queria referir *ás terras propriamente ditas,* nem desenhar-lhes o facies tellurico. Não me dominava tambem a idéa dos variados climas, nem procurava descrever os differentes centros productores nem as diversas tribus que ahi dominam.

LIVRO SEGUNDO

DE CABO DELGADO Á BAHIA DE LOURENÇO MARQUES

(Territorios orientaes)

> Ah! podesse eu fazer passar em rapida e triumphal revista, ante a homenagem do vosso assombro e do vosso enthusiasmo, esta legião heroica e laureada dos Baker, dos Speke, dos Grant, dos Basth, dos Livingstone — do nosso Lacerda — como é doce encontrarmos tambem aqui o nome portuguez! — do nosso Gamitto—d'estes missionarios e d'estes martyres da sciencia.
>
> (LUCIANO CORDEIRO — *Movimento geographico moderno)*

SECÇÃO I

Viagens e explorações em Sofalla

Abria-se no momento da exploração de Sofalla o seculo XVI, e com elle principiava o mais extraordinario movimento commercial, de que ha memoria na evolução da humanidade.

Desapparecia a vida mediterraneana ou antes a navegação costeira, e começava a vida oceanica, que transformava a industria, a navegação, as artes, as proprias sociedades, que íam perdendo o caracter medieval e ouviam com espanto as maravilhas de outras terras!

E era a nação portugueza que realisava taes prodigios, dando ao mundo novos mundos e mostrando aos povos da velha Europa que a expansão humana não tinha limites.

E assim, atravessado o mar tenebroso, dobrado o cabo mais austral da Africa, e reconhecida a juncção dos oceanos, os portuguezes passam em frente da costa oriental da Africa, banhada tambem pelo mar das Indias, e ahi fixam os pontos que lhes parecem mais importantes.

O rio dos Bons Signaes ou de Quilimane e a pequenina ilha de Moçambique, são os primeiros logares conhecidos pelo grande nauta Vasco da Gama. Mas o primeiro logar explorado foi Sofalla, a que se dedicou *Sancho de Toar*, por ordem do grande navegador Pedro Alvares Cabral, e foi tambem elle o primeiro que trouxe novas a Portugal de tão notavel descoberta.

E o governo metropolitano deu pressa em mandar occupar o novo territorio, e para ali partiu *Pero d'Annaya*, que se desempenhou d'esta importante commissão com verdadeiro zelo e intelligencia.

Mas não se pensava então nas terras da Africa, embora a costa oriental d'este continente, fosse considerada parte integrante das terras da India.

O principal cuidado, a suprema aspiração, o grande ideal dos portuguezes, era o tão desejado imperio do oriente. E a esse *desideratum* se sacrificava toda a força colonial, e por elle se enobreceram os mais ousados portuguezes, e d'ali nasceram tambem os mais notaveis historiadores e a mais brilhante e sentida epopeia das nações modernas.

Dirigiam-se, pois, á India, os melhores generaes, e Sofalla, na costa oriental da Africa, não ficava inteiramente indifferente. Ahi tocou *Vasco da Gama* na sua segunda viagem á India, e *D. Francisco de Almeida*, não podendo ali chegar, expediu *Vaz de Goes* para tomar varias providencias.

Sofalla dominava então. Tinha sob a sua dependencia os logares que se iam reconhecendo—os afamados rios de Cuama e a pequenina ilha de Moçambique.

Eram, porém, terrenos situados na costa e era necessario não ficar sempre ali. De longe, do poente, chegavam noticias que estimulavam, fallava-se de grandes potentados, de regiões interminaveis e de lagos maravilhosos d'onde brotavam grandes rios.

E os portuguezes mostraram ainda mais uma vez a sua alma leal e sincera. Não se prepararam para entrar ao som de guerra n'essas terras encantadas. Organisaram pelo contrario uma expedição de paz, e enviaram-n'a para as terras da Monomotapa. Fôra escolhido para chefe *Gonçalo da Silveira*, que acceitou com intimo prazer o pesadissimo encargo que lhe offereciam.

E *Gonçalo da Silveira* interna-se, confiando na fé que o guia e na cruz que o ampara. Tem por companheiros *André Fernandes* e *Audré da Costa*, e veio ao seu encontro *Antonio Cayado*, ha muito estabelecido nas terras de Monomotapa.

A chegada d'esta expedição ao sertão de Sofalla causou grande ruido e os expedicionarios foram olhados com muita reserva. *Silveira*, porém, sabe impôr-se com respeito e admiração. O seu nobre procedimento assombra os proprios indigenas, mas a traição procura cavar-lhe a ruina e aquelle sublime heroe cae victima do seu dever!

Em Sofalla esteve o celebre *João dos Santos*, escriptor distincto e abalisado explorador. Deveria dizer mais d'este heroe, se quizesse desenhar-lhe o caracter. Mas o meu fim é relembrar nomes, celebrar factos, e indicar as terras que se percorreram.

E memorerei por isso os nomes de *Manuel Sardinha*,

fr. Damião do Espirito Santo e *fr. Aleixo dos Martyres*, que estiveram no sertão de Sofalla.

E como é grandioso contemplar essa pleiade de heroes, percorrendo os sertões, vivendo entre povos selvagens, e trabalhando incessantemente pela civilisação das tribus mais aguerridas e mais barbaras da Africa Austral!

Soffre o martyrio o grande *Gonçalo da Silva*, e ali chegam novos apostolos de fé, novos varões illustres, que como o seu mestre tambem se exposeram ao martyrio!

Relembrem-se, com profundo respeito, os nomes de *frei Luiz do Espirito Santo* e *frei João da Trindade*, que perderam a vida servindo a patria, nos adustos sertões da Monomopata.

Que nobilissimas almas!

E quem duvidará por um só momento, de que todas as terras da Monomopata são verdadeiramente portuguezas?

E as gravissimas noticias, que chegavam á costa, augmentavam a coragem dos portuguezes, e por toda a parte se proclamava a necessidade de se percorrerem as terras da Monomopata, procurando estreitar as relações com os imperadores.

Na região costeira, ao lado de Sofalla, e como rival mais feliz, ía-se levantando a ilha de Moçambique, importante estação militar. Reconheceram-lhe as vantagens *Vasco da Gama* em 1498, mas ainda assim não offuscou logo nos primeiros annos a povoação de Sofalla.

Reparte-se a actividade dos exploradores, procurando todos o sertão, dirigindo-se uns por via de Quilimane e outros por via de Sofalla. Advogam-se com enthusiasmo as melhores condições de cada um d'estes roteiros e experimentam-se ambos quasi ao mesmo tempo.

Prepara-se para seguir para o sertão por via de Quilimane, o afamado *Francisco Barreto*, de que se falla sempre, quando se nomeiam os que mais se esforçaram para se entrar nos sertões de Sofalla e abrir caminho para a costa occidental.

Francisco Barreto trabalhou com denodo, alcançou vantagens muito importantes nos rios de Cuama, mas não realisou o seu desejo, fallecendo na villa de Senna, quando, pela segunda vez, se apercebia para levar a cabo o seu grandioso emprehendimento.

Succedeu-lhe *Vasco Fernandes Homem*. Dirige-se a Sofalla e d'ali para as terras de Monomotapa, de onde se retira, depois de assegurar o dominio portuguez, dando-se livre passagem a todos que para ali quizessem ir commerciar.

As viagens da costa Sofalliana ou dos rios de Cuama para o sertão tornam-se muito frequentes e os portuguezes internam-se chegando aos lagos *'Ngami* e *Macaricari*, por onde ultimamente passou o afamado explorador *Serpa Pinto.*

Secção II

Viagens e explorações nos rios de Cuama e sertões adjacentes

O primeiro governador de *Moçambique*, *Sofalla*, *rios de Cuama* e *Monomotapa* foi D. Nuno Alvares Pereira.

A sua idéa predominante era assegurar o nosso dominio nos rios de Cuama e abrir caminho para as terras de

Monomotapa. Retirou-se por isso da ilha de Moçambique[1] apenas ali chegou, e dirigiu-se para o valle do Zambeze onde prestou optimos serviços.

D. Nuno Alvares Pereira dedicou-se de coração á exploração commercial do valle de Zambeze e conseguiu ali voltar segunda e terceira vez, desempenhando-se sempre d'estas commissões com verdadeiro patriotismo.

Baptisou-se no seu tempo o imperador de Monomotapa e estabeleceram-se boas relações commerciaes, o que fazia augmentar as viagens ao sertão, fundando-se muitas feiras e estendendo-se os sertanejos aos logares mais affastados.

Chegou aos rios de Cuama como governador *Nuno da Cunha*, que tinha em vista não só alargar, o mais possivel, as relações commerciaes com as tribus Zambezianas e povos adjacentes, mas tambem abrir caminho, pelo lago Nyassa até ás terras do tão celebrado Preste João.

O rio Zambeze tornou-se, pois, a base de importantes operações, e, ao longo das suas margens, levantam-se *Quilimane*, *Senna*, *Tete* e *Zumbo*. O enthusiasmo augmenta e chega até a tentar-se ali a colonisação europea...

Esta grandiosa tentativa dá perfeita idéa do interesse com que se fazia a exploração do Zambeze, e não vem fóra de proposito relembrar que assim se procedia nos valles dos rios Zaire e Cuanza, o que explica a nossa im-

[1] A pequena ilha de Moçambique, sem importancia alguma para a colonisação, offerecia grandes vantagens como centro de operações militares, e assim o reconheceram *Vasco da Gama*, *Affonso de Albuquerque*, *D. João de Castro* e *D. Luiz d'Atayde*, os maiores e mais affamados heroes do *nosso imperio do oriente.*

Ali aportou tambem o celebre *Pedro Alvares Cabral*, o descobridor do Brazil, e o segundo portuguez que fez a viagem do *Tejo ao Indo* e *Ganges:*

A ilha de Moçambique adquiriu, pois, larga supremacia, servindo de ponto de passagem para as viagens maritimas, e de ponto de partida para as explorações dos rios de Cuama e sertões adjacentes.

mensa influencia por todas as regiões da Africa Central.

Dominadas emfim as aguerridas tribus Zambezianas, começaram as viagens ás terras mais affastadas e as tentativas para se tornar officialmente conhecido o caminho, frequentado pelos indigenas e por muitos sertanejos entre as provincias de Angola e Moçambique.

Escolhiam-se umas vezes as terras dos Moraves, átravez das quaes se procurava abrir caminho até o Cazembe, outras vezes os sertões do occidente além do Zumbo e outras ainda as terras de Monomotapa até aos lagos salgados[1].

Manuel Caetano Pereira é um dos primeiros que chega ao Cazembe. Seguem-se *Francisco José de Lacerda* e *Almeida*, notavel explorador, e *Francisco João Pinto.*

João Correia Monteiro e *Antonio Candido Pedroso Gamitto,* vão tambem de *Tete* ao *Cazembe.* Foi esta uma expedição importante, embora os seus chefes não podessem passar de Cazembe.

Os pombeiros que, por esta occasião, se encontravam em Lunda, receberam um officio que entregaram ao governador em Loanda.

A região do Muata-Cazembe ou Lunda fica sob o mesmo parallelo de Cassange, na provincia de Angola, mettendo-se apenas de permeio as terras do celebre Muata-Ianvo, para onde se dirigem o major *Henrique de Carvalho* e *Agostinho Sesinando Marques.*

São bem significativos todos estes factos para se reconhecer o fundamento com que os territorios do Cazem-

[1] Entre os lagos salgados, designados ha muitos annos nas cartas geographicas portuguezas, fica *o celebre lago Macaricari* com que tanto se enthusiasmou Serpa Pinto. Pertence tambem a esta afamada região *o lago 'Ngami* e ahi se devem fixar os limites meridionaes da nossa provincia de Moçambique.

be[1] pertencem aos portuguezes e não aos belgas que não teem ali as menores relações com os indigenas.

Do Zumbo para o sertão occidental[2] fizeram differentes explorações commerciaes *Francisco Pereira* e *Antonio José da Cruz Coimbra*. Devem relembrar-se tambem *Isidoro Correia Pereira* e *Manuel Galvão Pinto* que atravessaram as terras de Monomotapa[3].

SECÇÃO III

Viagens e explorações em Lourenço Marques

Se o descobrimento da bahia de Lourenço Marques, cuja denominação a principio fôra *Bahia da Lagôa*, revela um facto vulgarissimo no momento historico em que os portuguezes o realisaram, a sua exploração superiormente ordenada e regularmente repetida mostra que os portuguezes nas suas longi-

[1] Brito Capello e Roberto Ivens sobem até ao Muchiri, muito proximo ao Cazembe, pelo occidente, e fazem a juncção das nossas explorações n'esta região. Devem marcar-se ahi, com justo fundamento, os limites septentrionaes da provincia de Moçambique.

É preciso, porém, não nos descuidarmos, porque os defensores do phantastico *Estado Livre do Congo* marcam-lhe, por limites, as terras septentrionaes do Muchiri e toda a linha de agua, ao occidente dos lagos Moero, Bangoeólo e Bemba !

[2] Chegaram ao valle do Zambeze, ao occidente do Zumbo, em *Choa*, os nossos exploradores Capello e Ivens, illuminando com as suas observações todos estes territorios.

[3] Acham-se dispersas por differentes Memorias, publicações periodicas e jornaes scientificos, cartas e communicações enviadas por estes exploradores sertanejos. São raros alguns d'esses escriptos, e no momento em que se pretende negar a nossa exploração pratica no sertão da Africa Central, e ousando apossar-se d'elle quem nunca ali foi, era da mais alta vantagem colonial divulgar esses documentos para se mostrar de que lado estão os factos, a razão e a justiça.

quas viagens não eram guiados apenas pela sêde da conquista, nem pelo simples intuito do commercio nem ainda pela ambição de dominarem outros povos, obrigando-os a pagarem-lhes tributos. O seu fim era mais alto, os seus intuitos mais grandiosos, a sua ambição mais nobre, a sua missão mais fecunda.

Os portuguezes, no brilhante periodo da sua expansão, procuravam descobrir novos mares e novas terras á custa de enormes sacrificios e com perda de muitas vidas. Tinham consciencia de que trabalhavam em favor da humanidade e sabiam enriquecer a sciencia, alargando a área das suas investigações. Seguiam avante, dominados pela idéa da civilisação, e o seu procedimento para com os povos que encontravam, foi sempre o mais correcto, o mais humano e o mais justo[1].

São brilhantissimas as paginas de toda a nossa historia colonial, mas os feitos dos portuguezes, nos territorios de Lourenço Marques, excedem toda a espectativa pela extrema coragem, pelos extraordinarios soffrimentos, pelos continuados martyrios, pela constante abnegação que ahi sempre mostraram.

E póde orgulhar-se, na verdade, de ser portuguez quem tem um passado tão nobre, tão heroico, tão sympathico, tão fecundo e tão util a todos os ramos da actividade humana.

O quadro das viagens e explorações, que agora procuro photographar, não realçará talvez por falta de animação e de competencia de quem o apresenta,

[1] Os portuguezes serviram sempre a causa da humanidade, illuminando-a com o seu trabalho, e as nações da Europa, sem correrem tanto risco nem terem tantas perdas, tiravam proveito immenso das viagens dos portuguezes, seguindo-lhes a esteira dos navios e apoderando-se de tudo que mais lhe convinha!

mas os vultos que o formam destacam-se sós de per si e mostram-se em toda a sua grandeza sem que sejam precisos os primores da arte para lhes desenharem a sua collossal estatura.

Pedro Quaresma foi o primeiro a examinar a *Bahia da Lagoa* depois da sua descoberta, e d'esse facto informa D. Manuel, que o encarregara de percorrer a costa no intuito de obter noticias de dois illustres portuguezes, cuja perda se lamentava.

Segue-se-lhe *Lourenço Marques*, que deu o nome á bahia e que, nas duas vezes que se occupou d'esta exploração, houve-se com tanto agrado d'el-rei que este o recompensou pelos bons serviços no desempenho das suas commissões.

Deve memorar-se tambem a exploração de *Diogo Botelho Pereira*, pelo fim humanitario que a auctorisára, mas, em nome da geographia e da hydrographia, a sciencia commemora tambem as notaveis explorações de *Manuel de Mesquita Perestrello* e de *Aleixo da Motta*.

São estes os principaes benemeritos exploradores maritimos, cujos relevantes serviços constam de curiosas memorias e de importantes documentos, por muitas vezes citados mas bem pouco conhecidos da maxima parte dos proprios portuguezes!

Os roteiros oceanicos completavam os trabalhos hydrographicos e foram os portuguezes os que primeiro mostraram a fórma do continente d'Africa.

As explorações terrestres, porém, assombram ainda os mais indifferentes, pois raro se nos deparam, na historia da humanidade, tantos sacrificios, tantas dedicações, tantas vidas perdidas sem que a nação des-

animé ou sem que por um só instante lhe faltem bons e leaes servidores [1].

Rememorerei alguns, porque é impossivel poder ajuntal-os todos no pouco tempo de que posso dispôr para satisfazer ao dever que me impuz [2].

— *Estevão da Veiga* — *Foz do Rio Simão Dote* (costa das Fumos) atravez da Cafraria a *Lourenço Marques*.

É uma das expedições mais chegadas á costa, fazendo-se a travessia em 17 dias.

— *Francisco Vaz de Almada* — *Costa do Natal* atravez da Cafraria por Lourenço Marques a *Sofalla*.

Compunha-se de 279 pessoas e foi a que, vindo do sul, subiu mais ao norte para encontrar a séde da capitania geral.

— *Luiz de Miranda Henriques* — *Cabo da Boa Esperança* a *Lourenço Marques*.

Fez esta memoravel expedição uma viagem completa atravez das terras da Africa Austral até Lourenço Marques. Foi a mais afastada da costa e a que se metteu mais ao sertão.

— *Nuno Velho Pereira* — *Penedo das Fontes* a *Lourenço Marques*.

Gastaram n'esta viagem 84 dias, e percorreram 900 milhas. É uma das mais notaveis expedições d'aquella região.

— *Manuel de Mesquita Perestrello* — Foz do rio do Infante atravez da Cafraria a Lourenço Marques.

Compunha-se esta expedição de 322 pessoas e

[1] Houve infelizmente quem mal serviu a patria, mas a historia tem sido severa, e a luz que d'ella irradia fere sempre os que, illudindo, souberam passar a salvo.

[2] Se esta idéa fôr bem acolhida, prepararei trabalho completo sobre este tão sympathico quanto patriotico assumpto.

apenas 62 lograram entrar em Lourenço Marques, gastando na viagem 68 dias!

Soffreram muitos trabalhos, e *Mesquita Perestrello* tornou-se, depois d'esta campanha, um dos mais distinctos exploradores d'aquelle tempo.

— *Alvaro Fernandes* — Da foz do rio do Infante atravez da Cafraria a Lourenço Marques.

Relembramos em ultimo logar esta expedição, porque é uma das mais afamadas.

Compunha-se de 500 pessoas e apenas 120 chegaram ao seu destino!

Gastaram 90 dias e passaram toda a sorte de perigos e privações, e todos recordam com o mais profundo sentimento a morte do infeliz *Manuel de Sousa de Sepulveda* e de sua esposa.

Formam estas expedições uma brilhante epopeia, que merece ser relembrada no momento em que dois benemeritos exploradores illuminam com os seus trabalhos todo o vasto sertão da Africa meridional.

Saiam das sombras do nosso esquecimento nacional e passem em frente da geração moderna que os contempla com admiração e respeito. Entrem nas classes infantís, e as creancinhas aprenderão a respeitar os nomes dos benemeritos que souberam engrandecer a patria, e animarão os que vão entrar no seculo XX, dizendo-lhes como se serve a patria, quando se é portuguez de lei.

E eu procurando prestar homenagem aos heroes que antecederam os bravos marinheiros Capello e Ivens, não quero perder a occasião de mostrar quaes são e quaes devem ser os territorios e os limites das provincias de Angola e Moçambique.

Citarei factos, memorarei feitos, assignalarei viagens e explorações, e terei direito, por isso, a exigir que nos digam tambem quaes os fundamentos com que se talhou sobre o mappa da Africa Austral o enorme territorio do Estado Livre do Congo!

Refiro-me ás viagens e explorações mais antigas, escolhendo os primeiros trabalhos de Capello e Ivens para servirem de ballisa entre as explorações antigas e modernas, e relembrarei, para concluir, mais algumas explorações maritimas e terrestres na região de Lourenço Marques.

João Albazini viajou entre Lourenço Marques e o Transwaal, e *Fernando da Costa Leal*[1] descreve com muito acerto as vias de communicação entre as terras do Transwaal e a costa de Lourenço Marques.

A exploração do sr. *Fernando da Costa Leal*, torna-se ainda notavel, porque se verifica do interior da republica do Transwaal pára Lourenço Marques, podendo ter regressado este distincto funccionario em melhores condições e por mais commodo caminho. Desejava, porém, examinar os territorios que se estendem de Pretoria a Lourenço Marques e por isso preferiu a viagem directa embora mais arriscada.

A estes exploradores terrestres deve addicionar-se tambem a exploração hydrographica de *Antonio José de Mello*.

Não é meu intento mostrar os serviços que todos estes benemeritos portuguezes prestaram á in-

[1] Na bem elaborada Memoria que publicou o Visconde de Paiva Manso a respeito de Lourenço Marques, inscreve-se *Francisco da Costa Leal* e não *Fernando*, como se assigna no fim do relatorio.

dustria, ao commercio e á sciencia, ao progresso e á civilisação nem quero acentuar bem os actos de posse e soberania que Portugal tem exercido em Lourenço Marques e nos territorios que lhe ficam ao poente. O que desejo, muito especialmente, é formar em linha todos os exploradores que antecederam *Capello e Ivens* e pedir-lhes que nos mostrem mais uma vez os territorios que regaram com o seu sangue e que engrandecêram com os seus trabalhos e rogar-lhes, arrancando ás suas informações do esquecimento dos archivos, que nos apontem mais uma vez os limites das nossas provincias de Angola e Moçambique, ao norte e ao sul, que hoje se discutem, procurando outras nações tomar para si largos tractos de terreno que de facto e de direito nos pertencem.

E as brilhantes explorações modernas, feitas á luz da sciencia, completam esses heroicos feitos, elevando-se as da região de Lourenço Marques á mais larga comprehensão da vida colonial e aos mais altos emprehendimentos que se podem realisar em terras da Africa Austral.

E á frente d'esta grandiosa e patriotica propaganda está um dos nossos mais distinctos engenheiros, um dos nossos mais profundos observadores *Joaquim José Machado.*

Pertencem, aos trabalhos modernos, as suas conferencias, os seus escriptos e os seus estudos, realisados entre Lourenço Marques e as terras do Transwaal, e d'elles me occuparei, com verdadeiro interesse, na *Memoria*, consagrada ás explorações com que se tem levantado o nome portuguez, fazendo recordar os mais gloriosos commettimentos do seculo XV e XVI.

LIVRO TERCEIRO

DOS LAGOS 'NGAMI E MACARICARI AO LAGO MOERO E AO MUCHIRI

(Territorios centraes)

> Continuando os esforços simultaneos de ambos os lados, virá um dia em que os mineiros da civilisação se dêem as mãos no interior, deixando portuguez todo o commercio da Africa entre as provincias de Angola e Moçambique.
>
> (F. M. Bordalo — *Estatistica).*

Secção I

Viagens e explorações entre as provincias de Angola e Moçambique

Os sertões Angolo-Moçambicanos são constantemente percorridos pelos aviados, que fornecem informações mais ou menos minuciosas, e que mostram não só a nossa exploração pratica, mas tambem viagens aos differentes mercados do interior.

O caminho para o Zambeze, por exemplo, é dos mais conhecidos e as nossas viagens a Lunda e a Loval, ao Genge e lago 'Ngami, quando não estivessem comprovadas por muitos dos nossos viajantes e exploradores, nunca poderiam ser postas em duvida em presença das informações que, a este respeito, nos deixou Livingstone.

Reproduzo as palavras do explorador inglez para que

mais facilmente possa conhecer-se a exactidão do que affirmo[1].

Sebituane fôra um dos fugitivos, que em 1824, se retiraram de Kuruman e por muitas vezes ouvira fallar dos europeus que habitavam a costa occidental da Africa. (*Expl.* pag. 89).

Dirigindo-se para as lagôas salgadas, apossou-se das margens do lago Kumadau[2].

Não se contentou Sebituane com o logar em que acampara, e ***impellido pelo desejo de travar relações*** com os brancos, desejo que parecia ter sido sempre o *seu sonho*, caminhou para sudoeste, chegando ao paiz em que esteve Galton e Anderson. Passou em seguida para o norte, subiu o rio Tioge até ao monte Sorila. (Ibid. pag. 89).

Sebituane, dominado sempre pela sua idéa predilecta, desceu o Zambeze com o fim de visitar os brancos. Imaginava elle, e *Livingstone não sabía de onde lhe viera tal idéa*, que se tivesse uma peça de artilheria, poderia viver seupre em paz. (Ibid. pag. 90).

Os portuguezes eram conhecidos dos habitantes, que, tendo sahido de Kuraman, occupavam as margens da lagôa Kumadau, as do lago 'Ngami e as do Zambeze central.

São realmente concludentes estas informações do dr. Livingstone, e devem ter grande valor para nós, porque a sua exploração foi demorada, e, se os factos não fossem justos, aquelle explorador tel-os-hia deixado em silencio. E por quem nos poderiam ser revelados com tanta imparcialidade?

1 *Explorations dans l'interieur de l'Afrique Australe*, David Livingstone, trad. de Madame Loreau (1873).

2 Este lago fica a SO do celebre *Macaricari* do Serpa Pinto; e é elle, e não o Macaricari, que recebe o Zuga ou Botletle.

Tlapané, vendo a constante idéa em que estava Sebituane de se encontrar com os brancos, oppoz-se ao seu projecto, e serviu-se de um meio curioso e que revela a intelligencia dos pretos. Fez de propheta (Ibid. pag. 90), e na sua prophecia fallou de *fogo*, e Livingstone accrescenta:

«O fogo, que Tlapané tinha indicado era evidentemente o das armas dos portuguezes de que tinham ouvido fallar.» (Ibid. pag. 91).

E tudo isto se passava na presença do Dr. Livingstone, na bacia hydrographica do Zambeze central, nos limites das nossas provincias de Angola e Moçambique. Não ha portanto a menor duvida de que os habitantes da bacia do lago 'Ngami e do rio Chobe desejavam ter relações comnosco, e que decerto não quereriam se não nos conhecessem.

Reparou o dr. Livingstone que alguns indigenas traziam roupas de panno azul, vermelho e algodão estampado.

Perguntou-lhes como poderam obter tal vestuario, e soube que tinha sido comprado aos Mambari, que tinham estreitas relações com os negociantes do Biè (Ibid. pag. 96).

A esta caracteristica passagem, sobre que não faço commentarios, segue-se outra digna de attenção.

Os Mambari, observa Livingstone, tinham visitado em tempo o chefe dos Barotse (Ibid. pag. 99). Estiveram muito tempo sem apparecer, e afinal voltaram em 1850, trazendo uma carregação de espingardas portuguezas com a marca *Legitimo de Braga* (Ibid. pag. 99).

Ao valle denominado Barotse, onde fica Lialui de que nos fallou o sr. *Serpa Pinto*, haviam chegado os aviados

dos negociantes de Benguella, e passaram depois ás margens do rio Chobe, em Linyanti, onde estava o dr. Livingstone.

Para que estas e outras informações não offereçam a menor duvida, transcrevo o seguinte trecho, que me parece prova decisiva:

«Os Mambari tinham, em 1850, trazido noticias favoraveis do novo mercado, que estava aberto á gente de oeste e dos mestiços portuguezes, que faziam commercio de escravos e foram em 1853 á povoação dos Makololo. Estava em Linyanti, quando um d'elles ali chegou. Este homem era em tudo similhante a um portuguez a quem elles chamavam *Pere-au-sac* por ser transportado n'uma rêde ou tipoia. Não levava mercadorias, e dizia que tinha ido ali para comprar os objectos que havia no paiz. Um certo numero d'estes negociantes estavam em Linyanti emquanto eu percorria o Chobe. Sabendo que me approximava, foram estabelecer-se ao norte, onde, sob a protecção de Mpépé, construiram uma estacada muito alta e espessa. Abrigados por detraz d'ella, proseguiram no seu commercio dirigidos por um mulato portuguez.» (Ibid. pag. 185 e 186).

A pag. 221 diz que Mpépé tinha dado licença completa aos Mambari para elles fazerem, á vontade, o seu negocio, o que é altamente significativo por mostrar confiança e relações muito frequentes.

O seguinte trecho é digno de attenção:

«Perguntei a *Porto*, chefe dos Mambari, se não tinha ouvido dizer que Naliélé havia sido visitado pelos brancos; respondeu-me que não, e accrescentou que elle proprio tinha tentado tres vezes chegar lá, e sempre tinha sido impedido pela tribu dos Ganguellas; em 1852 tinha

avançado até aos arredores e havia sido repellido. Agora (1853) tinha querido entrar em Naliélé, mas não lhe fôra possivel passar além do Kainko, situado nas margens do Bashoukoulompo, a oito dias de distancia de Naliélé, e fôra obrigado a voltar para os Barotsés.» (Ibid. pag. 223).

«Não me restava ninguem da minha antiga escolta, e contei unicamente com os vinte e sete individuos, a que chamarei *zambezianos*, porque não havia entre elles senão dois Makololos; os restantes eram Barotses, Batokas, Basshoubias e dois Ambondas.» (Ibid pag. 234).

São por tal modo significativas estas palavras, que se tornam inuteis quaesquer considerações.

Diz ainda Livingstone:

«Na embocadura do Makondo, um dos meus homens achou um fragmento de cadeia de relogio, de aço, de fabrica ingleza; é aqui que os Mambari atravessam o rio para se dirigirem a Masiko. Não me admiro agora do cuidado que tinha Sékélenké com os dentes do elephante que podia juntar. Os Mambari teem o espirito do negocio e caracter emprehendedor; começam por construir cabanas no logar onde tencionam fazer commercio, porque sabem muito bem que o podem fazer vantajosamente.» (Ibid. pag. 273).

E que factos mais convincentes podem exigir-se para se demonstrar a nossa exploração effectiva no valle do Zambeze central?

«Shinto, pelo que nos disseram os seus embaixadores, ia ter a felicidade de receber tres homens de raça branca, que se achavam ao mesmo tempo na povoação; porque dois brancos que vinham do oeste tinham tambem feito annunciar a sua chegada.

Perguntei-lhes então se eram da minha côr e res-

ponderam-me: «Sim, exactamente. — Teem os cabellos como os meus? — Pois esses cabellos são os seus?! Pensavamos que era uma cabelleira; nunca tinhamos visto cabello assim. Este branco deve ser da mesma especie d'aquelles que vivem no mar.» Como os estrangeiros, de que se tratava, tinham a cabeça de lã, renunciei á esperança de vêr outros europeus além de dois mulatos portuguezes que faziam o commercio de marfim, de cêra e de escravos.» (Ibid. pag. 291 e 292).

«Os dois mulatos portuguezes foram construir o seu acampamento em frente do logar, onde deviamos estabelecer o nosso. Um d'elles era disforme, cousa rara no paiz; veiu visitar-me e paguei-lhe a visita no dia seguinte de manhã. O seu companheiro, homem de elevada estatura, era de côr amarello-pallida que o fazia parecer mais branco do que eu. Estes mulatos vinham do paiz de Lobale.» (Ibid. pag. 293).

«Os mulatos portuguezes e os Mambari vieram com as suas armas para honrar Shinto com uma salva de artilheria; os seus tambores e trombetas faziam então todo o ruido de que estes velhos instrumentos são capazes.» (Ibid. pag. 294).

«Uma centena de mulheres, vestidas com os seus mais bellos fatos, que se compunham d'uma porção de sarja vermelha, estavam sentadas atraz de Shinto.» (Ibid. pag. 395).

«Os portuguezes da provincia de Angola empregam este instrumento (marimba) na orchestra de que se servem para a dança.» (Ibid. pag. 237).

«O sol tinha aquecido muito e uma descarga de espingardas, dada pela escolta dos mulatos portuguezes, terminou a sessão.» (Ibid. pag. 297).

«Shinto disse que tinha para dar-me como guias homens conhecedores de todos os caminhos que conduziam ás povoações dos brancos.» (Ibid. pag. 249).

«Perguntei o que sabiam da visita que *Pereira* e *Lacerda* tinha feito a Cazembe; um velho de cabellos grisalhos respondeu-me que tinha ouvido fallar de homens brancos, que lhe haviam dito que outr'ora um branco tinha ido a Cazembe, mas que elle nunca o tinha visto. Os habitantes de Cazembe são Balundas ou Balois, e os portuguezes designam este territorio sob os nomes de Londa, Lunda ou Lui.» (Ibid. pag. 309).

«Perguntei n'esta occasião se faziam ainda sacrificios humanos, como na época em que *Pereira* tinha estado em Cazembe; um dos habitantes de Muata-Ianvo respondeu-me que esses sacrificios nunca tinham sido tão communs como tinha dito *Pereira* e que se tornavam cada vez mais raros!» (Ibid. pag. 321).

«Um pouco mais longe encontrei a palavra *Ave-riâ*, de origem evidentemente catholica (*Ave-Maria*), empregada como saudação, o que prova que a formula vae longe e mais facilmente do que a fé!» (Ibid. pag. 325).

«E accrescentou que o caminho do nordeste era o mais directo e aquelle que seguiam todos os mercadores que íam vêl-o!» (Ibid. pag. 324).

«Perguntando a Shinto o que queria lhe trouxesse de Loanda, respondeu que tudo quanto fosse feito por brancos não podia deixar de lhe ser agradavel.» (Ibid. pag. 324).

A uma prova segue-se outra prova, a um facto outro facto, e comtudo o dr. Livingstone estava, por assim dizer, no centro dos territorios comprehendidos entre as nossas provincias de Angola e Moçambique! Não pre-

tendo demorar-me em considerações a proposito de cada uma das provas que vou apresentando. O livro do dr. Livingstone é muito conhecido, e facilmente poderá avaliar-se a exactidão das minhas transcripções. Muitas, além d'isso, já foram apreciadas pelo fallecido D. José de Lacerda, no livro de critica que publicou, a proposito das viagens do explorador inglez.

Trata-se, porém, de uma questão de facto, e n'este caso as provas devem ser positivas, claras, e quanto mais simplices mais convincentes. Abstenho-me, por isso, de commentarios, e terminarei fazendo as seguintes transcripções:

«Chegámos a uma estação de alguns Ambakistas, que franquearam as margens do Cuango por causa do commercio de cêra. Quasi todos estes pretos sabem ler e escrever com uma facilidade notavel e aprendem com paixão tudo quanto podem estudar: historia, jurisprudencia, etc., e devem á sua aptidão para o commercio, o cognome de judeus de Angola; muitos d'elles são empregados como aviados e como expedicionarios, e a delicadeza da sua constituição dá-lhes uma letra de mulher que é muito apreciada pelos portuguezes.» (Ibid. pag. 439).

«Apenas chegámos á aldeia de Sansarué, este correu logo, recebeu-nos com maravilhosa delicadesa, e perguntou-nos se tinhamos visto Mueneputo, o rei dos brancos; queria fallar dos portuguezes.» (Ibid. pag. 440).

«Visitou primeiro os pombeiros, e ficou pouco lisongeado com o meu presente, porque Paschoal, o pombeiro, acabava de lhe dar 9 kilos de polvora, vinte e quatro metros de indiana e duas garrafas de

agua-ardente; na manhã seguinte recebeu ainda mais presentes dos negociantes.

«Parecendo-me que os pombeiros que nos acompanhavam não andavam depressa, resolvi separar-me d'elles no Cuango, logo que tivesse dado ao sr. Paschoal muitas cartas que queria mandar para Cassange.» (Ibid. pag. 441).

«N'esta occasião chegou o sr. Paschoal; procurou sanguesugas que abundam nos riachos proximos, e applicou-me uma certa quantidade sobre a nuca e nas virilhas o que me alliviou muito. No fim de alguns dias, achando-me melhor, quiz partir; os meus companheiros oppozeram-se, pretextando a minha fraqueza, mas o sr. Paschoal, que fôra obrigado a deixar-me para ir comprar viveres para os seus numerosos portadores, e que, naturalmente bom, era muito cuidadoso por mim, mandou-me dois dos seus homens para me convidar a ir ter com elle, se fosse possivel.» (Ibid. pag. 442).

«Os povos que habitam o paiz que atravessavamos estão costumados a receber a visita dos mercadores africanos, e não se julgam obrigados a offerecer alimentos aos viajantes senão para exploral-os.

«Muitos d'elles fizeram-me pedidos exhorbitantes sob pretexto que devia ser muito rico, pois que dormia n'uma casa de fazenda.» (Ibid. pag. 464).

«Pedi a Monanzanza que nos procurasse um guia. Consentiu, e, em vista da observação de Paschoal e de Faria, que lhe fizeram comprehender que não era negociante, acceitou um presente muito menos valioso do que geralmente recebe. Considera os presentes que lhe fazem como uma cousa que lhe é

devida; a ponto que o sr. Paschoal tendo depositado o seu carregamento n'um armazem, elle apresentou-se alguns instantes depois para reclamar a sua parte; o sr. Faria deu-lhe com toda a seriedade uma vasilha de barro das mais communs, mas que são muito estimadas no paiz por causa da sua profundidade; o chefe recebeu aquelle presente como testemunho do mais vivo reconhecimento, o que me deu vontade de rir.» (Ibid. pag. 458).

E quem duvidará ainda, em presença de taes informações, de que os roteiros dos negociantes portuguezes, de Loanda para o Zambeze ou do Biè para a mesma região, são perfeitamente conhecidos?

Todos sabem que *Silva Porto* seguiu, por differentes vezes, sempre com bom resultado, do Biè até Naliélè, pouco ao sul de Lialui. Deu informações a respeito dos rios que atravessou e das tribus encontradas. Um dos seus diarios está publicado nos *Annaes do conselho ultramarino* a pag. 273 e seguintes. D'este diario transcrevo em fórma de carta os seguintes extractos.

«A partir do Biè encontrei, no fim de alguns dias, o rio *Cuanza*. Tem 4 braças de largo e a sua nascente ficava a 2 dias de distancia do logar em que me achava.

As terras do Biè findam na margem esquerda do rio Coqueima, que atravessei n'um sitio em que elle tinha 8 braças de largo. Principia aqui o territorio *Guanguella*.

Depois d'este rio, e antes de chegar á margem direita do Cuanza, passei o *Cunde*, de 30 braças de largo e é affluente do Quizulonga.

Passei tambem o rio *Quinlonga*, de 3 braças de largo, affluente do Coqueima.

A respeito do povo Ganguella darei as seguintes informações:

São robustos e de boa figura, e em geral circumcidados; são arrogantes, traiçoeiros, voluveis e perversos, se bem que fracos; porque todos estes defeitos se dão a conhecer promptamente nos seus semblantes, onde existe marcado o instincto da maldade; são dados á embriaguez em todo o rigor, e, por este motivo, vivem continuamente em desordem e incendios nas povoações visinhas, que são compostas de quatro a vinte casas, e á excepção da libata grande; as mais libatas não são muradas. Em superstições excedem todo o mais gentio, e estão independentes. São dados á caça, á pesca, á agricultura e ao trafico da cera; não fazem uso da fazenda, e só a applicam para resgates. O sexo masculino traja pelles dos differentes animaes bravios, e o sexo feminino usa de cascas das arvores preparadas. As suas armas são arcos, flexas e zagaias, mas não ha negro Ganguella que não possua arma de fogo, que a maior parte das vezes carregam até ao meio, e por isso muitas vezes são victimas da sua imbecilidade. As suas lavouras são grandes, pois que cultivam mandioca, feijão, milho, massango em grande quantidade, pela fertilidade do terreno, podendo affirmar que na cultura d'estes generos excedem o povo *Quibundo*. Principiam a cultivar no mez de novembro, e, n'este tempo, mudam das libatas para as lavouras, conservando-se ali até ao mez de julho, regressando por este tempo ás suas habitações, costume não seguido pelo povo Quibundo. O seu ferro tem grande mistura de aço, e com elle fazem bons machados, quer para enfeite, quer para trabalho, bem como flexas, pois que n'esta qualidade de trabalho não ha gentio que os possa imitar.

O primeiro affluente da margem esquerda do rio Cuanza que encontrei tem o nome de *Cutupo*.

Passado o rio Cuanza, vi o rio *Hicoabere*, 2 braças de largo, affluente da sua margem direita. Deparou-se-me em seguida o *Lumbuambua*, 3 braças de largo, e affluente tambem do rio Cuanza. Cheguei á cabeceira do rio Lumbuambua, notando que cessam n'esta paragem todos os rios que dirigem seu curso para o poente.

Devo notar ainda que no meio do Lumbuambua ha uma grande lagôa, cheia de folhagem e flôres, que apenas deixa divisar as aguas. As folhas teem 12 a 15 pollegadas de circumferencia e são de um encarnado mui vivo no centro e orladas de verde escuro; as flores teem dez pollegadas de circumferencia e são de um azul avelludado, rematando em azul claro nas pontas e no meio são côr de oiro, concluindo por um botão similhante a madreperola. O seu aroma era agradavel e similhante ao lirio; tem aquella flôr a fórma de estrella e é o mais lindo emblema da candidez.

Todos estes contornos mostram uma perspectiva encantadora e magestosa.

Cheguei ao rio *Cobulai*, e deve notar-se que por estas paragens teem principio os rios que dirigem o seu curso para o nascente. Entre o Lumbuambua e o Cobulai póde calcular-se, termo medio, 14 legoas, o que representa a linha de separação dos rios que vão para oeste e para leste.

O rio Cobulai é affluente do rio *Cuito da Zambueira*, e recebe as aguas do rio *Munhona*, de 3 braças de largo.

Mandei visitar o Soba, que agradeceu e veiu em companhia dos portadores, trazendo-me algumas quindas de fuba e gallinhas, cujo presente retribuí com alguma fa-

zenda, ficando o dito Soba muito satisfeito, e depois de algum tempo de conversação, retirou-se para a sua libata. Os Quimbundos possuem toda a casta de creação domestica, mas é esta procedida dos saques que fazem nas guerras, o que não acontece aos Ganguellas, que a possuem em grande quantidade. Mas o que é celebre é que em qualquer d'estas nações não matam um boi para comer, a não ser que as suas differentes superstições o exijam para as suas festas. O Soba Bango Acanco, unico por estas paragens, tambem possue algumas cabeças de gado pelos contornos do rio Cubango, não o tendo nas suas terras em consequencia das contínuas correrias dos Ganguellas nas terras de Cangilla e Muatajamba.

Fui passeiar pela margem ao rio Munhona que apresenta uma agradavel perspectiva principalmente na desembocadura do rio Cobulai e Cuito da Zambueira, onde ha quatro grandes oiteiros em distancia de um quarto de legua uns dos outros, e pelo meio dos quaes passam os tres rios. As planicies estão cheias de habitações do povo Ganguella e são plantadas de milho e massango; os habitantes possuem grande numero de canôas e são dados ao trabalho.

Cheguei á margem direita do rio Cuito da Zambueira e descancei.

A gente da comitiva foi á caça e apesar da chuva trouxe cinco veados.

No dia 23 veio o Soba Bongo com os canoeiros; mas como me não conviesse o preço o despedi, dando ordem á minha gente para que fossem ao mato fazer algumas canôas, o que não foi muito do agrado do Soba, e sendo isto conhecido por mim e para elle se calar lhe dei alguns panos. Pela tarde chegaram algumas canôas do mato, as

quaes não eram em numero sufficiente; dei ordem para transportar estas para o rio, e para que no dia seguinte se fizessem mais.

No dia 24 depois de concluidas as canôas sufficientes, as mandei deitar ao rio; mas como não era possivel seguir, por causa do mantimento que se tinha comprado não estar ainda prompto a seguir, dei ordem para a partida ficar transferida para o dia 26, e bem assim para ajustar com o Soba os guias indispensaveis para ensinar o caminho até ao rio *Caimbo.*

A gente da minha comitiva já se tinha enganado quando ha tempo regressava de Lui para este sitio, e por isso julguei conveniente tomar guias.

O Cuito da Zambueira tem 12 braças de largo n'este logar.

Depois de passar o Caimbo, encontrei o rio *Luaputo*, margem direita. É affluente do Cuito.

Passei o rio *Mozire* e depois o *Coanabáre*, de 12 braças de largo. É affluente do rio Cuito.

O rio *Chamete*, de 2 braças de largo, é affluente do Cuanabáre.

Passei depois á margem direita do rio *Cacuti.*

O rio *Lupiro* é affluente do rio *Caimbo*, em cuja margem direita descancei.

De noite despedi os Ganguellas que nos haviam servido de guia até este logar, em consequencia da persistencia em quererem voltar para a sua terra, certo tambem pela minha gente de que se não tornavam necessarios.

Segui a margem direita do rio Caimbo e passei o *Cumseha,* seu affluente.

A passagem do rio Cóue é pessima pela circumstancia de ter uma lagôa que cruza o rio pelo meio, toda cheia

de capins e em partes quasi da altura de um homem, e n'outras para mais, tornando-se necessario para a facilidade da passagem a construcção de pontes.

Estes logares são inteiramente deshabitados, por causa da grande estensão de matos fechados, o que obriga muitas vezes a soffrer falta de mantimentos, sendo este supprido pela grande abundancia de caça e mel que ali ha. Os negros devolutos vão sempre caçando, e quando se reunem á comitiva trazem grande quantidade de ambos os objectos; mas é preciso obrigal-os, porque de contrario deixar-se-íam morrer de fome, apesar da sua desmedida gula.

Continuei a viagem pela margem direita do rio Caimbo durante mais dois dias, até uma ilha situada no seio do rio e onde habita o Soba Catiba.

Depois de preparar um bom presente, mandei visitar o dito Soba, bem como participar-lhe que queria passar o rio no dia seguinte, por haver n'aquelle logar grande falta de mantimentos, e que esperava que elle Soba désse as suas ordens a tal respeito; respondeu que agradecia o presente, e que não havia obstaculo algum que impedisse a passagem, poisque elle iria pessoalmente no dia seguinte para cohibir qualquer transtorno que por ventura houvesse.

Passei o rio Caimbo e segui para a margem esquerda do rio *Cuando*, o qual passei em canôas na sua juncção com o rio Caimbo, tendo o primeiro sete braças de largo e o segundo oito, havendo n'aquelle logar quinze braças de largura e vae desaguar no rio *Riambeje*.

Passado o rio Cuando, tive falta de agua e foi preciso fazer grandes covas para a encontrar, o que é necessario ter sempre em vista nas explorações d'Africa.

Cheguei finalmente ao rio *Cuti,* onde findam as terras do dominio Ganguella.

Desejava vêr estes sitios e por isso embarquei n'uma canôa, e depois de meia hora de viagem, cheguei á povoação denominada Muene Mutembe; encontrei a dona da terra rodeada de seus macotas. A dita senhora mandou que tomasse eu assento, e só depois é que me saudaram e me perguntaram o que eu queria. Respondi que pretendia passar para diante, por não ser aquelle o termo da minha viagem, que desejava demorar-me ali alguns dias para comprar mantimentos, e que esperava que da sua parte não pozesse obstaculo a isto. Depois de me saudar segunda vez, disse-me que dispozesse da sua terra como me approuvesse, na certeza de que ali não costumavam praticar injustiças. Entreguei-lhe o presente que levava, e ella se mostrou agradecida, e ao mesmo tempo pezarosa, e perguntando eu o motivo do seu pesar, respondeu que era por não poder offerecer uma cabeça de gado, pois que na sua terra o não havia, mas que me agradecia com dez quindas de fuba e dez gallinhas, unica creação que tinha. A Soba Muene Mutembe (Muene significa *Senhor*, e é o tratamento que os Ganguellas dão aos Sobas; o povo Lui costuma dar o tratamento de *Bumo*, e os Macarollos o de *Morena)* terá vinte e quatro annos e é robusta. Fiz-lhe vèr que desejava dar um passeio pelas suas povoações, ao que ella annuiu sem objecção, mandando que se me désse uma de suas canôas para este fim, e tendo-me despedido fui percorrer aquelles contornos. A terra do Cuti (todo o gentio costuma tomar para as suas terras o nome do rio mais proximo) antigamente era do dominio dos Sobas do Lui; mas em consequencia da perseguição que lhe faziam os

mesmos, o povo Macorollos tornou-se independente. O rio Cuti, de que a terra tem o nome, é de quatro braças de largo, e vae desaguar no rio *Cuando;* a planicie, por onde o rio dirige o seu curso, tem uma legoa de largura, é alagada em todos os tempos, e coberta de caniço e capim. As habitações são construidas nas margens do rio, mas em terreno alagado; são de ruim apparencia, e podem dizer-se casas fluctuantes; para as construirem derrubam um pedaço de caniço e capim, que vão encruzando dentro de um circulo de estacas de pau, deitando-lhe por cima camadas de terra, e sobre isto é que construem a casa que é tambem de estacas e canas e coberta de capim.

As chilas (celleiros) são mais altas que as casas, e construidas sobre forquilhas, para preservar os mantimentos da humidade, e tambem lhes serve de asylo em occasião de innundações, servindo-se de canôas para transitarem. Quando decidem contendas ou fazem alguma festa, é tudo dentro de canôas; e só a habitação da dona da terra é que tem um espaço reservado para decidir as questões, não contendo este logar mais do que trinta pés quadrados. Quando morrem são enterrados em terra firme. São commummente victimas do jacaré, bem como perseguidos pelos Ganguellas do norte, Cangila, Conga e Quitembo, que os fazem andar em continuos sobresaltos e os obrigam a viver em cima de agua. Não são barbaros, mas sim francos e generosos.

Nos rios proximos abundam muitas qualidades de peixes, que tem bom sabor, não sendo inferior ao do mar. Ha abundancia de mantimento, assim como é barata a creação.

O rio Cuti não offerece passagem a váu n'estas 3 le-

goas mais proximas, e foi necessario arranjar canôas, levando dois dias a passar toda a comitiva. Não houve felizmente nenhum transtorno.

Em seguida ao rio Cuti deparou-se-me o rio *Hicului.* É seu affluente o rio *Cumballo*, de duas braças de largo. Descancei proximo ao rio *Halengo* e segui pelo leito do rio *Halongo* que vae desaguar no Hicului.

Approximei-me finalmente do rio *Nenda* seguindo pela sua margem direita, mas não o passei n'este dia.»

O sr. *Silva Porto* começou a sua viagem a 20 de novembro de 1852, e apenas está publicada uma parte do seu roteiro. Estendem-se as suas informações ainda assim desde o Biè até o rio Nenda, por onde se marcam os limites do povo Lui, e as ultimas informações são datadas de 22 de janeiro de 1853. Esta digressão durou, portanto, cerca de tres mezes, sendo realmente lamentavel que nada mais se publicasse d'esta viagem. Ha comtudo provas incontrastaveis de que esteve em diffesentes logares junto ao rio Zambeze, assim como outros portuguezes.

N'uma das suas viagens *Silva Porto* encontrou o dr. Livingstone que andava n'um reconhecimento para fazer a travessia de Linyanti para Loanda pelo Zambeze. Fez depois a sua viagem como se sabe, e em logar de embarcar em Loanda com direcção a Londres voltou para o interior d'Africa, abeirou-se do Zambeze, fez o estudo da sua região superior, ou Alto Zambeze, chegou de novo a Naliélé, passou outra vez em Linyanti e dirigiu-se em seguida para Moçambique.

Parece-me de toda a conveniencia apresentar os seguintes trechos extrahidos da obra de Livingstone, como prova deque os portuguezes tinham passado ali, havendo especial referencia ao nosso viajante *Silva Porto.*

«O Liba, parecia descer do NNO. *Eu possuia uma carta portugueza* antiga onde a nascente do Cuanza estava marcada no centro da Africa por 9° de lat. sul; pensei, desde então, que subindo o Liba até ao 12° não estaria a distancia superior a cento e vinte milhas do Coanza que attingiria facilmente o que me conduziria até á costa nos arredores de Loanda.

Os Mambaris, de que é chefe actualmente Kangombé, pretendem comprar as creanças só para se servirem d'ellas como creados. Habitam nos arredores do Biè, ao SE. de Angola, e pertencem á familia dos Ambondas. Os que estavam em Naliélé vieram ver-me; fallavam um dialecto chamado bunda (Nbundo) que é oriundo da linguagem dos Barotsés, dos Bayéyzés e das differentes tribus comprehendidas sob a denominação geral de Makalakas.

Os Barotsés designam-se a si proprios com o nome de Baloianas d'onde conclui que podiam ser de Loi, ou Lui, e que os portuguezes ali tem estado.

Os mulatos são mestiços portuguezes e TODOS SABEM ESCREVER.

Porto, o chefe da comitiva, tinha cabellos como os europeus. Mostrou-me o maior desejo de me ser util; devo provavelmente esta deferencia á carta de recommendação que me tinha dado o sr. Duprat, arbitro por parte do rei de Portugal da commissão mixta, ingleza e portugueza, na colonia do Cabo.

Porto offereceu-se para me acompanhar e prestar-me todo o seu auxilio, se eu quizesse acompanhal-o ao Biè. Recusei o seu offerecimento.»

As palavras de Livingstone, que tantos annos se demorou nas terras d'Africa Central são prova irrefutavel da influencia dos portuguezes n'aquellas paragens, o que

só póde obter-se com uma exploração constante e não interrompidas relações com os indigenas.

Silva Porto separou-se de Livingstone e seguiu viagem na direcção E. durante oito dias. Foi, porém, obrigado a voltar ao Zambeze e d'aqui regressou ao Biè, chegando a Benguella antes de Livingstone ter chegado a Loanda.

E que mais se póde escrever para mostrar o valor da nossa exploração pratica por todo o valle do médio e alto Zambeze?

Silva Porto precedeu o explorador inglez, e é este mesmo que, com a sua auctorisada palavra, nos falla da nossa influencia com os indigenas e das viagens dos nossos sertanejos ao lago *'Ngami*, *Linyanti*, *Genge, Naliélé*, *Cazembe,* etc.

E tão convencido se mostra o sabio explorador de que *os indigenas nos conhecem muito bem*, que não tem a menor duvida em lhes pedir informações dos nossos exploradores *Pereira* e *Lacerda,* que se dirigiram — não ao valle do Zambeze, onde estava Livingstone, mas a Lunda ou Cazembe, que fica d'ali muito distante. E, facto estupendo! é um preto do Muata-Ianvo quem responde, quem dá explicações, apreciando o que exploradores portuguezes haviam escripto!

Encontra-se Livingstone com *indigenas que sabem ler e escrever* com letra tão delicada, que parece de mulher!

E haverá ainda quem ouse negar a nossa larga influencia por todo o sertão Angolo-Moçambicano?.....

....

Poderia dar mais largo desenvolvimento ás informações de Livingstone e ás dos nossos exploradores e sertanejos, mas os factos referidos pelo incansavel explorador inglez revelam immediatamente o altissimo valor da

nossa exploração pratica e os fundamentos que temos para protestarmos contra as invenções dos defensores do phantastico *Estado livre do Congo.*

Excluem dos *seus mappas* as terras do medio e alto Cuanza e os nossos sertões a leste da provincia de Angola, e esquecem-se de que mettem para dentro do *Estado* que intentam formar, *terras* que nunca percorreram e *tribus* que não conhecem! E não satisfeitos ainda com *este novo processo* de fundar uma nacionalidade, um *Estado livre,* alargam-lhe os seus limites até onde mais lhes convém!

É necessario, pois, combatel-os, não com as mesmas armas, mas com factos, com as informações dos exploradores estrangeiros e com os largos subsidios d'aquelles que se teem dedicado ao ensino dos indigenas, que teem percorrido as terras que elles habitam e que com elles sustentam as mais intimas relações commerciaes.

Secção II

Viagens, explorações e travessias de uma a outra costa

Se as viagens, por terra e por mar, que da India se fizeram a Portugal, mostram a coragem e constancia dos portuguezes, provando assim que não desanimam facilmente, a travessia do *Padre Jeronymo Lobo,* de Moçambique, pelo paiz dos Gallas, até á Abyssinia,

merece detido estudo e a narração de *Duarte Lopes* prova de modo irrecusavel que era conhecido o caminho do Congo para Moçambique, e tinha tanta certeza, no que avançava, que poude corrigir os erros de Ptolomeu, correcção que a Europa lhe recusou, por largo espaço, e que hoje reconhece como fundamentada.

O sertão entre as provincias de Angola e Moçambique tem sido percorrido por muitos negociantes, são conhecidos os caminhos e estão indicados os logares, onde póde fazer-se melhor commercio; e que estes caminhos eram já conhecidos de remotos tempos, prova-o o seguinte documento:

«O caminho de Angola por terra á India não é ainda descoberto, mas não deixa de ser sabido, e será facil em sendo cursado, porque de Angola á Lagoa Zachaf (que fica no sertão da Ethiopia, e tem de largo quinze leguas, sem até agora se lhe saber o comprimento) são menos de duzentas e cincoenta leguas. Esta lagôa põem os cosmographos em quinze graus e cincoenta minutos, e segundo um mappa que vi, feito por um portuguez que andou muitos annos pelos reinos de Monopata, Manica, Butua, e outros d'aquella cafraria, fica esta lagôa não muito longe de Zimbaôé, quer dizer côrte, deMesura ou Marabia. Sae d'ella o rio Aruvi, que por cima do nosso forte de Tete se mette no rio Zambeze. E tambem o rio Chire, que, cortando por muitas terras, e ultimamente pelas do Rondo, se vai ajuntar com o rio de Cuama, para baixo de Sena. Isto supposto, digo agora: quem pretender fazer este caminho de Angola a Moçambique, e d'aqui á India, atravessando o sertão da cafraria, deve demandar a sobredita lagôa Zachaf, e, em a achando, descer pelos

rios aos nossos fortes de Tete e Sena: d'estes á barra de Quilimane: de Quilimane se vai por terra e por mar a Moçambique: de Moçambique em um mez a Goa. Que haja a tal lagôa dizem-nos não só os cafres, senão os portuguezes que já lá chegaram, navegando pelos rios acima, e por falta de premio se não tem descoberto até agora este caminho. As condições que devem concorrer em seu descobridor, o poder que hade levar, o modo com que se deve haver pelas terras porque passar, disse já em outro papel que me pediu para bem do descobrimento[1].»

As travessias commerciaes teem sido postas em pratica por muitas vezes, principalmente entre Moçambique e as nossas terras de Benguella. Abundam as provas, mas citarei por agora a seguinte:

«A primeira noticia que eu tive de um lago (o 'Ngami), ou antes de uma supposta serie de lagos, *foi por um major portuguez, que tinha vindo por terra, de Moçambique a Benguella;* elle situa a parte septentrional do lago por 18°, e a percorreu até á sua extremidade, cerca de 60 milhas. Era difficultoso chegar á agua, tão densas eram as cannas. O lago estava cheio de hyppopotamos. Os naturaes disseram-lhe que communicava com outro lago ao S. ou a SE. Os lados occidental e oriental eram baixos e arenosos. Não podia dizer qual fosse a extensão porque a terra ao sul ficava tão longe que se não po-

[1] *Relação do Novo Caminho que fez por terra e por mar, vindo da India para Portugal no anno de 1663 o padre Manuel Godinho, da companhia de Jesus.* (2.ª ed. pub. pela sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, 1842, pag. 199 e 200.) Este trecho tem sido reproduzido em differentes obras, quando se trata de demonstrar que é conhecido o caminho de Angola para Moçambique. Não o discuto, mas é indispensavel observar que, se o caminho de Angola não *foi officialmente* descoberto, porque teve sempre pouco incitamento, a travessia fez-se bastantes vezes, passando os negros de Angola para Sofala, e vice-versa, como o attestam as memorias do principio do seculo XVII.

dia avistar. Encontrou naturaes que tinham vindo da costa occidental, visinhanças do Porto Alexandre e que tinham gasto sessenta e tres dias no caminho[1].»

Este e muitos testemunhos analogos de que tenho dado noticia mostram que nos pertencem de facto e de direito os territorios Angolo-Moçambicanos, do oriente ao occidente, por toda a Africa Central, desde o lago 'Ngami ao Moero, e desde Lourenço Marques a Cabinda e Molembo.

Ha muitos annos, portanto, que Portugal se interessa pelas viagens de exploração. No fim do seculo passado e principios do actual, realisaram-se algumas travessias, e foi considerado aberto e conhecido o caminho ou a passagem entre a provincia de Angola e Moçambique, como está exhuberantemente demonstrado[2].

«Foi *Francisco Barreto* o primeiro que diligenciou encontrar este caminho (entre Angola e Moçambique) em 1570, e desde então até hoje (1859), com maiores ou menores intervallos com mais ou menos felicidade, se teem repetido as tentativas, algumas das quaes alcançaram o desejado successo.

«O padre Santos, que moderno geographo allemão Ritter classifica como *auctor digno de fé a todos os respeitos,* affirma, na *Ethiopia oriental*, que existia no seu tempo uma communicação directa entre Sofalla e Angola, e que elle mesmo vira, quando missionou durante quatro annos nos sertões de Moçambique, mercadorias portuguezas, transportadas pelos cafres da costa occidental, atravez da Africa, até á feira de Manica, aonde muitas vezes tornavam a ser compradas por portuguezes. D'este

[1] *An. do Conc. Ult. 1854-1858*, pag. 253.
[2] Vidè *Inner Africa Laid open.* — Cooley, 1852.

antigo caminho, tambem citado por Diogo do Canto, não ha hoje a menor noticia escripta[1].»

No ultimo quartel do seculo XVIII, havia já idéas definidas sobre as expedições para as travessias, objectivo principal dos viajantes e sertanejos d'aquelle tempo. É curioso o seguinte trecho, pela franqueza da linguagem e conhecimentos geographicos que revela. Tem quasi um seculo de existencia, e é por estes e por outros documentos analogos que provarei até á evidencia que temos a exploração effectiva, pratica, que poderemos invocar como direito adquirido em contra-posição a qualquer tentativa feita por parte dos adversarios a que se refere o jornal francez *Le Globe*.[2]

. . . .

«É sabido que nos sertões conhecidos de uma e outra costa, ha brancos e mulatos com casas de negocio mais ou menos opulentas. E estes, como praticos e endurecidos no paiz, podem ser convidados para acompanhar a expedição, dando-se-lhes patentes honorificas e para elles estimaveis de titulos differentes, como de impacaceiros, atalaias, aventureiros e guerra preta; determinando-se a patente de capitão de alguns d'aquelles titulos ao que acompanhar com vinte armas seguras e capazes, e outros tantos homens; a de sargento-mór ao que aprromptar trinta; e assim, á proporção das forças que ajuntarem, se lhes deve dar maior patente. Esses homens, chamados sertanejos, como disse, presam-se muito d'estes titulos, e o estado só despende palavras quando lh'os concede.

«Deve-se de todo dar de mão aos negros, que em multidão costumam juntar-se ás expedições com o sentido

[1] Bordallo. — *Estatistica das possessões portuguezas*. Vol. IV, pag. 295. (Extracto).

[2] *Le Globe* de 21 de julho de 1879.

só nas prezas; e feitas ellas desamparam logo o campo e postos. São remissos em atacar e promptissimos em fugir; ao primeiro tiro viram costas para nunca mais apparecerem; porque o seu unico estimulo é o vil interesse das rapinas. Muitas vezes são elles mesmos os que instigam as rebelliões e fomentam as desordens, e quando se procede a procural-os, apenas se acha o logar onde estiveram; porque á maneira de relampagos desapparecem n'um instante; além de que diminuiram grandemente os provimentos necessarios para a subsistencia da outra gente. São por tanto não só inuteis, mas nocivos n'esta empreza, á excepção de alguns poucos indispensaveis para a guarda e conducção das munições e matalogem: e eu mesmo na guerra de oitenta e sete no sertão fui testemunha ocular do que assevero.......................
. ...

«Para os mimos e presentes, que se houverem de fazer aos Sóvas e aos seus macotas ou conselheiros por quem elles se governam e que são muito interesseiros, basta levar algumas ancoretas de agua-ardente de canna, alguns fardos pequenos de fazenda propria e da estimação dos negros, e sobre tudo coral falso, roncalha, velorios e outras missangas. Levar-se-hão tambem alguns capotes de panno ordinario agaloados de ouro falso, chapéos grossos, pela mesma fórma agaloados, e alguns bastões ou bengallas com seus castões de cobre dourado: porque um capote d'estes, um chapéo, uma bengalla, duas ancoretas de agua-ardente e algumas missangas, foi sempre o mimo de maior estimação do Sóva mais poderoso d'estes paizes.

«Para a subsistencia d'esta expedição poder-se-ha comprar uma boa porção de gado, de que abundam

aquellas terras; e dado que acabe, nunca se póde temer a fome; porque, havendo polvora, chumbo e bala, ha de haver certamente que comer, por ser o sertão todo muito povoado de immensa e varia caça, como elephantes, rhinocerontes, impacaças, zebras, impalancas, gamos e veados de differente grandeza e qualidade. Toda esta carne é excellente; e em quanto a houver, não se padece.

«O tempo proprio para esta expedição é o que vae de maio até setembro; tempo em que, podendo ser, ella deve acabar inteiramente, ou pelo menos suspender-se com tal cautella e providencia, que os quarteis de inverno, que desde então é muito rigoroso, possam estabelecer-se em sitio tal, onde o exercito não fique exposto aos seus rigores, e lhe seja facil haver as provisões para a sua subsistencia. Aquelle tempo a que lá chamam o *cacimbo* e que corresponde ao nosso verão, é o mais temperado e mais benigno [1].

Muitos sertanejos e negociantes teem feito a viagem da costa de Angola e de Moçambique para o interior do continente e parece-me digno de attenção o trecho seguinte:

«No anno de 1807, sendo governador e capitão general do reino de Angola, o illustre, douto e zeloso fidalgo, Antonio de Saldanha da Gama, hoje conde de Porto Santo, *se realisou,* de mandado d'elle, a primeira expedição de Loanda á contra-costa, a qual VOLTOU no anno de 1809, trazendo a embaixada dos *Molluas,* nação que já commerciava com Moçambique. Immediatamente enviou o digno governador outra expedição com ordem expressa de ir até Moçambique, o que effectivamente se

[1] *Observações sobre a viagem da costa d'Angola á costa de Moçambique, por José Maria Lacerda, 1787 a 1798. (Extracto) Annaes maritimos e coloniaes 1844, pag. 198 e segnintes.*

executou, voltando esta segunda expedição a Loanda com cartas de Moçambique, estando já a governar Angola José de Oliveira Barbosa[1].»

Refere-se tambem a uma simples travessia o documento que se segue, e registro-o por demonstrar que a passagem de uma para outra costa, entre as provincias de Angola e Moçambique, tem sido levada a cabo por muitas vezes e facilmente se encontram guias e interpretes sufficientemente habilitados:

«Aos 12 de novembro chegaram a esta Capital alguns Mouros, Negociantes, que em 9 de junho de 1853 sairam de Benguella, sendo portadores de um Officio do Governador de Angola; com elles saiu de Benguella *Antonio Francisco da Silva Porto*, que ficou em Cutonge, depois de cento e sete dias de jornada[2].»

O interesse com que alguns ministros attenderam ás explorações e travessias dos territorios comprehendidos entre a costa occidental e oriental prova-se na seguinte portaria:

«Tendo Sua Magestade a Rainha o maior empenho em que se abra a communicação entre os Dominios de Africa Oriental e Occidental; pelas grandes vantagens que devem resultar ao Commercio e riqueza da Nação, se chegar a conseguir-se o livre e seguro transito dos Sertões que medeam entre os Rios de Senna e Angola: Manda, pela secretaria d'estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, remetter ao Governador geral da Provincia de Moçambique as inclusas copias de dois Offi-

[1] Indice chronologico das navegações, viagens, descobrimentes e conquistas dos portuguezes, nos paizes ultramarinos. Lisboa — Imprensa Nacional — 1841.

[2] Viagem de Benguella a Moçambique, officio do governador d'esta provincia em dezembro de 1854.

cios, que tratam d'aquelle interessante objecto, um do Governador geral de Angola, datado de 30 de abril do anno proximo passado, e outro do Major *José Manuel Corrêa Monteiro*, encarregado de penetrar nos ditos Sertões, e que effectivamente chegou a Lucenda, Côrte do Imperador Cazembe, d'onde escreveu em 10 de Maio de 1832, determinando: 1.º que pela dita Secretaria d'Estado venham á Sua Real Presença o Relatorio ou Diario da expedição que commandou o dito Major, e de que elle faz menção no seu dito Officio, e todos os mais esclarecimentos que existirem sobre a materia; 2.º que se procure continuar a communicação entre as duas Provincias por meio de alguns homens intelligentes, que possam dar conta circumstanciada do interior; 3.º que se examine se será possivel a mesma communicação entre as duas Provincias por meio de Camellos ou Elephantes; não esquecendo o meio de fazer adiantar as feiras, e os presidios, de fórma que a distancia entre um e outro Dominio se vá progressivamente diminuindo; o que tudo Sua Magestade Ha por muito recommendado, e Espera que o Governador Geral, dando ao Governador de Quilimane e Rios de Sena, as instrucções que lhe parecerem convenientes, e proporcionando-lhe os meios necessarios, se esforçará em desempenhar as beneficas Intenções de Sua Magestade. Paço das Necessidades, em 24 de abril de 1840. — *Conde de Bomfim* [1].»

A tão louvavel esforço dos governos não correspondia, porém, o desejo e boa vontade dos governadores, e não se aproveitavam as aptidões, nem se pensava nos immensos recursos d'aquelles uberrimos valles e planicies.

[1] Explorações dos portuguezes no interior da Africa meridional. — documentos governativos relativos á viagem de Angola para os rios de Senna. *Annaes maritimos e coloniaes*, anno de 1843, pag. 538.

E quanto póde o governo d'uma colonia, quando sabe dirigil-a e aproveital-a, exhuberantemente o provam os governadores da riquissima ilha de Java, nos annos de 1816, 1826 e 1830. Quando ás nossas colonias chegarem homens, que á intelligencia reunam a iniciativa, veremos brotar d'aquelle solo tão despresado até hoje pelos delegados da metropole, a riqueza e abundancia, que infelizmente quasi se desconhece ali, tão grande é a negligencia d'aquelles a quem, para conseguir tão invejavel resultado, bastaria ter vontade.

Não devo esquecer tambem as importantes informações de alguns escriptores estrangeiros, e, entre outras, merecem especial menção as seguintes:

«Os portuguezes não foram sómente *descobridores* da costa SO. e SE. da Africa; foram tambem os primeiros que penetraram no centro d'este continente; foram precisamente batedores dos exploradores actuaes.

«O portuguez Rezende (1645) traçou um mappa exacto das boccas do Zambeze. O proprio Livingstone (Missionary Travels, pag. 587) attribue a fundação do Zumbo, 16° lat. sul 28° long. E. de Paris, no confluente de Arangoa (dos portuguezes) ou Luengua e do Zambeze, a *Gonçalo Caetano Pereira*.

«Nos seculos XVII e XVIII os portuguezes subiram, pois, o Zambeze até Batoka e Makololo.

«E, *cincoenta annos antes de Livingstone* partir de Curuman e do lago 'Ngami, para alcançar Linyanti sobre o Chobe, proximo a Secheké, no Makololo, um portuguez *José d'Assumpção e Mello,* concluia, como mais tarde o grande explorador, que o Secheké e mais longe o Liambai, eram apenas o curso superior do Zambeze.

«O diario dos Pombeiros ou negociantes portuguezes

da provincia de Angola, sobre a costa occidental (Annaes maritimos) falla do Kabebe, 8° S. e 21° E. de Paris, residencia do Muata-Yamvo actual (Matianfa dos escriptores portuguezes) que Cameron diz ter sido expulso do reino, na epoca da sua travessia.

«Mais recentemente iam ao Katanga, paiz do cobre, até Cazembe 9° 37' S. e 27° E. de Paris, e d'ahi desciam a Tete, no Zambeze, por 17° de lat. S. e 32° long. E.»

. . . .

«*Pereira*, depois de ter passado o *Zambeze* para o outro lado, entrou no territorio do *Cazembe*, o qual havia sido conquistado por seu pae, o rei de *Moroposa*.

. . . .

«*Pereira* com seus companheiros navegaram pelo rio tres dias para chegarem á capital, ficando de noite em algumas das muitas ilhas, que n'aquelle rio se encontram.

«Na corte do Cazembe foram muito bem recebidos, e a primeira cousa que o Monarcha fez, foi dar-lhes um titulo, que fazendo sagrados os seus passos, os pozesse a salvo de qualquer injuria ou insulto.

. . . .

«Logo depois da sua chegada, foi despachado um correio ao Rei de *Moroposa* para o informar, que se elle tinha visto homens brancos, vindos de Angola, seu filho o Cazembe tinha agora recebido a visita da mesma especie, vinda de *Moçambique*.

. . . .

«O Cazembe não quiz consentir que *Pereira* deixasse o seu reino, sem a condição que elle e os seus compatriotas novamente voltariam; declarando-lhes, que se não cumprissem a sua palavra, os consideraria como inimigos.

. . . .

«O Rei dos Moluas não consentiu que o enviado portuguez passasse pelo seu territorio para a Costa Oriental, sem que primeiro se fizesse um arranjo entre elle *(Muata)*, e o capitão general conde de Saldanha, para cuja conclusão duas formaes, e distinctas embaixadas foram mandadas, uma pelo *Muata*, e a outra por sua mulher, levando cada uma presentes separados.

«A maior parte d'estes Africanos estavam vestidos com objectos de manufacturas européas, compradas nos estabelecimentos portuguezes de Moçambique; e o conde de Saldanha notou que estes negros eram de uma raça muito mais bella, do que os das visinhanças da Costa, assim como muito mais civilisados e intelligentes.

«Ficaram muito satisfeitos com a recepção, que lhe foi feita e muito admirados de uma revista militar a que assistiram, assim como dos diversos estabelecimentos de *S. Paulo (Loanda)*. A cidade, porém, não lhes causou admiração alguma, porque a achavam consideravelmente inferior á sua Capital[1].»

O auctor do *Potolemy and the Nile*, do *Inner Africa open*, M. M. Desborough Cooley, citado duas vezes na conferencia de Cameron e que tem auctoridade na Inglaterra, encontrou no itinerario de Silva Porto, do Liambai á costa oriental, *o systema do Zambeze*.

O que é importante é a confissão sincera de geographo inglez de que os materiaes e elementos do seu trabalho são de origem portugueza: da mesma fonte bebeu elle os elementos da sua obra *Inner Africa laid open* (o interior de Africa percorrido.

[1] Relação dos descobrimentos feitos pelos Portuguezes no interior de Angola e Moçambique, por T. E. Bowdich, *Annaes maritimos e coloniaes*, anno de 1843, pag. 544 e 552.

. . . .
Relembro com verdadeiro prazer o que alguns escriptores estrangeiros teem escripto a respeito das nossas explorações e travessias na Africa Central antes de para ali se enviarem, em 1877, as novas expedições geographicas e de obras publicas.

Deparam-se a esses escriptores provas sufficientes para demonstrar que os indigenas sabem ler e escrever, devido aos portuguezes; que os nossos negociantes visitam os mercados do interior e passam facilmente de uma a outra costa; e que, finalmente, foram os nossos exploradores que descobriram o systema hydrograpaico do Zambeze...

Mas era indispensavel dar relevo scientifico a todos estes trabalhos, quasi esquecidos por falta de propaganda, e d'esta patriotica missão se encarregaram Brito Capello e Roberto Ivens.

E quem poderia dar attenção ao officio do governador de Tete, referindo-se, em 1861, ás informações de *José Agostinho Xavier*, que ali chegava do Zumbo, depois de se ter encontrado, nos mercados a que fôra, com portuguezes idos de Benguella?

Não se leem, por certo, documentos d'esta ordem e no entanto teem alto valor colonial.

Os roteiros dos nossos negociantes, em geral, não são feitos ao longo dos rios. E' o que se observa attentando nas cartas geographicas de *Brochado*, Sá da Bandeira, *Magyar*, Paiva Raposo, etc.

Os principaes roteiros fluviaes, de uma a outra costa, embora não possam aproveitar aos negociantes, devem memorar-se para se apreciar a exactidão das informações dos nossos exploradores antigos. E é sobre os dados que

elles nos fornecem que eu pude organisar o ***seguinte roteiro fluvial*** da foz do Cuanza á foz do Zambeze ou do Limpopo.

É do theor seguinte:

Na epoca das chuvas, um explorador, tendo á sua disposição barcos de borracha ou canôas appropriadas, de modo que seja facil transportal-as a braços nas alturas das cachoeiras, póde navegar todo o rio Cuanza, e um dos seus affluentes, passando em seguida ao rio Cuito.

Chegando á região superior d'este, deverá demorar-se algum tempo entre os povos que habitam as suas margens e os respectivos affluentes, e no entretanto vae esperando o tempo das chuvas. Terá occasião de reconhecer, como se vê no mappa de Ladislau Magyar, a divisoria das nascentes do rio Cuiba, Lungo-é-Ungo e Cuito da Zamboeira, affluente do Cubango. Não é muito affastada a distancia que separa as nascentes umas das outras, e foi isso que levou Ladislau Magyar a indicar a vantagem de se percorrer o terreno comprehendido entre as origens do Cuiba e do Cuito, levando uma canôa a braços, e passando assim do Cuiba para o rio Cuito.

Depois de começar a navegar no rio Cuito, o explorador desce para o Cubango, o qual communica com o lago 'Ngami.

A viagem n'este lago faz-se em canôas, como se sabe pelas informações do dr. Livingstone, e, quando as aguas são abundantes, desaguam pelo rio Zuga ou Botletle que, sendo convenientemente aproveitadas, podem levar a canôa até ao lago Kumadau.

A communicação entre este lago e o Tchuantya ou Karri-karri (Macaricari do m. Serpa Pinto) tambem conhecido ha muios annos por lagôa salgada e Tchuantsa,

não existe no tempo da estiagem, e o explorador teria de esperar nas suas proximidades a epoca mais favoravel para poder seguir ávante. Um dos rios do lado oriental da grande lagôa está em relação com os rios Tati e Remaqueban, grandes affluentes da margem esquerda do rio Shasha, affluente, a seu turno, da margem esquerda do rio Limpopo ou Bembe.

Os rios Shua, Nata e Simuane, formam pela sua reunião commum um só leito, cuja corrente foi atravessada por Chapman em 1854, quasi á mesma altura em que a passou em 1878 o m. Serpa Pinto. O rio Simuani todavia, embora de menor volume do que o Nata, fica tão proximo do Tati e Remaqueban, como o rio Cuiba do Lungo-é-Ungo e Cuito. Chegado o explorador a esta curiosa região, facilmente passará os valles do rio Shasha e do Limpopo, podendo atravessar este rio, e dirigir-se para Zoutpansberg, onde estiveram em 1855 os exploradores *Montanha* e *Teixeira*, afim de seguir o itinerario que estes escolheram quando ali vieram de Inhambane, ou então continuar pelo valle do Limpopo até ao mar ou por terra até Lourenço Marques.

Não ha, portanto, exagero em affirmar-se que ha toda a possibilidade de se fazer uma viagem da foz do rio Cuanza, cujas aguas saem na costa occidental d'Africa entre as cidades de Loanda e Benguella, até á foz do Limpopo que desagua entre as villas de Lourenço Marques e Inhambane, na costa oriental.

Assim o viajante, saindo do Cuanza em Calumbo, a mais antiga povoação portugueza n'esta zona, póde seguir rio acima, até Cambambe, passar nas alturas de Maopungo, as celebres pedras de Pungo Andongo, e avançar sempre pelo Quanza até ao Cuiba. Passada a foz d'este rio, adian-

ta-se para a sua região superior, abeira-se ao Cuito dos Gangnellas on da Zamboeira, e, descendo por este, passa ao Cubango, 'Ngami, Zuga ou Botletle, Kumadau, Shasha, e, finalmente, Limpopo.

As aguas nascidas no planalto do Biè seguem, no tempo das chuvas, até misturar-se com as do Limpopo que as lança no oceano Indico.

Em 1859, Francisco Maria Bordallo escrevia o seguinte:

«Póde-se navegar desde a foz do Cuanza até Cambambe. Este rio sobe na direcção do leste, mas inclinando para o sul, que é a verdadeira directriz para Moçambique; ainda depois de não ser navegavel, se podem seguir por terra as suas margens, durante algum tempo, o que sempre esclarece o caminho por o sertão.

«Do outro lado temos o Zambeze subindo o seu delta, no quadrante noroeste, até onde, com mais ou menos difficuldade, pode ser navegavel, o que tambem é o direito caminho para se encontrarem os que venham do Cuanza.

«*Resta, pois, determinar a difficil, mas não impossivel, estrada permanente entre os pontos extremos de Angola e do imperio de Monomopata; e ter-se-ha feito um dos maiores serviços a Portugal.*»

E esse serviço que Portugal espera ha tantos annos acaba de ser prestado pelos benemeritos exploradores Brito Capello e Roberto Ivens.

Considero a travessia d'estes illustres compatriotas como um feito egual ao de Vasco da Gama, e assim o patenteei na revista illustrada—*As Colonias Portuguezas*[1]. Julgo-a mesmo superior á de Cameron e á do pro-

[1] Revista illustrada — *As Colonias Portuguezas*, n.º 6, junho de 1865, pag. 59, artigo—*Capello e Ivens*, por Manuel Ferreira Ribeiro.

prio Stanley, e assim o sustentei na mesma revista illustrada[1], e alegra-me vêr a aceitação que lá fóra tiveram as minhas palavras. Poderia fazer a transcripção de todas as considerações que publiquei e me levam a sustentar as minhas affirmativas, fazendo a comparação entre os esforços da Eschola de Sagres, tentativas, explorações e viagens que precederam a assombrosa viagem de Vasco da Gama — do Tejo ao Ganges, por Moçambique — e os esforços, tentativas, explorações e viagens gue precederam á notabilissima travessia de Capello e Ivens — de Mossamedes a Quilimane, por Angola e Moçambique, mas são factos que pertencem aos tempos modernos ou contemporaneos e d'elles me occuparei detidamente no trabalho que lhes consagro, e, por agora, só desejo reproduzir na propria lingua hespanhola, o trecho que foi transcripto na *Revista de geographia commercial*, de Madrid[2].

E do theor seguinte:

«*En otro artículo valiente y patriótico de la redacción, que aplaudimos con toda nuestra alma, dice: «La travesía de Stanley hizo el Estado Libre del Congo; la travesía de Capello é Ivens funda la nueva provincia del medio y alto Zambese. La travesía de Stanley, hija del acaso y dirigida por la corriente de un río caudaloso, fué el fundamento único para crear un Estado en el centro del Africa ecuatorial: la travesía de Capello é Ivens, enlazando las provincias de Angola y Mozambique, es fundamento seguro para crear una nueva provincia en el medio y alto Zambese. La travesía de Stanley se hizo á mano armada, como un viaje de conquista, viaje de tribu contra tribu, imponiéndo-se por la fuerza; la travesía de Capello é Ivens, al revés, se dirige á la exploración de las fuentes de los grandes ríos, se realiza sin disparar um solo tiro, no es travesía de conquista; tiene por guía únicamente la ciencia. Esta travesía se admira más cuanto mas se estudia, y sería crimen de lesa nacionalidad si la relegáramos al olvido, como hemos*

[1] *As Colonias Portuguezas.* — Revista illustrada, setembro de 1885, pag. 119, artigo—*Confrontos e responsabilidades,* redacção.

[2] N.º 10 e 11, de 15 de novembro de 1885, pag. 164. É inteiramente dedicado a Portugal, para celebrar a visita dos nossos exploradores Brito Capello e Roberto Ivens a Madrid, e está redigido com superior talento, grande acerto e vasta erudição.

hecho con tantas otras. No se trata ya ahora del hecho heróico de dos portugueses ilustres; se trata de un acontecimiento nacional, que imprime caracter y salva ó pierde á un puebló enteró... La nación ha comprendído que si nos arrebataron las tierras de Duarte Lópes y Diogo Cam para darlas á Stanley, no se consentirá nunca que nos arrebaten las tierras que nos han dado Capello é Ivens.

SECÇÃO III

As provincias de Angola e Moçambique e os seus limites

Os territorios comprehendidos entre as nossas provincias de Angola e Moçambique estão em condições muito especiaes, e urge attentar para o que se está passando junto á sua região meridional. Ha muito tempo que manifestei as minhas idéas a este respeito e julgo de toda a conveniencia reproduzil-as novamente.

«A carta geographica da Africa Austral, ha cerca de cincoenta annos, não dava grande trabalho por causa dos limites dos estados que ali existiam. Bastou, porém, o apparecimento de um nucleo de europeus n'aquellas paragens para ser necessario reformar o respectivo mappa geographico, e começar algumas paginas no grande livro da historia das nações. Estes e outros exemplos são prova evidente de que o homem é essencialmente cosmopolita, podendo occupar zonas mui diversas em um limitado praso de tempo.

«Implantou-se, finalmente, o germen europeu nas terras que se nos deparam na região extrema da Africa meridional, junto ao Cabo da Boa Esperança, padrão da nossa gloria e testemunho do nosso esquecimento. Era propicio o paiz que participava mais de uma tempera-

tura temperada do que quente. A aclimação dos europeus ali tem sido attestada pelo seu numero, rapidamente augmentado. Deram-se, com effeito, circumstancias extraordinarias que fizeram nascer uma corrente colonisadora ascendente, que vae abrindo caminho do S. para o N., approximando-se mais e mais da zona tropical propriamente dita.

«A ninguem escapará decerto que essa onda europêa, lançada sobre as terras da Africa Austral, póde crescer, subir e abeirar-se das possessões portuguezas. Não aventamos uma hypothese casual. Dizemos o que pensamos, tendo diante de nós uma carta geographica e estudando com a maxima attenção o que se passa nas regiões da Africa Austral. Leva-nos a este exame a nossa posição de medico do ultramar. Cumpre-nos, pois, dizer o que observamos, e olhar tanto para o futuro como para o presente das nossas provincias de Africa. Não devemos attentar com indifferença nos povos limitrophes d'estas nossas possessões. Podemos ser um dia surprehendidos por qualquer acontecimento extraordinario que nos traga tantos desgostos como ruina.

«Poderemos nós crear outra corrente colonisadora capaz de contrabalançar a corrente que nos é contrária?...

«Temos bases sufficientes para realisar este emprehendimento, e está dado já o primeiro passo que consiste na expedição das obras publicas a Moçambique, a qual foi largo incitamento para se avançar no grande trajecto a percorrer, devendo ser completado com as explorações geographicas e commerciaes, com missões entre os indigenas, estudos orographicos e hydrographicos, e muito especialmente com o reconhecimento das terras mais salubres e das localidades mais ferteis.

«*Se a corrente colonisadora ascendente, a que me tenho referido, póde engrossar dia a dia e trasbordar para o interior da Africa, não deve ignorar-se tambem que de um momento para o outro apparecem capitães como Owen que, sendo encarregados de trabalhos scientificos, procuram tambem fazer contractos para a cedencia dos territorios, ou desviar o commercio de uns para outros pontos, fomentando-se inimisades, apparecendo a anarchia, e dando origem a desastres cujo alcance não se calcula, mas que são bem faceis de prever.*

«Não nos extasiemos diante da grandeza das nossas colonias nem das boas relações que temos com os paizes de algumas d'ellas. É preciso trabalhar. Estude-se, pois, o meio de chamar para as terras de Africa não só larga immigração procedente das nossas ilhas adjacentes e do continente, como tambem do Brazil e de outros paizes Nomeiem-se commissões para marcarem os limites das nossas provincias africanas, e, necessario é dizel-o, imitemos o Brazil que tem empregado todos os meios ao seu alcance para construir uma carta physico-geographica do paiz, fixando com todo o cuidado as fronteiras de tão estenso imperio. Tratemos tambem de fazer o mesmo na Africa portugueza, começando quanto antes por definir as fronteiras entre as diversas povoações indigenas e os districtos meridionaes de Moçambique e Angola. Prestemos mais attenção para o lado meridional do que para a região opposta.

«Quaes são os limites das nossas terras da Africa com os diversos territorios que as rodeiam?

«Onde deve parar essa corrente colonisadora, que, partiu do Cabo da Boa Esperança, occupou os valles que

rodeiam a colonia do Porto Natal, passou além do rio Vaal e já quer contar por limite superior o rio Limpopo?

Qual é o melhor meio de aproveitar o Cunene?...

«Diz-se que esse rio em um percurso superior a 400 kilometros admitte embarcações de maior lote, e d'ahi para E., na altura oriental do districto de Mossamedes, apenas recebe embarcações pequenas. A sete dias de viagem mais para o interior encontra-se o rio Cubango, de que fallam os viajantes portuguezes, sendo de parecer que este rio segue para a nossa costa oriental. Consideram-no elles como affluente do Zambeze, e todo o seu valle é constantemente percorrido pelos negociantes portuguezes.

«Descemos a estas minuciosidades, porque não desconhecemos o que se está passando nas regiões austraes da Africa, tanto sob o ponto de vista da colonisação como da immigração. É verdade que nos pertence o extremo meridional da Africa tropico-equatorial, mas, é preciso repetir-se veremos essa região avassallada se não acompanharmos o movimento colonisador que se acha iniciado, e que nas terras do S. da Africa tem deixado rasto fecundo, como o attestam as estradas já abertas, os caminhos de ferro em exploração e tantos centenares de familias em movimento.

«Cumpre-nos patentear a necessidade de olhar para o que se passa ao S. das nossas possessões africanas, e por bem pago me darei d'este trabalho se despertar alguma attenção entre os que se interessam pela causa da Africa. O que, porém, é certo é que não deixarei de dizer a verdade alto e tão alto que possa ser ouvido em todos os angulos de Portugal. Como medico, trato de estudar a salubridade e insalubridade relativa das nossas possessões, mostrando as condições

em que ellas se encontram e as vantagens que podem auferir-se da sua colonisação realisada de raiz e a preceito; mas seria incompleto o meu trabalho se não fossem referidas todas as circumstancias que podem perturbar a nossa colonisação ou tolher a emigração que tentamos promover para a nossa região tropico-equatorial ao S. do equador. Não possuimos ali sómente as zonas maritimas ao oriente e occidente. Pertence-nos de facto e de direito todo o territorio central.

«Percorremol-o já por muitas vezes, abeirámo-nos dos lagos que por ali se deparam, vadiámos os rios, transpozemos os montes, e por toda a parte deixámos largos e profundos vestigios da nossa passagem.

«Se devemos memorar a viagem dos homens que foram encarregados de levar ao governador da provincia de Moçambique um officio do governador de Angola, cumpre-nos muito especialmente notar que esses viajantes não precisaram de dezenas de carregadores para transportarem animadoras mercadorias.

«Era natural este facto, pois que estavamos em territorio portuguez e em terra de amigos ou de alliados, o que não acontece aos exploradores inglezes. Tratam por isso de organisar commercio e cuidam em obter os melhores meios de transporte.

«E não são as missões inglezas antes politicas e commerciaes do que religiosas? Sem duvida e a tal ponto que a mesma parte religiosa, n'ellas admittida como bandeira de protecção e refugio, está de todo o ponto subordinada á intenção politica.

Temos, pois, optimo exemplo nos exploradores inglezes, e bom é que elle aproveite e faça com que mudemos de systema, tratando de colonisar as terras, protegendo

o commercio, para o que é indispensavel paciencia e especial cuidado, e animando a agricultura por meio da abertura de estradas, melhoramentos sanitarios das povoações, ensino fabril, índustrial e religioso.

«A emigração que se dirige para o Brazil mudará emfim, e irá fertilisar as planicies africanas, para onde apenas se póde entrar pelo sertão de Mossamedes, pelos valles do rio Cunene, pelos alto-planos ao N. da republica dos Boers, pelas terras de Lourenço Marques, e, finalmente, pelas vizinhanças do lago Nyassa — territorios todos que nos pertencem.

Direi, por ultimo, antes de concluir, *que para cima dos rios Cunene, Cubango e Limpopo não devem passar outros povos europeus.* E para não se realisar tal acontecimento, urge seguir o movimento colonisador principiado entre as nações da Europa, e mostrar que, assim como fomos os primeiros povos que descobrimos e explorámos largos territorios da Asia e Oceania, do mesmo modo devemos ir na vanguarda dos povos mais ousados não só por sermos mais conhecedores das terras da Africa Central, mas tambem por nos acharmos mais relacionados com os indigenas e possuirmos mais vastos territorios desde o oriente ao occidente do continente africano[1].»

A respeito da nossa provincia Angolo-Moçambicana, depois de apresentar a enumeração das conquistas e explorações do nosso seculo d'ouro, feita por H. Major, um dos mais distinctos geographos do seculo XIX, escrevi eu o seguinte:

[1] M. F. Ribeiro—A provincia de S. Thomé e Principe e suas dependencias ou a salubridade e insalubridade relativa das provincias do Brazil, das colonias de Portugal e de outras nações da Europa, 1877, pag. 178 a 182. (Extracto).

«Recordarei os nossos brilhantes feitos do seculo XV e XVII, para nos servirem de exemplo. Não será menor a gloria que nos espera se não desanimarmos, se tornarmos as palavras em obras, se cuidarmos emfim de colonisar de raiz e a preceito a provincia de Angola e a zona tropico-equatorial que se estende d'ali á outra costa, a Africa portugueza, onde podemos criar um imperio maior do que o do Oriente[1].»

São, portanto, bem definidas, ha muitos annos, as minhas idéas ácerca da natural formação da nossa provincia Angolo-Moçambicana, e não posso tornar-me suspeito por advogar a resolução de um problema que devia ser para nós, como outr'ora fôra o da India e o da terra do Preste João. Falta-nos, porém, a educação colonial, e, póde dizer-se sem exaggero, por emquanto a colonisação e a exploração das colonias é simplesmente official e não nacional.

Nos territorios da Africa teem feito diversas explorações os portuguezes, italianos, francezes, inglezes, allemães, africanos e arabes, e ahi procuram alargar os seus dominios os inglezes e os belgas, querendo estes estabelecer ali colonias para o que não se poupam a sacrificios.

E por que meios poderão estas nações adquirir novos territorios?

Por *descoberta*, por *conquista* e por *cessão* ou *doação expressa*, bem provada e documentada. Deve accrescentar-se, além d'isso, a *exploração* pratica, effectiva e devidamente demonstrada. E é innegavel até que este ultimo meio é o que hoje está merecendo mais attenção entre as nações, o que se torna evidente, quando se

[1] *A provincia de S. Thomé e Principe,* já citada, pag. 197 a pag. 45 e seguintes. (Extracto).

attenta na vertiginosa febre de explorações de que estão accommettidos todos os europeus.

Não ha outros principios que attestem o direito de qualquer nação ao territorio que occupa, e, por esses mesmos principios, se prova á evidencia que nos pertencem de facto e de direito os territorios comprehendidos entre as nossas provincias de Angola e Moçambique, porque somos a unica nação que ali tem conquistas, doações expressas e uma exploração patenteada ao mundo por centenas dos nossos compatriotas que pagaram com a vida a sua dedicação e animo aventuroso.

E dá-se talvez um caso virgem entre os diversos paizes da Europa—um caso de que não ha precedente na historia. As nações colonisadoras, esquecidas da Africa por tantos seculos, acercam-se agora dos territorios portuguezes, adquiridos e regados com o sangue de tantos martyres e julgam-se descobridores e exploradores do que nós já haviamos descoberto e explorado! É indispensavel discutir com serenidade e apreciar os factos com toda a lealdade, e, se uma parte diz respeito aos governos, a outra incumbe, por certo, aos geographos, aos colonos, aos homens d'acção ou antes á razão e á justiça.

Ricardo Kiepert, organisando um mappa d'Africa, dividiu este continente por nacionalidades, tomando por base as viagens e descobertas ali feitas no seculo XIX.

Esqueceu-se, porém, o geographo allemão de distinguir pela côr propria e convencional o nosso territorio de Lourenço Marques e Inhambane, uma grande parte da Zambezia, incluindo o Zumbo, o rio Chire e lagos Chirua e Nyassa. Isto pelo que respeita á nossa Africa oriental. Ao occidente procedeu ainda com mais irregularidade. Deixou de parte o valle do Zambeze medio e

superior, o rio Cubango e a bacia-hydrographica do Cunene, do lado esquerdo!

Esqueceram-se tambem os defensores do phantastico *Estado Livre do Congo*, de que nos pertencem os valles do medio e alto Cuanza, os dos seus affluentes e todos os sertões adjacentes, e não duvidaram excluir estes vastos territorios dos mappas que publicam, e para onde mettem terras que nunca viram!

Ao mappa de Kiepert e aos do *Estado Livre do Congo* oppõe a revista illustrada — *As Colonias Portuguezas* — differentes mappas, onde se tomam por base as zonas exploradas e as constantes relações commerciaes com os indigenas, que aprendem a nossa lingua e distinguem muito bem os portuguezes de todos os outros europeus.

Os factos fallam, na verdade, mais alto do que quaesquer asseverações sejam ellas de quem forem. E o seculo XIX, o seculo da sciencia, o seculo em que a humanidade procura attingir a maxima perfeição pela maxima liberdade, não repetirá o exemplo dos despotas, o poder da força brutal, o direito do mais forte. Não. Os direitos honrosamente adquiridos serão sempre respeitados.

Pertence-nos o territorio formado pelas bacias hydrographicas do rio Cunene, Cubango e Zambeze, assim como toda a região da antiga Monomotapa, Inhambane e Lourenço Marques. Temos direitos indeclinaveis a todo o sertão, onde se tem realisado frequentes explorações, e onde os sacrificios de uma nação nobre e digna, são reconhecidos por todos aquelles que amam a verdade e proclamam a justiça.

Não creio que as nações da Europa vão occupar *á fôrça* o que de facto nos pertence embora se associem comnosco para se dar maior desenvolvimento ao

progresso da Africa tropico-equatorial. Poderei enganar-me, mas n'esse caso a civilisação é uma utopia, a justiça um mytho, a perfeição da humanidade um verdadeiro absurdo.

A Europa, não cessarei de o repetir, fita os olhos sobre os terrenos que se estendem entre as nossas provincias de Angola e Moçambique. É chegado o momento critico, e Portugal precisa firmar bem o seu poderio ou terá que abandonar a estranhos essas vastas regiões conquistadas, percorridas e exploradas palmo a palmo, e onde o sangue de muitos martyres soube firmar outr'ora a admiração e o respeito dos maiores potentados de toda a Africa.

Fizeram-nos justiça na questão de Bolama e de Lourenço Marques. No rio Zaire, porém, foi preciso ceder para obter uma reparação, e o Cubango, o baixo Cunene e o Zambeze, parecem escapar-se ao nosso dominio, e escapar-se-hão de certo, se a tempo não soubermos evitar o perigo.

Secção IV

Elementos praticos para se resolver com mais vantagem a nossa questão africana

É muito o que já se tem feito para resolver a questão africana, mas não basta ainda. Cumpre a cada um concorrer com as suas forças para que não se anniquilem as emprezas começadas, e se organisem outras segundo os principios da boa administração colonial.

Forçoso é, portanto, que a nossa provincia Angolo-Moçambicana seja o alvo de todos os nossos esforços e attenções, e que Portugal invide todas as suas forças para que

essa esplendida joia da corôa portugueza não seja retalhada, vendo em mãos estranhas os enormes lucros que d'ali podem auferir-se.

Mas por que meios e em que circumstancias deve tentar-se uma exploração e uma colonisação economica, segura e fecunda de modo que se possa augmentar a prosperidade colonial e obter receita sufficiente para fazer face ás despezas com a administração e com a realisação dos melhoramentos mais altamente reclamados pelas necessidades locaes?

É esta a questão mais alta e mais vital para a nossa causa africana, em que se reunem, principalmente, os seguintes problemas:

— A exploração do valle do Zaire na parte que nos diz respeito e a de todo o sertão até ao Cuango;

— O caminho de ferro de Loanda até *Malange*, pelo menos;

— A distribuição de missões, de estações de saude e de vias de communicação entre os portos de mar e os planaltos mais salubres e ferteis do interior;

— A occupação dos valles dos rios Cunene e Cubango;

— A organisação das caravanas, que estabeleçam communicações regulares entre Angola e Moçambique, o que, a meu ver, não é empresa difficil;

— A criação de colonias agricolas;

— O aperfeiçoamento das actuaes estações chamadas *patrulhas*, cuja utilidade tive occasião de reconhecer;

— A descripção da flora dos terrenos mais productivos, feita por individuos competentes, e profusamente espalhada por todas as provincias;

— A publicidade de tudo o que diz respeito á aclimação, sem o que será pouco efficaz a colonisação;

— A applicação de premios aos agricultores, negociantes e funccionarios que prestarem valiosos serviços ás colonias, sendo praticamente reconhecidos;

— O aproveitamento de tudo o que produzir receita immediata para servir de caução aos capitaes que é preciso gastar;

— A exploração geographica, mineira e agricola de cada zona que se quizer colonisar;

— Uma boa rede de estradas, bem calculada e de que resultem vantagens tão positivas, que não haja a menor duvida de que qualquer empreza commercial e agricola possa dar cento por um do capital dispendido;

— A reforma da administração colonial segundo as condições das respectivas provincias, acabando com o actual systema rotineiro e tão esteril que não póde criar receita proporcional em territorios QUARENTA VEZES MAIORES do que todo o Portugal e ilhas adjacentes!

— Aproveitamento bem calculado das zonas colonisaveis de preferencia ás de exploração, cuja producção é muitas vezes excessivamente cara ou frequentemente illusoria;

— A organisação de estações civilisadoras ou antes *estações de occupação* nas terras mais aproveitaveis, imitando o que fez Brazza e o proprio Stanley para se apossarem, em nome da França e da Belgica, de territorios onde nem os francezes nem os belgas são conhecidos!

— Providencias especiaes para animar a concorrencia dos nossos productos coloniaes com os seus semilares da America, o que só se alcançará por meio da simplificação das pautas e da mais rapida e facil navegação;

— Providencias para se educarem os colonos e evitar o absentheismo, perigo sempre grave para as colonias;

— Estudo dos recursos praticos que offerecem as colonias, attendendo *ao clima, ás aptidões agricolas, e á indole e intensidade* da população indigena e dos meios que póde offerecer a metropole, tomando por base *o funccionalismo, os colonos, os emprezarios e os capitaes.*

Não consideramos a colonisação como sciencia nem como arte, e não ha entre nós, nem nas colonias, propaganda de especie alguma e quasi se despreza uma terra que serve de penitenciaria ou de castigo aos criminosos!

Não ha uma cadeira especial de hygiene e pathologia exotica e falta o ensino de geographia e topographia colonial, nem para elle ha compendios adequados; não existe uma cadeira dos dialectos africanos, nem se fazem conferencias populares para dispertar a opinião publica e desenvolver o interesse pela vida colonial, pela exploração agricola e commercial da nossa Africa.

Institua-se, finalmente, um systema regular de colonisação, estabeleça-se a propaganda, organise-se a alta politica colonial e ataquem-se os mais largos problemas, nenhum dos quaes deixará de ser promptamente resolvido, quando haja boa vontade e saber. Não é uma questão de um ou de outro grupo de individuos — é uma questão completamente nacional.

Não se diga que não podemos, seria recusar a nós mesmos a aptidão colonisadora. E o paiz onde se tiverem por milagre os grandes prodigios do progresso, onde se explicar a imprevidencia pela fatalidade e onde se attribuir ao impossivel o que apenas é resultado da ignorancia, não tem em si condições de vitalidade, não tem força para progredir e estará fatalmente condemnado a ser absorvido, a desapparecer — a servir de exemplo do *rdem as nações.*

PRINCIPAES EXPLORADORES QUE PRECEDERAM CAPELLO E IVENS

NA

AFRICA CENTRAL

Viagens e explorações no Congo

Viagens e explorações em Angola

Viagens e explorações em Benguella

Viagens e explorações em Mossamedes

Viagens e explorações em Sofalla

Viagens e explorações nos rios de Cuama e sertões adjacentes

Viagens e explorações em Lourenço Marques

N. B. — Figuram apenas n'esta singela relação algumas dezenas de pioneiros da civilisação da nossa Africa central, devendo notar-se que muitos d'elles fizeram duas ou mais viagens, e outros residiram muitos annos n'aquellas terras. Não deve esquecer-se tambem que tomamos por limite as viagens e explorações realisadas até 1877.

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE

Os viajantes sertanejos e os negociantes que se internam, os aviados e os moçambazes, e, finalmente, os exploradores provinciaes, ou mesmo regionaes, contam-se por centenas, mas a indicação das localidades onde elles estiveram, o caminho que percorreram e as informações que forneceram, dá assumpto para obra mais desenvolvida, e a sua publicação não póde ser feita a expensas particulares. Por assignatura mal póde emprehender-se, e continuará por certo esta lacuna na nossa vida colonial, se os poderes publicos não subsidiarem tão importante trabalho.

ERRATAS

ERROS	PAGINAS	LINHAS	EMENDAS
Moiores	31	23	Maiores
G. da Silva	68	7	G. da Silveira
Fluvíal	112	2	Fluvial
gue	115	9	que
precederam á	115	10	precederam a

INDICE

DAS

PRINCIPAES MATERIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

LIVRO PRIMEIRO

6-8.

PUBLICAÇÕES DO MESMO AUCTOR

Equador, semanario, publicado na ilha de S. Thomé em 1870.

Relatorio ácerca do serviço de saude publica na provincia de S. T e Principe no anno de 1869.

Memoria ácerca dos negocios publicos da ilha de S. Thomé.

Hygiene colonial, comprehendendo preceitos e regras geraes p cortarem ou modificarem as doenças endemicas dos valles pro nos rios Cuanza e Lucalla na provincia de Angola.

A provincia de S. Thomé e Principe e suas dependencias ou a *bridade ou a insalubridade relativa* das provincias do Brazi colonias de Portugal e de outras nações da Europa. — 1 vol. impresso em magnifico papel, com 700 paginas, 24 gravuras mappa medico-geographico da região guineana equatorial.

As conferencias e o itinerario do viajante Serpa Pinto atravez das da Africa austral nos limites das provincias de Angola e M bique — Bié a Shoshong — Junho a Dezembro de 1878. — E critico e documentado, contendo tres cartas geographicas.

A capital de Moçambique sob o ponto de vista da immigração e nisação, com gravuras.

O clima de Moçambique (Boletim da Sociedade de Geographia boa.)

Homenagem a Antonio Rodrigues Sampaio.

Mappas geraes para o estudo do clima e das doenças das pro ultramarinas — 1872 a 1881. (Juntos á estatistica medica dos taes do ultramar, publicação official.)

Memorandum sobre os seus trabalhos, como professor.

A colonisação luso-africana (zona-occidental) — 1 vol. in-4.º, 300 7 bellos diagrammas.

O sulphato de quinina como preventivo das febres palustres (*Jor Sciencias Medicas de Lisboa*).

As Colonias Portuguezas — revista illustrada — publicação me collaboração com os mais distinctos escriptores, sobre assum loniaes.

Diversas publicações — Relatorios, Memorias e differentes art jornaes scientificos e politicos.